

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS MATEMÁTICAS E DA NATUREZA
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS - DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

PABLO DE OLIVEIRA CARNEIRO

**PODER PÚBLICO E A RESSIGNIFICAÇÃO DE PAISAGENS:
MADUREIRA NO CENTRO DO SUBÚRBIO CARIOCA**

Rio de Janeiro, 2018.

PABLO DE OLIVEIRA CARNEIRO

PODER PÚBLICO E A RESSIGNIFICAÇÃO DE PAISAGENS:

Madureira no centro do subúrbio carioca

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Geografia, sob orientação do Prof.º Dr.º Rafael Winter Ribeiro. Área de concentração: Organização e Gestão do Território.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Winter Ribeiro

Rio de Janeiro,

2018.

PABLO DE OLIVEIRA CARNEIRO

PODER PÚBLICO E A RESSIGNIFICAÇÃO DE PAISAGENS:

Madureira no centro do subúrbio carioca

Rio de Janeiro, 26 de Novembro de 2018.

Prof. Dr. Rafael Winter Ribeiro (Orientador) – IGEO/UFRJ

Prof. Dr. Marcos Paulo Ferreira de Góis – IGEO/UFRJ

Prof. Dr. Caio Augusto Amorim Maciel – CFCH/UFPE

AGRADECIMENTOS

Por mais que não seja do meu temperamento externar agradecimentos tão formais, preferindo o modesto reconhecimento no dia a dia, é impossível não utilizar esse espaço pra reconhecer a incauculável e imprescindível contribuição que muitos deram à realização desse trabalho. Trata-se não somente dos apoios técnicos e acadêmicos essenciais à realização de uma dissertação, mas também o apoio moral e da manutenção de uma saúde mental que tem se apresentado cada vez mais essencial no meio da pós-graduação brasileira. Foram, portanto, inúmeras conversas, desabafos, revisões, apresentações e broncas que me permitiram levar a cabo esse texto.

Não posso deixar de mostrar minha preocupação com a possibilidade de cometer algum deslize e por infortúnio não colocar algum nome, mas desde já agradeço a todos que estiveram tempo o suficiente comigo ao ponto de me chamar de chato. A estes, obrigado.

Primeiro agradeço aos familiares, sobretudo a meu pai e minha mãe que me concederam o privilégio de poder traçar meu percurso acadêmico com todo o apoio que fosse possível. Agradeço à minha madrinha Wellen e meu tio Cesar, juntamente com meus primos, por terem me recebido, me auxiliado e me orientado nos meus primeiros anos no meio acadêmico. Agradeço também a minha avó Sueli a qual dispensou horas e horas em sua casa para ouvir as histórias da faculdade. Agradeço aos demais inúmeros familiares que, com todo carinho e sincero interesse, perguntavam sempre “E a faculdade, já terminou?”. Agradeço também a Josivaldo, que se manteve grudado no meu pé até que eu finalizasse a pesquisa.

Agradeço aos manos Eduardo Spiller e Paulo Botas pela orientação espiritual e palavra amiga que nunca faltou desde o início dessa jornada.

Agradeço pela confiança em mim depositada pelo meu irmão Fernando Grilo, que não pode ver o resultado da pesquisa, mas na qual suas palavras sobre a vida no subúrbio reverberam.

Agradeço ao corpo docente e à equipe diretiva da EM Nísia Vilela em Duque de Caxias que, no contínuo esforço de resistência de uma educação pública de qualidade, construíram um ambiente de trabalho que me transmitiu tranquilidade e segurança para concluir a presente pesquisa.

Agradeço aos diversos colegas de turma da graduação, muitos dos quais aceitaram e embarcaram também nessa aventura do mestrado, dividindo expectativas, compartilhando inseguranças e discutindo estratégias.

Agradeço ao professor William Ribeiro da Silva pela participação na banca de qualificação e pelas contribuições que ajudaram a delinear os rumos dessa pesquisa.

Agradeço à parceria estabelecida com o grupo do LECgeo, uma turminha do barulho coordenada pelo professor Caio Augusto Amorim Maciel, que não somente ao longo desses anos permitiu a definição dos rumos dessa dissertação, mas que desde o início contribuiu para a delimitação do objeto de pesquisa.

Agradeço também ao professor Marcos Paulo Ferreira de Gois que aceitou o compromisso de compor a banca examinadora de defesa dessa dissertação.

Agradeço sobretudo aos principais responsáveis pelo desenho e desenvolvimento de minhas pesquisas ao longo da faculdade, o Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Política e Território – GEOPPOL. À sua coordenadora Iná Elias de Castro e seus orientandos Guilherme Félix, Caio Perdomo, Tatiana Lemos e vários outros que me deram dicas e discutiram comigo sobre o tema. Aos power rangers originais que embarcaram comigo desde o início, Alan Guedes, Débora Coutinho, Ludmila Chaves, Pedro Henrique Fernandes e Verônica Oliveira; mas também aos bravos integrantes da fase heróica que nos receberam, Adriano Soares, Jardel Sandy, Guilherme Nascimento, Mariana Brito e Paula Azevedo. Também aqueles que durante essa jornada foram surpresas e adições essenciais ao grupo, como Rachel Moura, Dirceu Cadena, Vitor Scalercio, David Tavares, a caloura Beatriz Velloso, Gabrielle Reis e Gilberto Hermínio, mais recentemente os novatos João Pires, Pedro Tavares e Bianca Ferreira, esta última a quem eu devo parte das ilustrações apresentadas aqui. Todos esses que contribuíram com inúmeras discussões dentro do grupo, nas filas do bandeirão, nos almoços, em campos, eventos, apresentações e mesmo nas redes sociais.

Agradeço especialmente ao meu professor orientador Rafael Winter Ribeiro, não somente pela orientação nessa pesquisa, mas pelo esforço e empenho aplicado na condução e manutenção da coesão desse grande grupo de pesquisa. Não poderia existir metáfora melhor para explicar seu trabalho conosco que não uma leoa que usa de toda sua força para proteger suas crias, força essa sabiamente dosada também para nos manter na linha e nos lembrar sempre de nossas responsabilidades. Este é diretamente responsável pelo bom convívio que esse grupo estabelece, pelo saudável ambiente de trabalho construído e pelo resultante prazer que temos em desenvolver e completar nossas pesquisas da melhor forma possível para entregá-las à comunidade. Este, juntamente com os demais competentes docentes do nosso departamento, tem sido uma das últimas falanges de resistência na manutenção de uma faculdade pública, gratuita e de qualidade que contribuem para o desenvolvimento da pesquisa no Brasil.

“Se você quiser. Se você se esforçar. Se você treinar. Se você entrar de cabeça. Se você se concentrar. Nada garante que você vai conseguir.”

Craque Daniel

RESUMO

CARNEIRO, Pablo de Oliveira. **Poder público e a resignificação de paisagens: Madureira no centro do subúrbio carioca.** Rio de Janeiro, 2018. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.

A cidade do Rio de Janeiro esteve em evidência nos primeiros anos de 2010 pela perspectiva de recepção de múltiplos grandes eventos internacionais e a conseqüente chegada de milhões de turistas. Utilizando-se dessa retórica e planejando a operacionalização desses eventos a Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, na gestão de Eduardo Paes (2009-2016), iniciou um grande projeto de intervenção urbana que alteraria diversos pontos da cidade. Dentro desse projeto pudemos observar como o bairro de Madureira recebeu uma grande concentração de intervenções materiais e apareceu como figura de destaque na publicidade e propaganda realizados pela Prefeitura. Esta foi uma situação incomum para um bairro que não estava programado para receber nenhuma atividade desses eventos internacionais. A presente pesquisa parte dessa situação problema para discutir como as ações de publicidade do governo municipal participaram da construção de novas narrativas sobre a paisagem do Rio de Janeiro, buscando transformar as ideologias geográficas associadas ao subúrbio carioca de modo a dar destaque às suas obras de intervenção urbana. Dessa forma analisamos os vídeos publicitários divulgados pelo canal da prefeitura no Youtube, Riocidadeolímpica, visando explorar sua estratégia retórica de construção de Madureira enquanto metonímia geográfica positiva do subúrbio carioca. Foram identificados assim os principais elementos do bairro utilizados pela Prefeitura como símbolos identitários para a construção de sua narrativa da paisagem, assim como discutimos um novo papel de destaque que essa narrativa do poder público atribui a Madureira dentro do contexto urbano do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Narrativas da paisagem, ideologias geográficas, metonímias geográficas, Cidade Olímpica.

ABSTRACT

CARNEIRO, Pablo de Oliveira. **Public power and the resignification of landscapes: Madureira in the center of carioca suburbs.** Rio de Janeiro, 2018. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.

The city of Rio de Janeiro was in evidence in the early years of 2010 due to the prospect of hosting multiple large international events and the consequent arrival of millions of tourists. Using this as a rhetoric and planning the operationalization of these events, the Municipal Government of Rio de Janeiro, in the management of Eduardo Paes (2009-2016), initiated a major urban intervention project that would change several points of the city. Within this project we could observe how the Madureira neighborhood received a great concentration of material interventions and appeared as a prominent figure in publicity and propaganda carried out by the City Hall. This was an unusual situation for a neighborhood that was not scheduled to receive any activity from these international events. The present research starts from this problem situation to discuss how the publicity actions of the municipal government participated in the construction of new narratives about the landscape of Rio de Janeiro, seeking to transform the geographic ideologies associated to the Rio suburb in order to highlight their urban interventions. In this way we analyze the publicity videos published by the city's Youtube channel, Riocidadeolímpica, in order to explore its rhetoric strategy of construction of Madureira as a positive geographic metonymy of the Rio suburb. Therefore the main elements used by the City Hall to build the neighborhood's identity were determined as symbols for the construction of its landscape narrative, as well as discussing a new prominent role that this public power narrative attributes to Madureira within the urban context of Rio de Janeiro.

Keywords: Landscape narratives, geographical ideologies, geographical metonymy, Olympic City.

LISTAGEM DE FIGURAS

Figura 1 – Propaganda municipal indicando a visão da Avenida Rodrigues Alves antes e depois da derrubada do elevado da perimetral.	14
Figura 2 - As peças de um tabuleiro de Tangram podem ser reorganizadas de diferentes formas para imitar outras figuras.....	40
Figura 3 - A paisagem através dos referenciais ideológicos	42
Figura 4 - Modelos de segregação residencial.....	47
Figura 5 - Modelo de cidade com múltiplas centralidades	50
Figura 6- Visão da Entrada Principal do Mercado de Madureira a partir da Av. Edgar Romero	81
Figura 7 - Visão de um dos corredores do Mercado de Madureira	81
Figura 8- Imagens do Baile Charme realizado em baixo do Viaduto Negrão de Lima	82
Figura 9- Letreiro do Baile Charme de Madureira e menção à patrimonialização	82
Figura 10- Estação Madureira antes da duplicação do viaduto Negrão de Lima em 2010	84
Figura 11 - Vista da reforma da quadra da Portela.....	84
Figura 12 - Imagem de evento na Quadra da Portela, escola é uma das três sediadas em Madureira.....	84
Figura 13 - Praça do Samba, o palco de eventos do Parque Madureira	86
Figura 14 - Nave do Conhecimento (esq.) e Centro de Educação Ambiental (dir.) do Parque Madureira.....	87
Figura 15 - Vista aérea, lado a lado Parque Madureira e linhas de transmissão de energia elétrica	87
Figura 16 - Vista de crianças brincando na escada hidráulica.....	87
Figura 17- Sistema BRT no bairro de Madureira	89
Figura 18 - Mergulhão Clara Nunes no limite entre Madureira e Campinho.....	90
Figura 19 - Antigo Viaduto Negrão de Lima (dir.) e a nova duplicação (esq.).....	90
Figura 20 - Palácio Rio 450, subsede da Prefeitura.....	90
Figura 21 - Na primeira página do jornal, Eduardo Paes comemorando a reeleição municipal no meio da população no Parque Madureira	91

LISTA DE MAPAS E GRÁFICOS

Mapa 1 - Localização do bairro de Madureira	17
Mapa 2 - Elementos identitários destacados em Madureira	19
Mapa 3 - Divisão interna da cidade segundo Soares, 1965	53
Mapa 4 - Divisão administrativa do Rio de Janeiro em Áreas de Planejamento.....	59
Mapa 5 - Área de Intervenção para a construção do Parque Madureira.....	86
Gráfico 1- Vídeos publicados por semestre no canal RioCidadeOlímpica	77
Gráfico 2 – Proporção dos principais elementos apresentados de Madureira por semestre.....	77
Gráfico 3 – Elementos de Madureira tratados nos vídeos por semestre.....	78

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACOES

AP(s)	Área(s) de Planejamento
BMX	Bicycle Motocross
BRT	Bus Rapid Transit (Transporte de Ônibus Rápido)
CMRJ	Câmara Municipal do Rio de Janeiro
EFCB	Estrada de Ferro Central do Brasil
EOM	Empresa Olímpica Municipal
FIFA	Federação Internacional de Futebol Associação
G.R.E.S.	Grêmio Recreativo Escola de Samba
PCRJ	Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro
RA(s)	Região(ões) Administrativa(s)
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

Introdução.....	12
1 Narrativas da paisagem: entre ideologia e metonímias.....	25
2 O conceito de subúrbio e sua apropriação carioca.....	44
2.1 O desenvolvimento do conceito de subúrbio.....	45
2.1.1 A expansão urbana e segregação residencial.....	45
2.1.2 Subúrbio é periferia?.....	47
2.2 Conceito carioca de subúrbio.....	51
2.3 A identidade suburbana.....	59
3 Poder público na ressignificação de paisagens.....	71
3.1 A Madureira do poder público por Eduardo Paes (2009-2016).....	72
3.2 Quem é Madureira?.....	78
3.3 “Uma cidade, que se transforma dia após dia, tem muito o que mostrar.”.....	92
Considerações Finais.....	108
Referências Bibliográficas.....	113
Apêndice.....	121

INTRODUÇÃO

Recentemente, devido às obras promovidas pela Prefeitura na última década, a cidade do Rio de Janeiro passou por um momento de intensa transformação. Para além da reformulação física dos espaços houve também uma transformação dos sentidos expressos na paisagem e a relação que os cariocas estabelecem com eles. São velhos símbolos que foram resgatados, símbolos revalorizados ou ainda alguns que foram esquecidos ou marginalizados, reorganizados para construir novas relações de afetos de moradores e estrangeiros na cidade. Com essas transformações materiais a Prefeitura atuou na promoção a construção de novos discursos sobre a identidade da cidade, tanto para moradores como para visitantes.

Diferente do que vimos em algumas operações urbanas restritas, as intervenções recentes do governo municipal incluídas na preparação para os Jogos Olímpicos de 2016 durante a gestão Eduardo Paes (2009-2016) ocorreram em vários espaços espalhados pela cidade. No entanto essas intervenções não seguiram o mesmo padrão, de forma que cada espaço será valorizado de uma forma diferente para cumprir o seu papel dentro do discurso que a Prefeitura acabou construindo sobre o que considerava “a nova cara da cidade”. Nesse contexto observamos um destaque atribuído ao bairro de Madureira, onde a concentração de várias ações do poder público promoveram física e simbolicamente o bairro, resituando-o dentro da hierarquia urbana econômica e simbólica que existe no Rio de Janeiro.

Percebemos que essa concentração de ações em Madureira instalou um processo de revalorização do bairro, resituando-o em relação à outras áreas da cidade. Seus símbolos e identidade tornaram-se uma fração de um conjunto maior para a cidade. Sua valorização como um dos espaços centrais para intervenções urbanas públicas ao que parece tem sido também resultado da escolha de uma certa forma de observar o popular, o pobre e/ou subúrbio no Rio de Janeiro. Dentre os vários bairros que ocupam esse espaço de suburbano no imaginário carioca, foi Madureira o principal escolhido pela gestão Eduardo Paes como objeto de valorização. De outra forma, é possível dizer, que Madureira foi tomado enquanto uma metonímia geográfica do que é entendido como subúrbio no Rio de Janeiro, ou seja, uma fração desse espaço que foi impulsionada de outras cargas de valor, tendo seus símbolos próprios destacados e fundidos aos do subúrbio carioca, e estaria agora representando todo o espaço e os valores tidos como suburbanos.

Esse tipo de intervenção física que busca transformar simbolicamente os espaços não é uma novidade e, observando as intervenções públicas prometidas para a cidade desde os anos 2000, conseguimos perceber uma vontade de reestruturação urbana muito semelhante ao fenômeno que Peter Hall (2013) descreve para as cidades europeias e norte-americanas nas décadas de 1970 e 1980. Nele antigas áreas do centro urbano recebem ações de restauração e refuncionalização, combinadas à construção de um discurso de modernização que busca alterar a dimensão simbólica local e atrair consumidores, esperando um crescimento econômico e valorização patrimonial. No recente projeto realizado por Eduardo Paes, encontramos uma associação desses espaços, enquanto ocorrem ações focadas na área central, há também esse espraiamento das ações simbólicas e materiais para incluir e dar visibilidade à narrativas de lugares como Madureira.

O conceito de paisagem tem assumido cada vez mais influência em processos dessa natureza, uma das explicações advém do conceito que Patch (2004) identificou como paisagem incorporada¹. Segundo o autor para uma área receber uma ação de valorização econômica bem-sucedida é fundamental que haja nela previamente um conjunto de símbolos que possa ser resgatado para dar força e identidade àquele espaço. Isto é, a narrativa que se faz para vender um espaço como único não se faz do nada, mas da seleção e transformação de objetos locais em ícones deste espaço, saem o conjunto de símbolos que já são identificados da paisagem de um espaço. Sant'Anna (2004), em sua tese, já detalhava ações utilizadas para desenvolver estratégias como essas em cidades brasileiras como Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo desde os anos 1970.

Um dos seus grandes ícones desse processo recente no Rio de Janeiro foi a derrubada da Avenida Perimetral, na Zona Portuária (Figura 1). Para tanto construiu-se em torno do elevado um discurso de que este interrompia a fluidez da paisagem, de forma que com sua demolição prometeu-se desvelar ao público o que haveria de mais legítimo enquanto patrimônio da cidade e teria sido escondido por este, sua relação com o mar. É um esforço de expansão de uma fronteira econômica dentro da área central da cidade, que se utiliza também de uma incorporação simbólica dessas áreas ao transformar o modo como vemos e nos relacionamos com suas paisagens.

¹ *Embedded landscape*

Figura 1 – Propaganda municipal indicando a visão da Avenida Rodrigues Alves antes e depois da derrubada do elevador da perimetral.



Fonte: LUKEHDD. Disponível em: <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=751306&page=2411>>. Acesso em: 15 maio 2018.

O projeto da Prefeitura Municipal responsável por agrupar essas intervenções na área portuária, foi chamado de “Porto Maravilha”, organizado enquanto uma parceria Público-Privada com atuação de diferentes esferas de governo e entidades privadas. Este apresentou várias características semelhantes a outros projetos desenvolvidos em cidades ao redor do globo, que adotaram estratégias de “revitalização portuária” (ROSSI; VANOLO, 2011). Entretanto, como era de se esperar, o Rio de Janeiro buscou construir elementos próprios como estratégia de criação de uma identidade frente às demais cidades, procurando disputar com essas um prestígio e atração turística e comercial. Foi assim que o projeto adotou como proposta cultural não somente museus institucionalizados, mas também iniciativas como o “Circuito da Herança Africana” para a preservação da memória africana (CRUZ, 2016), ou a criação e revitalização de novos mirantes e pontos de vista da cidade através da Zona Portuária (FERNANDES, 2016).

Projetos como o Porto Maravilha e vários outros do poder municipal foram reunidos, na administração de Eduardo Paes, num programa maior da Prefeitura denominado *Cidade Olímpica*. A justificativa era a preparação da cidade para os Jogos Olímpicos 2016 e, no processo, gerar impactos positivos e melhoria da qualidade de vida na cidade. No entanto o programa se tornou um termo guarda-chuva que englobou quase todas as obras de intervenção

urbana realizadas na cidade, rapidamente o termo se tornou o logotipo dessa administração pública numa estratégia de *city branding* em nível global. Assim, como discutiremos posteriormente, muitas das obras que foram incluídas sob a marca não possuíam qualquer relação com a realização dos Jogos, tendo sido associadas a eles mais tarde.

Como expressão desses objetivos houve a criação da Empresa Olímpica Municipal (EOM), em agosto de 2011, para coordenar a construção dos projetos sob a marca Cidade Olímpica. Inicialmente a empresa foi presidida por Maria Silvia Bastos Marques, de formação em administração pública e na área econômica, atuando na coordenação das fases iniciais do processo, no planejamento e início da execução das obras. Entretanto em 2014, quando as obras se encontravam já em estágio avançado, e iniciava-se a fase mais acelerada de inaugurações, a presidência foi substituída. Assumiu Joaquim Monteiro de Carvalho, formado com especialização em Marketing esportivo, que participou nos quadros de organização dos Jogos Olímpicos de 2012, e mesmo de outros projetos de *branding* da Prefeitura (CIDADE OLÍMPICA, [s.d.]). A substituição da presidência e escolha de Joaquim Monteiro de Carvalho representou assim uma mudança de fase no projeto, onde a Prefeitura tinha agora maior interesse na capitalização do marketing das obras e suas inaugurações, a fim de conseguir garantir que estes fossem elementos eficientes na construção de sua narrativa.

Essas estratégias de marketing e simbolismos funcionaram para além dessa vitrine para o estrangeiro, foram construídas também como uma vitrine na escala política municipal. São intervenções e obras de infraestrutura que não se deram de forma isoladas no espaço, mas foram acompanhadas de toda uma construção retórica que visava persuadir e convencer o eleitorado carioca sobre a eficiência do governo municipal e da qualidade de vida que estas podem trazer. Assim não somente uma promessa econômica, as ações da Prefeitura se tratavam de tentativas de capitalizar um poder político que valorizasse e impulsionasse os membros dessa administração municipal na conquista de outras eleições. Dessa forma, vimos o uso dessas narrativas e publicização dessas imagens na reeleição de Eduardo Paes em 2012 e a tentativa de emplacamento do sucessor Pedro Paulo, antigo secretário da Casa-Civil de Paes, em 2016.

Ações como estas são exemplares de como as políticas públicas podem funcionar enquanto instrumentos de transformação do sistema de significados de uma cidade. São conjuntos de intervenções materiais, mas também estratégias de publicidade que escolhem que imagens serão mais reproduzidas, divulgadas e valorizadas; quais narrativas são construídas sobre o espaço e nos ajudam a pensar e compor a paisagem do espaço que

habitamos e influenciam como nos comportamos neste. Nesse sentido, as políticas públicas funcionam como dispositivos para influenciar anseios e comportamentos, em outras palavras, podem transformar o conjunto de referenciais ideológicos pelos quais as pessoas se guiam e entendem a cidade (BERDOULAY, 1985).

O subúrbio como recurso identitário

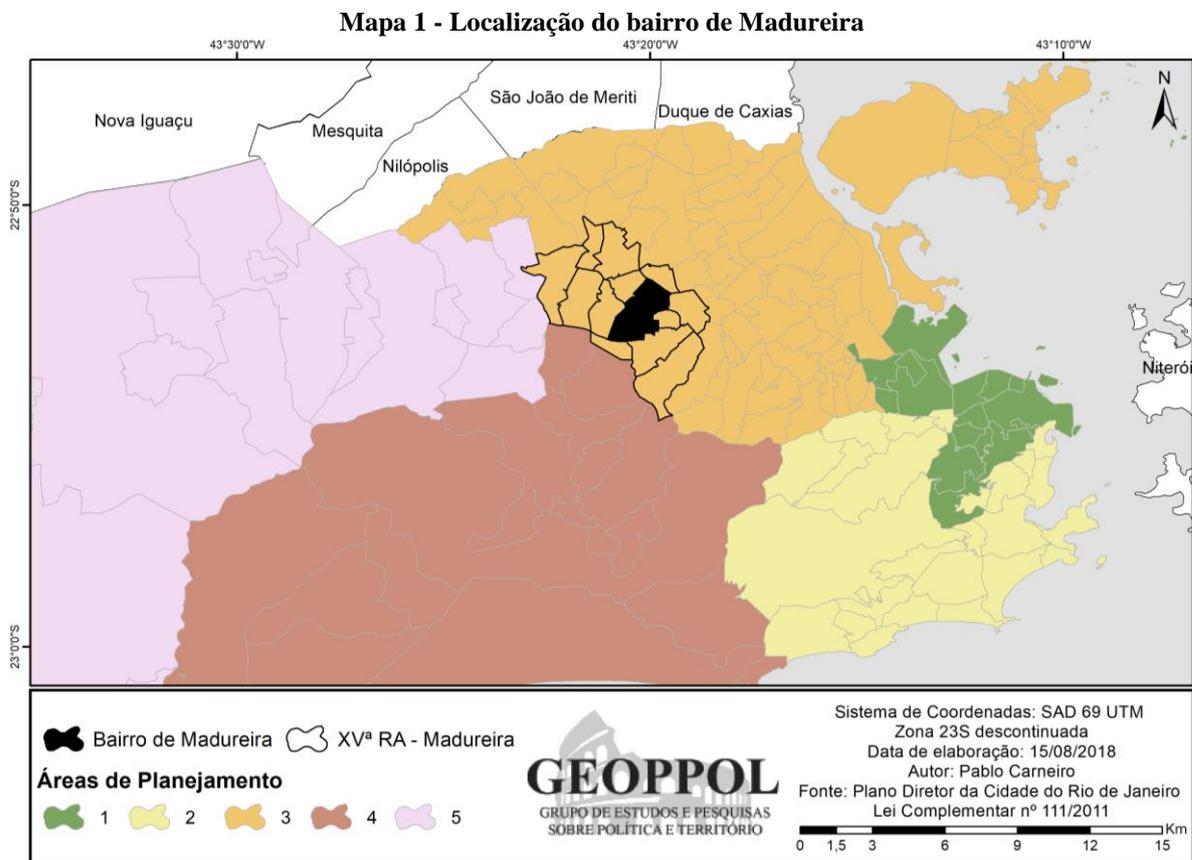
É possível encontrar uma vasta discussão sobre estratégias recentes de *city branding* e disputa de cidades em escala global por investimento e o papel exercido pela seletividade espacial. Quando falamos sobre as intervenções e parcerias público-privada desenvolvidas pela Prefeitura é preciso ter consciência da limitação espacial dessas ações e, sobretudo, sua predileção e circunscrição às áreas centrais ou já valorizadas da cidade. A Operação Porto Maravilha é um grande exemplo disso e, por mais que tenha sido realizada em uma área há décadas periférica, situa-se na área central do Rio de Janeiro. Da mesma forma grande parte das instalações olímpicas e arenas se concentraram em bairros já valorizados, tal como os bairros oceânicos e a Baixada de Jacarepaguá, outra vez recebendo um grande evento de competição esportiva.

No entanto, como venho argumentar aqui, o processo desenvolvido pela administração Eduardo Paes apresenta uma certa peculiaridade no quesito de áreas incluídas nessa valorização, assim como apresenta em sua narrativa uma estratégia de inclusão da periferia enquanto um elemento discursivo central. Enquanto há essas ações nas centralidades tradicionais, outro conjunto de ações se desenrola numa periferia e, de modo mais específico, a concentração de ações que comentamos no bairro de Madureira. Há outras ações ainda em Deodoro, Engenho de Dentro, Campo Grande e Vila Militar, no entanto no desenvolvimento da pesquisa foi possível constatar que Madureira foi tomado como objeto principal enquanto valorização histórica na construção de um discurso sobre a cidade.

A publicidade municipal construída ao redor do projeto Cidade Olímpica estruturou uma narrativa baseada na imagem de uma cidade unificada, de antigos e novos cartões postais, que inclui não somente elementos associados ao eixo centro-zona sul, mas também os subúrbios e demais áreas periféricas no imaginário espacial do carioca. Isto é, a imagem tradicional que o carioca faz do subúrbio é resgatada no discurso da Prefeitura como elemento de aproximação com a população para, em conjunto com as áreas centrais reformuladas, apresentar uma nova paisagem sobre o Rio de Janeiro. Nesse contexto Madureira assumiu

papel central de subúrbio na narrativa, não significa colocar que é uma estratégia única e exclusiva de promoção do bairro, mas a Prefeitura a faz à medida que escolhe elementos familiares e inteligíveis sobre subúrbio associados ao bairro.

Madureira é um bairro que nunca esteve no circuito turístico da cidade e afastado de sua área central. Mas ainda que invisibilizado para visitantes externos possuía já há muito grande importância na dinâmica intra-urbana, contribuindo para uma valorização simbólica por parte de alguns próprios moradores da cidade, facilitando a estratégia de promoção simbólica que a Prefeitura buscou ativar. O estabelecimento da ocupação em Madureira é antigo e remonta às dinâmicas de produção, circulação e comércio do espaço rural da cidade desde os tempos coloniais e ao longo do século XX foi gradativamente se firmando como um importante subcentro comercial.



A confluência de importantes vias de tráfego garantiu ao bairro uma grande importância na organização interna da cidade. Suas conexões foram reforçadas ao longo do crescimento da cidade com a instalação de diversos modais de transporte e com o adensamento das ofertas desses serviços (DUARTE, 2005). Dessa forma Madureira se estabeleceu como um núcleo secundário sempre citado nas obras de evolução urbana do Rio de Janeiro, exercendo forte atração nos bairros da Zona Norte, Oeste e cidades da Baixada Fluminense (BERNARDES; SOARES, 1987; CORRÊA, 1989; VILLAÇA, 1998).

A Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, diferente de outras cidades brasileiras, utiliza as próprias divisões dos bairros como divisões administrativas oficiais. O conjunto de bairros forma as Regiões Administrativas (RAs), e estes compõem as Áreas de Planejamento (APs). O bairro de Madureira se insere na homônima XVª Região Administrativa, dentro da Área de Planejamento 3, correspondente à boa parte da Zona Norte² da cidade.

Na forma peculiar de divisão do Rio de Janeiro os bairros emprestam não somente seus nomes, mas também seus símbolos e características histórico-culturais, sendo a divisão administrativa também uma forma de registro de como os cariocas interpretam e interagem com seu espaço. Algumas divisões do espaço da cidade, como Zona Norte e Zona Sul, que nunca foram divisões oficiais, mas também outros recortes espaciais cariocas assumem o duplo papel de referenciais ideológicos de como interpretar o espaço e se portar nele, desta forma, tornam-se por vezes fundamentos de como se relacionar com as pessoas.

Essa força simbólica da qual os bairros são imbuídos deve ser levada em consideração quando observamos o mapa do Rio de Janeiro. Conquanto a Região Administrativa carregue o nome de Madureira a circunscrição do bairro é bem menor, fato que é considerado pelos moradores locais e inclusive objeto de construção de outras identidades. Entretanto a maleabilidade que existe na interpretação e relação com esses espaços é bem entendida e utilizada também pelo poder público na construção da imagem do bairro dentro de sua narrativa sobre a paisagem. Dessa forma a Prefeitura tratou de expandir a fronteira do bairro e associar algumas de suas ações a Madureira mesmo que já estivessem fora do bairro quando a conveio. O exemplo mais bem acabado dessa situação foi o Palácio Rio450 anunciado para Madureira, mas que se encontra no que oficialmente é Oswaldo Cruz, contudo é uma estratégia possível ser observada também no Parque Madureira que tem 80% da sua extensão original no bairro do Turiaçu, não em Madureira. Certamente que tal estratégia é realizada devido à centralidade simbólica que Madureira já possuía, encaixando melhor que outros bairros nas estratégias retóricas do poder municipal e permitindo resgatar outros símbolos associados ao bairro para dar suporte à narrativa.

Como comentado anteriormente, no contexto das ações da administração de Eduardo Paes, este foi um bairro que se destacou por concentrar várias obras públicas e aparecer na qualidade de protagonista em várias propagandas municipais. Na construção dessa pesquisa

² Apesar de ser uma forma de divisão da cidade e frequentemente utilizada pelos cariocas como referência, a divisão da cidade em Zonas não tem fim administrativo, sobrevivendo meramente como um registro da divisão histórico-cultural da cidade.

realizamos um levantamento dessas propagandas municipais a partir do material que ainda se encontra disponível para divulgação³. Como discutiremos melhor ao longo trabalho, dos projetos realizados pela gestão Eduardo Paes encontramos ainda online os conteúdos de canais apresentados como Cidade Olímpica em diferentes plataformas, dos quais selecionamos e separamos aqueles que referenciavam o bairro de Madureira. A partir desse material identificamos um conjunto de elementos que recorrentemente aparecem para compor as narrativas construídas pelo governo, posteriormente adicionamos também o Palácio Rio450, que não foi citado nos vídeos mas consta no site oficial da Prefeitura.

Mapa 2 - Elementos identitários destacados pela Prefeitura em Madureira



Esse conjunto de elementos simbólicos pode ser dividido em dois grupos, um dos elementos antigos e “tradicionais” do bairro, portanto anteriores à ação da Prefeitura e que foram resgatados ou revalorizados no discurso; outro dos novos elementos, produtos da gestão Paes, e que tentaram ser encaixados no conjunto de símbolos existentes como

³ Devido à mudança da gestão municipal as secretarias e o pessoal empenhado nas funções de publicidade foram descontinuados, tendo as informações pretéritas sido encaminhadas para o Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Diante da grande extensão de material recebido e do tempo necessário para o cuidado e tratamento desse conjunto arquivístico não foi possível ainda à instituição disponibilizá-lo para consulta, ou sequer informar o que existe efetivamente em acervo. As tentativas de comunicação pela Lei de Acesso à Informação retornaram infrutíferas, reproduzindo a informação apresentada anteriormente.

representativos do bairro pela administração municipal. No primeiro grupo temos a presença do Mercado de Madureira, o Baile Charme do Viaduto Negrão de Lima, as linhas de trem que cortam o bairro e a tradição de berço do Samba evocada. No segundo grupo encontramos as obras de intervenção para a construção da linha do BRT Transcarioca, o Parque Madureira e o Palácio Rio450, subsede da Prefeitura.

Tanto os elementos tradicionais do bairro quanto os novos elementos serão associados na construção dessa narrativa que destacou o bairro de Madureira e o colocou exemplo de subúrbio carioca. Falar de subúrbio em si no Rio de Janeiro é complicado, sendo um conceito de múltiplas acepções acadêmicas e populares. Fernandes (2011) identificou alguns desses problemas ao procurar a raiz do conceito na cidade, apresentando como seu entendimento mudou durante o século XX, mudando também aqueles bairros que seriam a partir de então considerados subúrbios. Isso nos mostra sua carga simbólica, permitindo interpretá-lo como uma ideologia espacial dentro do contexto carioca, *i. e.*, um conjunto de valores e significados que guia a forma como o carioca interpreta sua própria cidade.

Desta forma o que desenvolvo no presente trabalho é fruto do questionamento de como a gestão de Eduardo Paes atuou para transformar o bairro de Madureira numa metonímia geográfica do subúrbio carioca. Para isso o objetivo é identificar como se construiu e operacionalizou esse projeto de governo. Mais especificamente, procuro compreender como a concentração de intervenções urbanas públicas em Madureira e bairros vizinhos foram apropriados enquanto uma ação de ressignificação pela Prefeitura, e como as ideias do que é o subúrbio e o ser suburbano estão entrelaçadas com as intervenções realizadas e narrativas construídas. Assim a pesquisa explora também as transformações do conceito de subúrbio carioca e, na opção metodológica desta pesquisa, como é possível considera-lo enquanto uma construção ideológica. Construção essa composta por referenciais ideológicos que tendem a vir a ser revalorizados e ressignificados pela ação conjunta dos diferentes atores da cidade. Em suma, como os referenciais ideológicos compartilhados e construídos pelos habitantes dessa cidade, componentes da ideologia espacial de subúrbio, podem ser transformados ou ressignificados em outros referenciais a partir da ação de certos atores, aqui em destaque a Prefeitura. Isso implica em dois conjuntos distintos de questões específicas para a pesquisa.

O primeiro diz respeito à natureza dessa ideologia espacial de subúrbio. Isto é, a forma como se construiu academicamente e popularmente a perspectiva peculiar que o carioca tem de interpretar o espaço que considera suburbano, definindo valores e símbolos

específicos que compõem uma ideologia dessa parcela do espaço urbano. Sendo assim o que se define como conceito de subúrbio na geografia? Como é possível observar dentro do desenvolvimento da geografia urbana carioca a transformação desse conceito? Isso significa ir na raiz do processo desvelado e interpretado por Fernandes (2011), mas é também acompanhar o processo de transformação do conceito acadêmico, do termo técnico, numa categoria identitária. O *suburbano* deixou de ser uma classificação espacial no Rio de Janeiro para tornar-se uma identidade coletiva. Para tanto é preciso se perguntar o que é essa identidade suburbana, quais seus significados, mas também como é possível trabalhar e interpretar o subúrbio carioca enquanto uma construção ideológica.

O segundo conjunto de questões diz respeito à investigação de como o poder público operacionalizou essa transformação na construção do seu discurso. Isto é, quais são os elementos e valores simbólicos que o poder público mobilizou no bairro para reconstruir ou reforçar a representação de subúrbio carioca? Procuo tanto elementos já entendidos na cidade enquanto pertencentes aos subúrbios, assim como elementos originais de Madureira que puderam ser alçados a referencial ideológico de subúrbio. Da mesma forma, foi necessário averiguar quais áreas do bairro sofreram intervenções e como estas se inseriram no conjunto de significados utilizados pela narrativa do poder público? Seria possível falar de significados reforçados ou invisibilizados? Resumindo, explorar o processo de seleção de ações ou discursos que adotar uma abordagem exigem e que pode terminar por excluir outras tantas possibilidades, suscitando conflitos ou necessitando mediações.

Como estas ações estão permeadas de estratégias retóricas, é preciso levar em consideração que nem sempre o que a Prefeitura apresenta ou divulga como fazendo parte do bairro de Madureira corresponde estritamente à malha urbana oficialmente classificada como parte do bairro. É necessário portanto, nesta pesquisa, fazer um mapeamento tanto das intervenções realizadas no bairro como também das intervenções realizadas nos bairros vizinhos mas referidas a Madureira. Assim busca-se aproximar de um melhor detalhamento daquilo que é concebido pelos órgãos e agentes públicos como válido de fazer parte do bairro.

Antes de prosseguir alguns esclarecimentos precisam ser feitos. Note-se que nos objetivos definidos para a pesquisa consta somente a investigação e interpelação dos atores relacionados à municipalidade. Isso significa coletar objetivos e delinear os discursos do que poderia ser visto como somente uma versão dos fatos. Entretanto, isto não significa considerar como relevante somente a visão desse ator, antes a visão adotada é que construções

ideológicas não são exclusivas de atores dominantes, mas são possíveis de serem feitas por qualquer outro grupo contestatório. Assim enquanto a Prefeitura trabalha no sentido de construir seu discurso de Madureira como metonímia de subúrbio, estratégia que investigamos aqui, é possível que outros atores estejam construindo outros discursos para Madureira ou para o subúrbio, destacando outros elementos e delimitando outros referenciais ideológicos. No entanto é preciso salientar que o processo de transformação urbana iniciado na última década tem como ator principal a Prefeitura e, se nos propomos a investigar os objetivos deste processo é razoável trabalhar com seu ator principal, que é o poder público. Como apresentamos, Madureira é um bairro com grande importância nos subúrbios do Rio de Janeiro de forma que não faltaram ao longo da história estudos urbanos que buscassem identificar como os atores locais e moradores construíam sua imagem do bairro ou de subúrbio⁴. Isso significa que independente dos esforços da Prefeitura suas ações não são as únicas e nem significam uma aceitação direta de discursos por parte da população.

Outro fator que precisamos considerar é que a Prefeitura, ou a esfera de governo, não representa um único ator coeso em ação e/ou discurso. A municipalidade é composta por vários atores, desde o Prefeito aos diferentes secretários ou outros funcionários que podem participar direta ou indiretamente do planejamento das ações. Ao longo de um governo é possível que esses secretários mudem, mudando também a orientação das ações da Prefeitura. Da mesma forma, desse conjunto de atores nem sempre coerente podem emanar conflitos que podem influenciar em mudanças no projeto. É preciso lembrar também que, dentro da sua responsabilidade enquanto governo democrático, a Prefeitura tenderia a ser aberta às questões públicas e demandas da população em geral ou outros grupos organizados, por mais que se entenda que na prática há deficiências nesses canais. Assim existe sempre a possibilidade de suas ações serem afetadas por atores que inicialmente são externos aos quadros da Prefeitura, ainda que não seja uma regra.

⁴ Para mais ver: CASTRO, João Paulo. (1999). *Não tem doutores da favela, mas na favela tem doutores. Padrões de interação em uma favela do subúrbio carioca nos anos 90*. Dissertação de Mestrado. PPGAS/UFRJ; DUARTE, Ronaldo Goulart. *A Contribuição dos Transportes Públicos para a contínua redefinição da Centralidade de Madureira*. Dissertação de Mestrado em Geografia. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001; ERICEIRA, Ronald. (2009). *A reconstrução do passado da Portela na rede mundial de computadores e nas rodas de samba*. Tese de Doutorado. PPGSAS/UFRJ; FERNANDEZ, Annelise. (1995). *Assim é meu subúrbio: o projeto de dignificação dos subúrbios entre as camadas médias suburbanas de 1948 a 1957*. Dissertação de Mestrado. PPGSAS/UFRJ.

Diante dessas duas considerações levantadas, e frente aos limites de tempo e demais recursos a que esta pesquisa está condicionada, é preciso fazer escolhas. Sendo assim para a realização desse trabalho foi delimitado como objeto os discursos e atores envolvidos na Prefeitura. Como colocado anteriormente, não significa considerar a inexistência de outros atores, tão pouco uma tentativa de invisibilizá-los, somente uma delimitação do objeto do trabalho. É entendimento também que discursos de outros atores fora da Prefeitura, assim como seus significados, possam aparecer durante as atividades de pesquisa, uma vez que eles estão presentes no cotidiano. Quando assim for, e dentro das possibilidades do texto, estes discursos serão inseridos aqui para melhor descrição da pesquisa. Da mesma forma há a possibilidade da emergência desses atores fora da esfera de governo que são cooptados pelas ações da Prefeitura, estes inevitavelmente precisam ser trabalhados.

Estrutura de apresentação

A construção dessa pesquisa se deu em três partes complementares que avançaram tanto na delimitação das matrizes conceituais como na investigação empírica do tema. O primeiro capítulo diz respeito a uma parte da revisão bibliográfica necessária à ampliação da *discussão teórico-conceitual*, sobretudo do conceito de ideologia espacial e de metonímias geográficas. O objetivo é possibilitar a operacionalização dos discursos que trabalharemos aqui sem cair num determinismo e sem fugir a geografia. Para tanto o conceito de ideologia espacial e seus referenciais ideológicos nos permitem tratar como discursos orientam a forma como interpretamos as relações sociais e ações que construiremos com o espaço. Relaciona-se a esse conceito o de paisagem, aproveitando a discussão que este traz sobre a construção de narrativas e abordando como os referenciais ideológicos podem agir sobre a imagem que fazemos do espaço que habitamos. O conceito de metonímia participa dessa discussão não somente como um instrumento de retórica e publicização, mas na discussão de como este é parte inerente da construção de nosso imaginário geográfico e mais semelhante com o conceito de paisagem que nos damos conta.

É patente na formação da identidade carioca a influência que o subúrbio carioca exerce, seja enquanto espaço de afetos e valorização da vizinhança, seja enquanto espaço da repulsa e do outro. Essa influência se exerce não somente naqueles que o frequentaram, mas também naqueles que nunca o visitaram e, pelo acesso a histórias e símbolos, formaram sua imagem sobre esse espaço e se organizam nessa cidade. Se procuro aqui discutir a associação

do bairro de Madureira enquanto subúrbio, é preciso entender como se constitui o conceito de subúrbio carioca. Para tanto realizo no segundo capítulo uma revisão bibliográfica também sobre o conceito de subúrbio, investigando suas diferentes acepções e depois uma revisão da concepção própria de subúrbio carioca que se estabeleceu na cidade e em seus estudos urbanos. O que se observa é como se constitui uma construção ideológica sobre o subúrbio, transformando o conceito e dando-lhe acepções muito diferentes das originais. Por fim buscou-se aqui também discutir como o topônimo subúrbio pode ser entendido também na cidade enquanto formador de inúmeras identidades espaciais e, depois, discutindo como seria possível trabalha-lo enquanto ideologia espacial.

O terceiro capítulo trata de como o poder público interviu física e simbolicamente no bairro. Para tanto focamos na produção publicitária audiovisual produzido pela Prefeitura no período trabalhado, tal acervo foi retirado do canal oficial de divulgação no Youtube, o Riocidadeolimpica. Inicialmente fazemos uma delimitação e apresentação dos principais pontos de interesses trabalhados e aproveitados pela Prefeitura na construção do seu discurso oficial. A esse material somaram-se dados complementares coletados em outras publicações ou sites oficiais que pudessem ajudar a identificar as diferentes apreensões sobre o projeto e interesses envolvidos. Ainda que o objetivo do trabalho não tenha sido uma avaliação das intervenções ou da eficiência dos discursos construídos considerou-se importante construir uma aproximação com o objeto de estudo retratado. Portanto, durante a elaboração da pesquisa foram realizados trabalhos de campo para permitir *in situ* a construção de experiências e vivência sobre o lugar e seus símbolos. A partir desse material, durante o último capítulo o que se busca conferir é como essas intervenções, essas alterações no conjunto material, se relacionaram com o conjunto simbólico local, procurando mudanças na ideologia espacial de subúrbio. Seria possível apreender Madureira enquanto esta metonímia geográfica do subúrbio carioca? Qual a função ideológica dessa metonímia? Quais os objetivos traçados pelas ações da Prefeitura? Como esta narrativa funciona para o poder municipal? Como essa ideologia está relacionada ao perfil das intervenções realizadas? Essas são questões que dirigem a investigação e a ordenação do trabalho.

1 NARRATIVAS DA PAISAGEM: ENTRE IDEOLOGIA E METONÍMIAS

Uma das referências que influenciou a construção deste trabalho e é a pesquisa de dissertação de Nelson da Nóbrega Fernandes intitulada *O rapto ideológico da categoria de subúrbio: Rio de Janeiro 1858/1945* defendida em 1996, que depois se tornou um livro homônimo em 2011. A partir de sua pesquisa, Fernandes (2011) defende que o conceito de subúrbio sofre uma corrupção na cidade do Rio de Janeiro. Segundo o autor, esse processo é fruto de uma estratégia ideológica do poder dominante de marginalizar certos espaços da cidade em detrimento da valorização de outros. Nessa perspectiva o “conceito carioca de subúrbio” é uma construção ideológica não somente do meio acadêmico, mas tem base e reprodução no uso cotidiano pela população.

Conquanto concorde com a leitura do processo realizada por Fernandes e reconheça a importância de sua crítica para o campo da geografia urbana na cidade do Rio de Janeiro, esse trabalho traz certas diferenciações metodológicas. A principal diferença se dá no que interpretamos quanto ao conceito de ideologia. Para tanto delineamos quatro pontos principais de divergência: 1) a ideologia não é uso único e exclusivo de uma classe dominante, mas produto de qualquer grupo social; 2) as ideologias possuem sua autonomia, então não são somente ferramentas construídas, como também tem papel ativo e se transformam e agem sobre a sociedade; 3) sua construção se confunde com a prática, de forma que é composta também da não intencionalidade; 4) não é um bloco único e sim composta por um conjunto de referenciais ideológicos, elementos que dão sentido ao seu discurso mas que também garantem certa liberdade de ação aos indivíduos. Vejamos essa diferenciação.

Fernandes (2011) compartilha da corrente que “considera ideologia enquanto um discurso corrompido de poder”, isto é, a ideologia seria um discurso criado por um poder hegemônico que omite ou distorce a realidade em favor de seus interesses. Tal abordagem se identifica como parte da abordagem marxista ortodoxa ou do materialismo histórico-dialético, visão compartilhada por outros autores como Hobsbawm (2002) e Althusser (apud BERDOULAY, 1985), entre tantos outros, e durante muito tempo representou e ainda representa grande parte dos trabalhos já realizados sobre o tema. É uma interpretação que definiu a base para os estudos marxistas que então se empenhavam em desvelar as bases das narrativas ilusórias criadas pelas camadas dominantes da sociedade para justificar seu poder (VINCENT, 1995). No entanto é preciso questionar algumas bases dessa ideologia marxista

para avançar dentro do próprio conceito. Um dos primeiros grupos a formar uma crítica sobre essa abordagem foi a escola do “Fim da Ideologia”, que buscou se afastar da interpretação marxista e abominou qualquer uso ou estudo sobre a ideologia, entretanto acabou fechando em si mesma numa “ideologia da não-ideologia” (VINCENT, 1995). Portanto utilizaremos outra abordagem.

Segundo José Carlos Bruni (apud MORAES, 2005) a tradição marxista do estudo de ideologia pode ser dividida em duas abordagens, uma que a interpreta como “produção da ilusão” e outra na qual esta é “uma visão de mundo”. Na primeira mantém-se não somente a perspectiva da corrupção do discurso, como se entende também que a construção desse discurso é uma prerrogativa das classes dominantes, fazendo da ciência um campo de conflito entre “falsa ideologia” e “ciência crítica marxista” que busca desvelá-la. Na segunda perspectiva a ideologia é uma construção histórica por parte de um grupo social que não necessariamente o dominante, é assim um discurso que pode ser ilusório ou não, podendo ter sido construído naturalmente pela vivência desse grupo. Nessa abordagem a ciência marxista procura não somente descobrir as raízes de um discurso ideológico como seria possível também às classes dominadas ou aos cientistas e militantes marxistas criar suas próprias representações ideológicas como contra-ideologias dominantes.

Temos, portanto, uma mudança no conflito que se dá, deixando de ser uma disputa ilusão vs verdade e passa a ser um conflito de narrativas que orientam o pensamento. Vincent (1995) destaca que essa abordagem da disputa narrativa data de muito tempo, identificando já Lênin como porta-voz da criação de uma “ideologia socialista” como arma retórica na luta do marxismo, da forma semelhante, Gramsci aparece depois como defensor dessa construção narrativa, na internalização de valores e formas de pensar antiburguesas. Moraes (2005) interpreta essa separação como uma precedente corrente de visão estruturalista, preocupada com a identificação de padrões e análise sistêmica, e sua posterior transformação com uma visão historicista, preocupada com a influência da cultura na construção desses discursos, e observar a participação de diferentes sujeitos na sua construção.

Podemos perceber portanto, que dentro do próprio pensamento marxista o monopólio da construção de ideologias e, portanto, o monopólio do poder pela classe dominante, também foi questionado. Conceber a ideologia como esse conjunto de elementos retóricos que pode ser construído não somente pela classe dominante, mas também por setores dominados ou demais setores organizados da sociedade é um elemento chave para observar que há uma competição ou até interseção entre discursos ideológicos. Entretanto precisamos nos

aprofundar mais ainda nessa competição e sair da dicotomia mais purista do marxismo da divisão da sociedade entre classe dominante e classe dominada, e considerarmos ou a fragmentação dessas classes ou uma divisão social mais complexa, na qual os atores sociais se organizam de forma mais livre. Dessa forma, passamos a poder considerar a criação de múltiplas ideologias, não somente a dicotomia da ideologia burguesa em oposição à ideologia marxista/socialista. É possível, e preciso também, que se passe a considerar que dentro do que a corrente marxista observa como classe dominante podem haver diversos grupos disputando cada qual sua construção narrativa. Da mesma forma como narrativas ideológicas alternativas são feitas por vários grupos e podem ser conflitantes também entre si, não há uma obrigatoriedade desta oposição se dar somente a um poder hegemônico. Esta polissemia de ideologias, que ora podem ser conflitantes, ora semelhantes, funda um universo de conflito muito maior entre várias representações.

Além da limitação que a visão marxista de divisão de classes trouxe à dimensão política da ideologia, é possível criticar também sua superinstrumentalização e consequente perda de autonomia. Essa falta de autonomia da ideologia se origina da sua concepção como obrigatoriamente um discurso falso, mítico, destinado unicamente a ludibriar os grupos oprimidos. Isto é, a ideologia dentro da perspectiva marxista tem sido considerada como determinada pela infraestrutura, definida pela conjuntura macroeconômica (BERDOULAY, 1985). Funcionaria assim como um objeto criado pela classe dominante como um simples dispositivo de poder para subordinar as demais classes.

Esse termo, *dispositivo*, surge a partir dos estudos de Foucault (1984) que procurou discutir como se dão/ocorrem as relações de poder. A seu ver, os dispositivos são discursos ou saberes que formam “uma ‘tecnologia’ de manipulação de forças, de intervenção no corpo social e de ‘algo’ que se articula ao poder” (Foucault apud SANT’ANNA, 2004, p. 22). Agamben (2005) procura ampliar essa concepção de dispositivo para objetos onde a relação de poder nem sempre é tão evidente, o que nos permite pensar em canetas, telefones celulares ou palavras. Para ele os dispositivos foram criados para mediar a vida dos viventes na procura de sua felicidade, tornando-os pela sua relação sujeitos ativos.

Nessas concepções a intencionalidade e a racionalidade adquirem papel de destaque. Isto significa um entendimento de que alguém criou aquele objeto, ou dispositivo, para influenciar diretamente a vida das pessoas a partir de um objetivo bem definido. Note-se que isso significa que não é diretamente o dispositivo, ou objeto, que controla os indivíduos, mas pessoas que os criam e usam com essa intenção de orientar vidas e ações. A abordagem

marxista observa o uso da ideologia pelos atores sociais dessa mesma forma, tal qual um dispositivo, seja ela uma ideologia burguesa destinada a apaziguar as classes dominadas, seja ela uma ideologia marxista destinada a destruir a sociedade burguesa. Isso significa que, nessa abordagem, apesar de a ideologia influenciar comportamentos sociais, sua influência deriva não do seu conjunto de valores em si, mas de uma intencionalidade construída e impressa por dada classe social.

Porém não podemos nos cegar na intencionalidade desses dispositivos, construindo um determinismo e considerando-os todos como objetos estritamente construídos por um poder obscuro. Ao contrário, precisamos considerar também dispositivos que se desenvolvem ou da não-intencionalidade ou que, durante sua relação com os usuários, desviam-se da sua função original, ou seja, não haveria uma determinação absoluta sobre os dispositivos e sua forma de agir com as pessoas. É dessa forma que Berdoulay (1985) procura reconhecer uma autonomia para a ideologia, porque à medida que ela é fruto da sociedade esta age também sobre a sociedade, e nessa inter-relação transforma a si mesma, modifica seus significados e a partir de então os significados que passa a expressar para as pessoas.

Essa autonomia garante às ideologias outra característica fundamental que lhe é negada dentro das abordagens marxista, que é a confusão do que é construído intencionalmente e aquilo que é da prática. Segundo Berdoulay (1985) quando a ideologia é tratada como uma distorção da realidade ela se torna algo exterior à realidade da sociedade que a criou, isto é, é vista como uma representação obrigatoriamente parcial e intencional desta realidade. Ao contrário, o autor defende que esta deve ser encarada por inteiro, não só uma representação, mas também como prática, não sendo possível separar a natureza do sujeito. A construção prática da ideologia se confunde com a experiência cotidiana do sujeito, ou seja, não é possível separar aquilo que é elaborado conscientemente e aquilo que é inconsciente ou subjetivo (BERDOULAY, 1985). Assim podemos entender que a ideologia é não somente intencional, sua parte manipulável, como também é não-intencional, portanto independe do homem, adquirindo em relação a essa autonomia própria. Essa autonomia da ideologia é o que garantiria a ela agir sobre os sujeitos sem, obrigatoriamente, estar a mando de um interesse intencional superior, e assim se transformar na prática do dia a dia com esses indivíduos.

Um ponto de convergência que nos aparece é sobre a influência que as ideologias exercem nas formas de agir e pensar dos indivíduos, dos grupos sociais. Para Berdoulay

(1985) elas orientam objetivos e ações humanas, funcionando como guias para escolher o caminho a se seguir no futuro. De maneira mais direta e completa Vincent coloca que:

“Na minha opinião as ideologias são corpos de conceitos, valores e símbolos que incorporam concepções da natureza humana e, assim, apontam o que é possível ou impossível aos homens realizar; as reflexões críticas sobre a natureza da interação humana; os valores que os homens deveriam aspirar ou a que devem rejeitar; e as medidas técnicas corretas para a vida social, econômica e política que atenderão as necessidades e interesses dos seres humanos. Dessa forma as ideologias reivindicam ‘descrever’ e ‘prescrever’ para os homens. As duas tendências são entremescladas. As ideologias também pretendem legitimar certas atividades ou medidas e integrar os indivíduos, capacitando-os a ficarem coesos em torno de determinados objetivos.” (VINCENT, 1995, p. 28).

Em certa medida essa perspectiva aparece já na abordagem marxista, entretanto as prerrogativas e preceitos são entendidos como frutos exclusivos de uma intencionalidade – e intencionalidade da classe hegemônica, colocariam alguns. Em outro texto, Berdoulay (2012) coloca que esse conjunto de valores que orienta os indivíduos é composto pelo que ele chama de *referenciais* ideológicos. Estes referenciais, são partes do conjunto de significados que compõem uma ideologia espacial e não somente dão coesão à narrativa, mas podem também ser contraditórios uns com os outros o que, ao contrário do que poderíamos esperar, tende a ser benéfico à narrativa. As contradições aparentes em alguns referenciais permitem aos indivíduos uma escolha em seguir a um ou outro, de acordo com a situação que este se encontra, mas aponta também para uma não-intencionalidade e não-racionalidade da ideologia. É preciso avaliar também, tal como chama atenção o autor, que considerar esses referenciais nos leva a perceber como a ação individual possui certa autonomia quanto à ação coletiva. Isto é, o indivíduo ainda que se guie dentro dos mesmos preceitos ideológicos e, como colocou Vincent (1995), se identifique a um grupo justamente por esses preceitos, ele possui uma liberdade de ação quanto a esse grupo.

Em suma, a ideologia, por meio dos seus referenciais ideológicos influencia a forma como o homem interpreta suas relações sociais e, como consequência, influencia também as ações que este realiza. Essas ações do homem resultam em processos que transformarão seu espaço e, dessa forma, transformando também a própria ideologia que lhe orienta, uma vez que esta é fruto de suas experiências subjetivas. Portanto, vemos a espacialidade das ideologias quando estas não somente modificam a sociedade, mas se espacializam pelas ações dos indivíduos e tornam-se “significados impressos nas paisagens”⁵ (BERDOULAY, 1985, p. 209).

⁵ “sens attribués aux paysages”.

Essa espacialidade das ideologias é ainda pouco explorada, podendo ser observadas em outros trabalhos como em Berdoulay e Paes (2008), Sotratti (2010) e Paes (2015). Estes trabalhos apresentam como a ideia central a investigação de como a escolha de um certo conjunto de valores a serem destacados num espaço, e o esforço de preservar neste mesmo espaço dado conjunto de bens materiais correspondente, resultam na manutenção de uma ideologia espacial daquela área. Apesar de trabalharem a questão do conjunto de bens constitutivos da materialidade a ser preservada e os desafios e conflitos advindos desse processo, o que estes trabalhos apresentam também é o esforço para a manutenção do seu conjunto de valores – simbolismo – e que se vê dependente dessa materialidade. O objetivo então não é a mudança ou manutenção das formas materiais, mas a estruturação de um conjunto de símbolos. Nesse sentido o trabalho aqui desenvolvido tem muito em comum com estes, apesar de não estar se trabalhando diretamente a preservação e patrimonialização de nenhum espaço, o que se discute é como um conjunto material influencia/pode influenciar na seleção de símbolos e na construção de uma ideologia espacial.

Para desenvolver essa relação da ideologia enquanto um conjunto de símbolos que se espacializa trabalharemos sua relação com o conceito de paisagem. Este que, dentre as várias acepções possíveis, é tido também como um conjunto de significados que são impressos no espaço e influenciam nossa relação com este. Isto não significa colocar que são a mesma coisa, mas entender que os referenciais ideológicos construído se constituem em conjuntos de símbolos e que, ao se espacializar, estão construindo também uma visão de paisagem para um certo grupo de pessoas.

O conceito de paisagem é um conceito antigo com grande extensão de trabalhos definindo suas bases, nem sempre comuns. Ainda que seja colocado por vários autores como um dos conceitos fundadores da ciência geográfica presente desde as descrições de Humboldt sobre a diferenciação e catalogação espacial (GOMES, 1996; MACIEL, 2004; RIBEIRO, 2018a), este também não é um conceito exclusivo do campo geográfico. Inclusive as abordagens mais difundidas atualmente estabelecem sua origem no pensamento ocidental bem anteriormente aos trabalhos de Humboldt ou aos períodos que os geógrafos concordaram em colocar como a institucionalização e formação da Geografia. Apesar disso é possível observar que enquanto em outros campos do saber há um relativo consenso quanto à abordagem do conceito de paisagem, na geografia a longa história de discussão tem feito cada vez mais aumentar a multiplicidade de abordagens.

Para os arquitetos a utilização do termo paisagem é algo bem simples e que normalmente não passa por uma longa discussão sobre o tema. Há uma ênfase clara quanto a relação homem-natureza, onde a presença de aspectos naturais visíveis (vegetação, água, rochas, etc.) é fundamental para sua configuração. Devido à origem do conceito ser derivado da tradição da História da Arte, carrega também uma relação com a ideia de ser recorte espacial, portanto é operacionalizado como o espaço circunscrito e planejado. O jardim é a figura central na paisagem do arquiteto pois expressa mais diretamente a natureza num espaço do homem e de forma controlada, construído (VIEIRA, 2007). Derivado dessa concepção surge a forma de atuar do arquiteto a partir do paisagismo, tratando do planejamento e utilização de elementos naturais num projeto para torná-los aproveitáveis e esteticamente agradáveis (PANZINI, 2013). É possível encontrar trabalhos que abordem discussões mais amplas sobre o conceito e interpretações mais diversas, entretanto esta ainda se mantém como majoritária no meio da arquitetura, sendo reproduzida nos cursos de formação.

A Lista de Patrimônio Mundial da Unesco, com seu fórum de decisão composto em grande parte por arquitetos-paisagistas, é representativa dessa interpretação. Segundo Ribeiro (2018b) o órgão cria a tipologia de paisagem cultural para atender a demanda de discussões que buscavam permitir a proteção de bens por uma narrativa que associasse natureza e cultura. Essa interpretação vai reforçar uma tradição paisagista na Lista de Patrimônio Mundial, identifica o autor, dividindo espaço com uma tradição vidalina ou geográfica.

Outro campo que possui um olhar bem definido sobre o conceito seria o da História da Arte. Nesse, a construção do termo paisagem está ligado à forma como o homem se relaciona com a natureza a sua volta, mais especificamente como a percebe, a ordena e a representa, sobretudo, pictoricamente. Assim, o início da história do conceito é colocada a partir do surgimento das técnicas de enquadramento aplicadas à pintura renascentista que ampliaram a capacidade de representação espacial, estabelecendo o aspecto visual e cênico como fundamentais para sua concepção. A autora Anne Cauquelin (2007) ocupa-se em distinguir o conceito de paisagem e o de Natureza, comumente confundidos, mas associa-os à medida que a ideia de representação da Natureza é parte integrante da construção artificial de uma paisagem que satisfaça ao olhar. Assim compõe-se uma tradição onde a natureza, ou os elementos naturais, são fundamentais para a construção de uma paisagem e onde a ideia de representação é constituída a partir do recorte de visão que seleciona os elementos materiais a serem inseridos ou retirados.

No campo do saber geográfico as discussões foram menos harmônicas e uma polissemia foi construída ao redor do conceito de paisagem. Maciel (2004), buscando discutir as bases do conceito, traçou uma longa linha de transformação de suas abordagens por geógrafos, passando por Humboldt, a escola saueriana, a tradição vidalina até críticas humanistas e marxistas. Esta é uma sucessão que narra a evolução do saber geográfico, de sua busca por uma atualização e refinamento do método, mas que não representa uma evolução quanto ao conceito de paisagem. Tal como James Duncan (2012) identificou durante a década de 1990, em meio ao que se convencionou chamar de *guerra civil* entre geógrafos anglófonos, as diferentes abordagens sobre geografia cultural cresceram e se desenvolveram ao ponto de se tornar incompatíveis, onde o único consenso entre elas é a discordância umas com as outras. Entretanto, como defende o autor, isto não deve ser visto como uma falha e um problema a ser superado, mas como uma oportunidade de construir uma heterotopia epistemológica, uma multiplicidade de metodologias que permite ao observador escolher as mais adequadas ao seu objeto de estudo e problema de pesquisa.

A discussão aqui desse conceito não se propõe como uma outra revisão de sua evolução, nem a construção de mais uma narrativa sobre a história do pensamento geográfico. Antes disso busco discernir quais as principais abordagens encontramos hoje no estudo da paisagem para definir a melhor linha metodológica para esta pesquisa.

Primeiramente é preciso ter cautela para não cairmos num exclusivismo da perspectiva da geografia cultural. Nessa instaura-se uma visão dicotômica onde o olhar sobre a paisagem se fecha ou numa abordagem da escola da *Geografia Cultural Tradicional*, sob regência de Carl Sauer, ou na crítica advinda da *Nova Geografia Cultural*, a partir dos anos 1970. Esta é uma leitura simples e fundada no fato de que no seu texto *A Morfologia da Paisagem* (1998 [1925]), que buscava as bases de uma nova geografia, Sauer eleva o conceito de paisagem ao principal conceito na ciência geográfica. Entretanto, em outros textos e mesmo na sua prática de pesquisa o papel do conceito de paisagem é relativizado, colocando o conceito de área cultural como principal do campo (SAUER, 2003 [1931]). Wagner e Mikesell (2003 [1962]), descendentes da Escola de Berkeley, ao definir os principais temas a serem trabalhados no campo da geografia cultural colocam a paisagem cultural como um conceito dentre um conjunto de outros conceitos relacionados à cultura. Assim mesmo que este se colocasse como um campo do estudo da paisagem, nem mesmo este foi um conceito exclusivo. Ademais, precisamos considerar como outros campos do saber geográfico e outros autores construíram formas próprias de trabalhar o conceito na atualidade.

Para Richard Muir (2002) o conceito de paisagem carrega hoje nove abordagens diferentes que não são exclusivas da geografia, mas resultado da interação de profissionais de diferentes ciências e campos de atuação. Essas abordagens foram resumidas pelo autor em dois principais olhares, um que a considera como um objeto material e tangível oriundo do ambiente natural ou cultural, enquanto para outros esta é somente uma forma de olhar para o espaço, onde a materialidade seria secundária. Esta forma de classificação de Muir apresenta a mesma oposição que uma das tensões do conceito identificadas por John Wylie.

Wylie (2007) argumenta que o conceito de paisagem, nas suas mais diferentes abordagens pelos autores, apresenta quatro tensões que são constitutivas da sua definição e que não foram superadas por nenhuma corrente: proximidade/distanciamento; observação/habitação; olhar/terreno; cultura/natureza. Cada ponta desses tensionamentos apresenta uma oposição na forma que o conceito é observado, onde as diferentes tradições vão oscilar, combinando uma ou outra ponta. No caso da distinção apresentada por Muir temos o tensionamento entre a paisagem ser uma forma de olhar ou um terreno, um objeto material que existe. Discute-se também que enquanto alguns autores interpretam que há a necessidade de um distanciamento do objeto para a construção de uma racionalidade para trabalhá-lo, outros defendem que para se trabalhar a paisagem é necessário manter uma proximidade e imersão para compreender suas dimensões. Apesar de ser possível comparar com a tensão observação-habitação, são diferentes; a ideia da habitação é que a paisagem se constitui como um espaço circunscrito de um certo tipo de vivência, enquanto para a observação é um recorte que pode ser dado de fora. A última tensão opõe a concepção da paisagem enquanto um produto derivado da transformação de um espaço natural pela cultura humana, assim a cultura é entendida enquanto o objeto fruto da técnica que altera o ambiente, enquanto novos autores estariam compreendendo a cultura como a própria percepção humana de seu ambiente, onde os elementos de uma paisagem são sempre culturais porque sempre avaliados pela ótica de nossa cultura.

Essas tensões seriam observadas, segundo o autor, nos trabalhos de geógrafos culturais, mas são resultados da influência de vários campos de discussão dentro e fora da Geografia. Portanto seria possível lançarmos esse mesmo olhar das tensões para as abordagens de outras áreas. Por exemplo, se sairmos da geografia cultural e pensarmos na abordagem da Ecologia da Paisagem, muito utilizada na geografia física. Nesse campo encontramos um conceito de paisagem calcado no seu aspecto natural, observando-o como um recorte natural do terreno e onde o estudo da paisagem pode partir de um distanciamento

que permite a formação de categorias gerais de análise (VERDUM et al., 2012). Desta forma as tensões podem nos ajudar a observar e caracterizar também o conceito em outros campos.

Uma leitura que nos é cara aqui, capaz de reunir todas essas correntes que foram comentadas e, portanto, considerando não somente os campos dentro da geografia como também outras ciências foi a interpretação das "cinco portas da paisagem" de Jean-Marc Besse (2014). Para o autor a gama de estudos da paisagem elaborados até agora pode ser reduzida a cinco visões majoritárias, que não são completamente excludentes, de forma que um autor pode vir a circular por todas elas. Assim organiza as portas de acesso ao conceito em: 1) como uma representação cultural e social; 2) como território fabricado e habitado; 3) como meio ambiente material e vivo das sociedades humanas; 4) como experiência fenomenológica; 5) como projeto.

A paisagem vista como projeto é aquela seguida em sua maioria por arquitetos. Parte do pressuposto de que esta é o produto de um planejamento, um desenho, com projeto e função, elementos materiais organizados a integrar natureza e homem para criar um meio termo entre o urbano e o não urbano. Em suas tensões, mantém o distanciamento com o objeto, ainda que procure cada vez mais uma análise mais complexa dos significados e relações que se estabelecem no espaço de intervenção, isto se desenvolve a partir da figura do expert, um ator externo que detém o poder. Entende a paisagem como um terreno, um objeto que tem materialidade em si, mas que é fruto de um recorte por parte do observador, não reflexo de uma forma de vivência. Interpreta também que este projeto é a construção de um objeto cultural, isto é, seria possível a existência de um estado anterior natural, uma paisagem intocada pelo homem.

A experiência fenomenológica é a que mantém um conceito de paisagem mais dependente da relação de proximidade. Considera que a paisagem é a própria experiência humana com o espaço, se criando na vivência do grupo ou do indivíduo. Assim, compreende que mesmo que a paisagem seja um produto cultural e fruto do olhar humano - portanto não algo somente material - só pode ser acessada a partir da proximidade e imersão no objeto para compreender dimensões que são inatingíveis com um olhar distanciado. A imersão é tão fundamental para seu estudo que a própria descrição ou explicação de forma textual são consideradas incompatíveis para seu estudo, sendo sua expressão por linguagens artísticas a única possível de apresentar a sua completude.

A escola da Ecologia da Paisagem e boa parte do campo da geografia física tendem a se encaixar na abordagem da paisagem como meio ambiente material e vivido das sociedades

humanas. É uma interpretação que coloca a paisagem como o habitat do ser humano, o terreno onde interagimos e fazemos nossas construções. Hoje é entendida também como um produto cultura, uma vez que se defende que a paisagem deve ser trabalhada de forma sistêmica, isto é, o fluxo de energia que existe entre os diversos fatores que cointeragem na superfície terrestre não permitiria que dissociássemos completamente os processos naturais e os processos antrópicos (SILVA, 2018b). Entretanto isso não descarta a ideia de que a paisagem existia como objeto em si antes da existência humana ou da expansão de seu poder de atuação por todo o globo, como um objeto natural.

Uma variação dessa perspectiva da paisagem como meio ambiente é a que a entende como um território fabricado e habitado. Mantém-se o entendimento da paisagem enquanto uma realidade objetiva, um objeto indissociável da sua materialidade, pré-existente ao homem e que tem sido alterado por este com o passar do tempo, transformando-se agora em um objeto cultural. Entretanto o que interessa aqui não são os processos naturais, mas sim espessura simbólica e material que o homem construiu. Isto é, como a materialidade da paisagem permitiu o desenvolvimento humano, sua organização e diferenciação. A cultura aqui é objeto central, mas dada a centralidade que a materialidade adquire nesta interpretação pode ser entendida como técnica. Não por acaso podemos considerar como constituinte desse corpo teórico a produção de Milton Santos, sobretudo a visão que apresenta em a *Natureza do Espaço* (1996). Em obras anteriores o autor se ocupou de especificar a paisagem enquanto objeto de preocupação e intenções humanas, assim admitindo que mesmo que não tivesse sido objeto da intervenção material não seria mais natural, o que é revelador de que considerou que no passado existiu uma paisagem natural virgem, pré-humana (SANTOS, 1991). Considera ainda uma distinção entre aquilo que está ao alcance direto da visão e o domínio da percepção humana, onde aquilo que cada um recebe da paisagem pelos seus sentidos passa por um filtro da percepção. No entanto o autor argumenta que essa dimensão da percepção precisa ser superada à medida que funciona somente como um instrumento de deformação da visão sobre esse conjunto material da paisagem. O que vemos é que, no intuito de aperfeiçoar sua teoria sobre o conceito de espaço, o autor acaba por limar frentes de estudo do conceito de paisagem e colocá-lo de forma mais periférica na ciência geográfica (RIBEIRO, 2018b). Assim, na sua obra principal que construiu como refinamento de sua teoria o autor não chega nem a abordar a questão da percepção simplificando a paisagem enquanto uma mirada, um recorte de visão, cenário estático do acúmulo de construções materiais (SANTOS, 1996).

Nessa abordagem ainda podemos inserir os geógrafos culturais descendentes da tradição vidalina e os sauerianos. A ênfase que esses geógrafos deram aos estudos sobre como a cultura humana transformava os aspectos naturais de um terreno e construíam uma forma específica de habitação, demarcando um território, é o cerne dessa abordagem. É a manutenção do império do estudo do material e da técnica, deixando o imaterial para segundo plano, como suporte para a explicação ou subordinado por este.

A última porta, ao considerar que a paisagem é uma representação cultural e social, valorizando a questão imaterial da construção humana, altera as bases colocadas pelos primeiros geógrafos culturais. Sua origem estaria nas bases da teoria da história da arte, considerando as questões do enquadramento da pintura, a necessidade de escolha de um recorte do que será representado ou será excluído. Desta forma a paisagem aparece como uma construção mental, um ponto de vista que não existe objetivamente, mas a partir da seleção.

É possível encontrar autores, sobretudo na geografia crítica, que admitem a seleção de elementos a serem representados, com a existência de técnicas de visibilização ou invisibilização, mas que ainda assim limitam essa construção a elementos materiais presentes no terreno. É assim, por exemplo, que Souza (2013) discute a manipulação de paisagens com a inclusão ou exclusão de elementos numa imagem a ser reproduzida de acordo com a valorização social desses elementos, mas não chega a discutir o processo de valorização como construção mental ou a considerar as disputas de narrativas sobre esses símbolos. Para trabalhar a paisagem como uma verdadeira construção mental é preciso abandonar um determinismo do material sobre as representações sociais, entendendo que nossa observação do espaço é feita antes pelo próprio conjunto de linguagem e conceitos que carregamos.

Se propor a trabalhar como construímos e modificamos nossos referenciais ideológicos, entendendo que estes alteram a forma como interpretamos e agimos sobre o espaço que vivemos, exige mais do que trabalhar com um enquadramento pictórico subordinado ao conjunto material. Essa é uma interpretação que tem seus propósitos e se adequa a outros objetos de estudo. Se o objetivo aqui é questionar as próprias bases de como nosso raciocínio é construído e como atores podem atuar sobre a ressignificação de referenciais ideológicos que nos orientam no espaço, é preciso trabalhar com um conceito de paisagem que admita essa discussão de como nosso raciocínio é formado e como este modifica nossa percepção espacial.

O conjunto de geógrafos que se convencionou denominar como Nova Geografia Cultural, ao criticar a geografia cultural empirista fundada por Sauer abriu novas

possibilidades teóricas para se trabalhar cultura e paisagem (DUNCAN, 2012). Nesse esforço Duncan (2004) buscou aumentar o campo da discussão teórica, questionar as próprias bases do conceito de cultura e como construímos nossa valoração mental. Para o autor a paisagem, é composta não somente por um conjunto material, mas também por um conjunto simbólico. Este conjunto material reproduz e dá forças para que esse sistema de significados aos quais se relaciona seja transmitido às futuras gerações. Assim, mais do que a materialidade do espaço, o autor concebe que o conceito de paisagem seja uma construção cultural da mente humana, um sistema de significados fruto da percepção alcançada por todos os sentidos e influenciada também pelas diferentes pessoas com as quais um indivíduo se relaciona.

Para Duncan (2004) esse sistema de signos pode ser visto como sistema de textos, definindo uma textualidade que pode ser estudada a partir dos discursos que são criados para preenchê-la. Assim, os signos que uma pessoa ou grupo reúnem para formar sua visão de paisagem organizam-se como adjetivos numa frase que descreve a paisagem. Em outro texto, sobre discursos, o autor coloca que:

“Discursos contêm cargas morais e uma frágil devoção que liga as paisagens aos lugares, e estes a estilos de vida e ideologias políticas e religiosas, transformando-os todos numa estética dominante.” (DUNCAN, J.; DUNCAN, N., 2004, p. 38, tradução nossa).⁶

Note-se que quando o autor relaciona a construção de ideologias à uma estética dominante este está não se associando à abordagem marxista da dicotomia dominados/dominantes. Pelo contrário, o autor está considerando que para cada espaço é possível a diferentes grupos lançar seus interesses, construir e buscar imprimir seus próprios conjuntos de símbolos, que podem divergir de outros, numa multiplicidade. Fala em “dominante” porque considera que dentro desses espaços, apesar das várias narrativas possíveis que disputam visibilidade, uma será considerada dominante por ser mais difundida e mais bem aceita por membros que circulam por esse espaço.

Essa visão, portanto, reforça a compreensão de que a paisagem não deveria ser vista como algo material, um recorte físico do terreno, mas como um texto descritivo sobre um certo espaço. Esta é a perspectiva de Ribeiro (2011), que compreende que a paisagem é a seleção de elementos que uma pessoa destaca ao construir sua narrativa sobre o espaço, a partir do seu olhar próprio. Tomemos como exemplo caso da Santa Ceia. Por mais que a

⁶ “Discourses contain morally charged tales and loosely linked pieties that connect landscapes to places and places to lifestyles and political and religious ideologies, shaping them all into a dominant aesthetic.”

imagem de Leonardo Da Vinci seja a mais conhecida e divulgada, portanto a dominante, temos vários artistas que a representaram antes e depois dele, Andrea Del Sarto, Andrea Del Castagno, Francesco da Santacroce, Karl H. Bloch, Salvador Dali e inúmeros outros, cada um fazendo uma representação diferente, dando valor a elementos diferentes na representação. Ainda que essas pinturas sejam representações de uma situação que só se tem registros a partir de uma narrativa escrita, e nenhum desses artistas tenham testemunhado o suposto acontecimento, são representativas de como uma narrativa composta de um conjunto fechado de palavras pode permitir produzir composições pictóricas distintas para cada observador em cada tempo.

Diante dessa situação Ribeiro defende, em texto mais recente, que a paisagem não é somente um significante, como ela própria é significado. A paisagem seria portanto a própria narrativa, o próprio olhar lançado:

“Ao contrário de alguns autores da nova geografia cultural que afirmam que as paisagens possuem significados simbólicos, defendo que a paisagem é um significado simbólico. É o olhar, o sentir e a interpretação que transformam o espaço em paisagem. A paisagem não é o que se vê e o que se sente, mas como se vê e como se sente.” (RIBEIRO, 2013, p. 252).

Essa perspectiva de paisagem nos aproxima muito do conceito de ideologia. A paisagem enquanto narrativa, fruto de um conjunto de discursos organizados a formar e transmitir um sentido se assemelha à ideologia com seus referenciais ideológicos. Poderíamos assim colocar que esse referencial ideológico, que orienta formas de raciocinar, interpretar o espaço e agir nesse espaço, orienta também a construção dos discursos que formarão a retórica da narrativa da paisagem. Portanto a paisagem que fazemos de um lugar é decorrência também da ideologia espacial que temos desse lugar.

No caso aqui abordado, a narrativa de paisagem que se constrói sobre o bairro de Madureira está relacionada também à ideologia espacial que define o *subúrbio carioca*, isto é, o que é entendido como subúrbio na cidade do Rio de Janeiro. Enquanto o bairro de Madureira é observado como dentro do subúrbio carioca, uma fração deste, é subordinado aos símbolos gerais que são construídos sobre o subúrbio. De outra forma, quando o bairro é destacado de dentro desse espaço suburbano, valorizado, e tem seus símbolos próprios colocados como referenciais, este deixa de ser somente uma fração do subúrbio, passa a assumir um papel de metonímia geográfica desse subúrbio.

O conceito de metonímia advém da linguística, onde um termo geral ou particular substitui outro termo formando uma correspondência entre esses, sendo as imagens dos dois

fundidas e mescladas em um. Se diferencia da metáfora sobretudo porque neste a figuração é feita pela semelhança, ainda que haja uma comparação entre os dois termos, ela não é tão clara quanto da metonímia e pode ser sobre uma característica somente desse termo, não uma correspondência total. A sinédoque, é outra figura de linguagem muito comparada à metonímia, é o estabelecimento de uma relação de inclusão entre os termos, onde um é a parte do outro, ou vice-versa. Maciel (2004) aponta que enquanto alguns autores buscam diferenciar sinédoque e metonímia, argumentando que numa metonímia não é obrigatória a relação de inclusão, vários outros abordarão a sinédoque como uma derivação da metonímia, tipificando-as em metonímias-sinedóquicas.

O bairro de Madureira é, na visão dos cariocas, um bairro suburbano. Quando argumentamos então que este tem sido alvo de uma construção narrativa que o destaca desse espaço e o utiliza como geossímbolo para representar todo o espaço suburbano, o que vemos é a figura de linguagem metonímica-sinedóquica. A metonímia, que é uma figura de linguagem, portanto parte da comunicação, passa a ser considerada uma metonímia geográfica quando os objetos que estão sendo comparados são categorias espaciais ou, de outra forma, quando esta figuração altera o imaginário geográfico que temos sobre certo recorte espacial. Para Maciel (2009) esse é um processo que acontece a todo momento, sendo todo conhecimento geográfico subordinado ao uso de metonímias.

Maciel (2009), utilizando as teorias de Piaget e Luger, argumenta que temos acesso à informação a partir de *antecipações metonímicas*, isto é, quando entramos em contato com algo novo procuramos na nossa memória por algum conhecimento pré-estabelecido que utilizamos como uma espécie de âncora para construir o conhecimento sobre o novo objeto. Esse pré-conceito⁷ então se deforma e se confronta com o novo conhecimento, procurando consertar o estranhamento e criar nova informação.

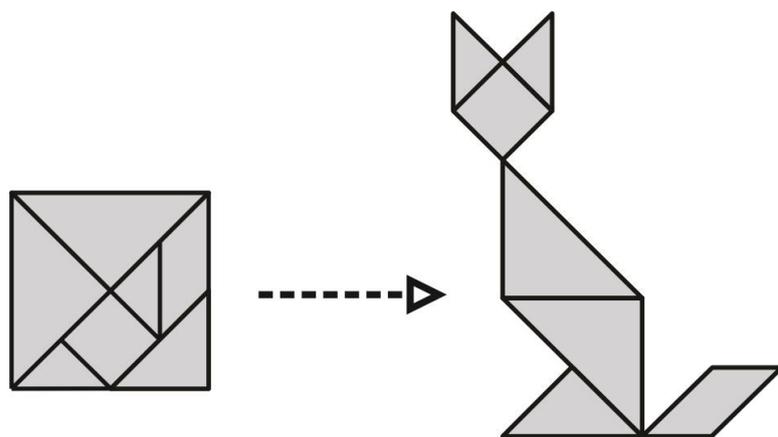
Quando buscamos descrever uma paisagem estamos selecionando palavras e características sobre a narrativa que temos para transmitir para um ouvinte/receptor. Partimos do princípio que este tenha certa familiaridade com as características que citamos, que traga seus preconceitos e faça sua própria antecipação metonímica, buscando reconstruir em sua percepção a narrativa que fazemos. Então se descrevo os subúrbios como o lugar do transporte ferroviário, do comércio popular, das casas térreas e idosos jogando buraco na

⁷ O autor deixa claro que para que haja a construção de novos conhecimentos é necessário que os interlocutores estejam abertos ao diálogo e falem no mesmo horizonte de ideias. Os preconceitos são utilizados como ferramentas temporárias com o intuito único de serem destruídos para a construção de algo novo.

praça, espero que o receptor faça na sua cabeça uma fusão de todos esses elementos e construa para si a categoria descrita. Não se trata somente de justapor os elementos citados, mas fundi-los plenamente, onde o valor do conjunto é maior que a soma dos valores individuais. A linguagem se constituiria dessa forma como um conjunto de metadados, onde camadas e camadas de metonímias são conjugadas e adensadas na produção de um saber.

Pensemos a relação da metonímia e da paisagem como uma brincadeira com um tabuleiro de Tangram (Figura 2). Cada peça do tabuleiro possui uma forma própria, mas ao se juntar e se reorganizar às demais peças é possível formar outras figuras diferentes. Consideraremos esse processo de reorganizar as peças como o de metonimização, a figura final é a paisagem, a metonímia realizada. Quando organizamos as peças do tangram para formar a figura do gato a forma individual de cada peça contribui para a formação da figura maior, mas no processo também a forma individual da peça deixa de ser importante, o que importa é a fusão desses símbolos na figura produzida. Portanto numa metonimização o símbolo ou significado resultante não é igual à mera soma das partes, mas um símbolo que é potencializado pela figura de linguagem da metonímia. Da mesma forma, quando a imagem final do gato é montada ela é uma representação do gato, uma metonímia, não um gato em si de verdade. Assim a metonímia não é uma descrição fidedigna, mas resultado de uma estratégia de tornar a informação inteligível, é uma técnica de aproximação e de síntese que realizamos para conhecer o novo.

Figura 2 - As peças de um tabuleiro de Tangram podem ser reorganizadas de diferentes formas para imitar outras figuras



**PAISAGEM METONÍMICA
(ELEMENTOS + RELAÇÃO)**

Organização: Bianca do Espírito Santo Ferreira.

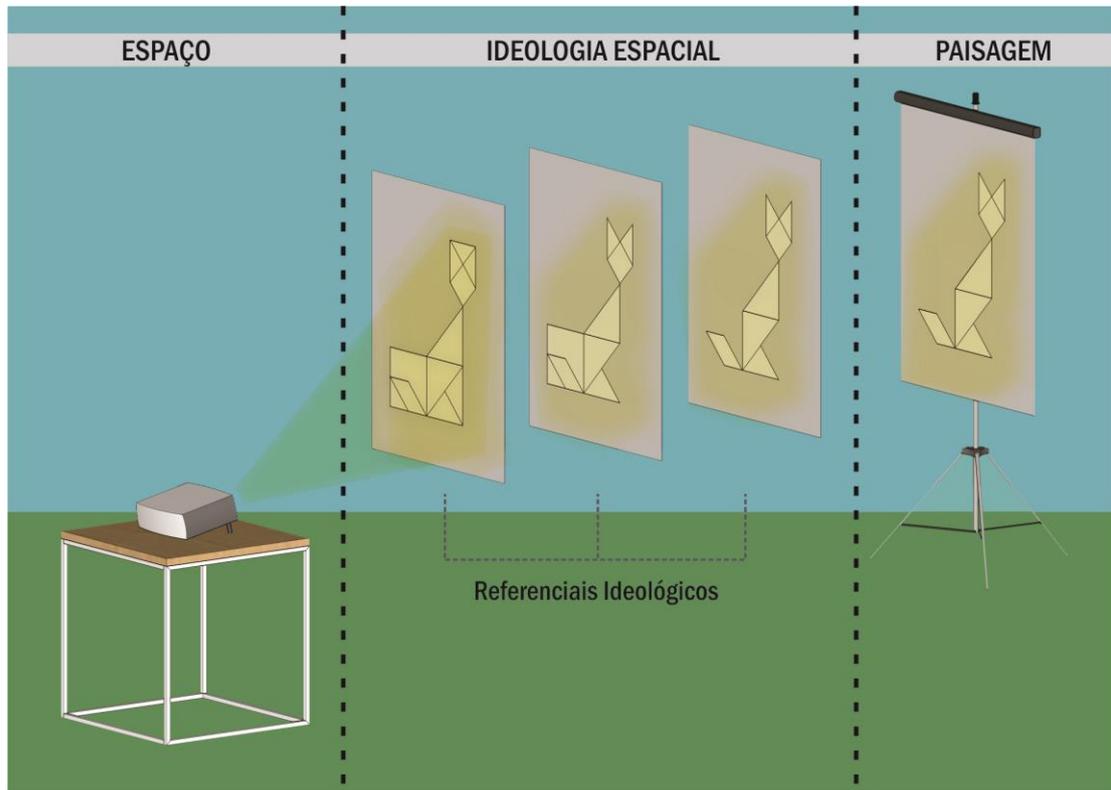
Considerando esse potencial da linguagem, a metonímia seria eminentemente geográfica pela sua capacidade de síntese. O uso da metonímia como estratégia retórica de sintetização da mensagem estaria ligada à tradição do uso do conceito de paisagem na geografia (MACIEL, 2004). Da mesma forma, seu potencial de construir novas narrativas sobre certos objetos, ou espaços, permite a ampliação do imaginário geográfico que se tem a respeito destes. A partir dessa perspectiva o autor reavalia as interpretações correntes sobre paisagem e seu potencial explicativo. Argumenta que o poder de síntese que foi atribuído à paisagem e a noção de *“aquilo que pode ser visto em um único golpe de vista”* se dá não de forma literal, mas da possibilidade de referenciar ou agrupar vários geossímbolos na cabeça do receptor da mensagem (MACIEL, 2004). Temos a impressão de uma cena, quando na realidade a paisagem seria um mosaico, um panorama construído de vários momentos, elementos, símbolos e sentimentos condensados. Não há necessidade de haver, em sentido literal, um observador de pé frente a um panorama construído materialmente, e mesmo que este observador existisse, sua interpretação se dá se não através da consulta a informações e preconceitos que não estão ali apresentados. Em resumo, o potencial discursivo da paisagem é tributário do processo de metonimização que realizamos, a ilusão de ser uma narrativa simples quando na prática esta se apoia em camadas sucessivas e complexas de significado.

O processo de metonimização se dá cada vez que a informação do mundo passa por um filtro nosso de percepção/conhecimento. Essa informação filtrada não é a informação em si, mas uma metonímia do que ela poderia ser. Não é uma metáfora, uma semelhança, com “o real”, ela perdeu o que havia de individual e só sobrevive a metonímia que construímos. Quando nossos referenciais ideológicos influenciam nossa forma de pensar estamos pegando algo “do real” e deformando-o nesse filtro para criar algo que entendamos, esse produto é uma metonímia. Cada referencial é um filtro que provoca a metonimização, o resultante, após juntar tantas informações e metonímias quanto necessário, será uma visão parcial e própria sobre o espaço, a qual consideraremos uma narrativa de paisagem.

Tomemos como exemplo uma metáfora de um projetor e suas transparências para pensarmos essa relação de outra forma (Figura 3). A luz que sai do projetor é a complexidade e universo de possibilidades que o espaço geográfico nos permite, entretanto nós não acessamos essa luz de modo direto e completo. Os referenciais ideológicos funcionam cada qual como uma das transparências, influenciando a percepção que possuímos sobre o espaço e filtrando a luz que chega a nós. A projeção de luz final que se faz na tela é a narrativa de paisagem que possuímos, isto é, a visão parcial que temos sobre o espaço. A informação,

depois de passar por todos os filtros, depois de ser metonimizada e metaforseada em uma informação que conseguimos assimilar, torna-se paisagem. A forma como entendemos o espaço é produto dos referenciais ideológicos que possuímos e dos processos de metonimização que provocam, gerando no imaginário essa paisagem.

Figura 3 - A paisagem através dos referenciais ideológicos



Organização: Bianca do Espírito Santo Ferreira.

Assim, neste trabalho, observamos como o bairro de Madureira é alçado a uma posição de metonímia de subúrbio da cidade do Rio de Janeiro. Não se trata somente de bairro que é colocado como exemplo, mas um bairro que se torna o ícone desta ideologia espacial. Isto é, os valores e símbolos próprios a Madureira, que seriam particulares, são destacados e generalizados a ponto de se transformarem símbolos não somente do bairro, mas de todo o subúrbio. A partir desse processo, quando se fala em Mercado de Madureira, por exemplo, se pensa não somente num símbolo do bairro, mas num elemento que passa a representar todo o espaço suburbano e constituinte de sua identidade. Assim, Madureira e subúrbio passam a ser confundidos, o primeiro tomando o papel do segundo.

Quando a Prefeitura seleciona elementos identitários de Madureira, os divulga e apresenta como representativos de subúrbio, está procurando se aproveitar da familiaridade que estes possuem na população para construir suas narrativas. Estes elementos identitários

funcionariam como base, uma âncora, sobre a qual se estabelecerão outras narrativas sobre o espaço, outras paisagens. Assim, naquela sobreposição de camadas de significados, no emaranhado de metadados, o poder público busca inserir seus significados, reorganizar suas relações e, com sorte, mudar a forma como o carioca interpreta o espaço da sua cidade e se relaciona com este. Uma estratégia de ressignificação para alterar os referenciais ideológicos espaciais e influenciar os indivíduos sobre sua forma de agir no espaço.

2 O CONCEITO DE SUBÚRBIO E SUA APROPRIAÇÃO CARIOCA

Termos como "cidade", "centro", "zona", "subúrbio" ou "periferia" estão muito bem estabelecidos no vocabulário brasileiro e, normalmente, dispensam apresentação uma vez que todo brasileiro tem uma ideia básica do que nos referimos quando o utilizamos. A rigor referem-se a recortes territoriais do espaço urbano, fragmentando-se e entrelaçando-se na dinâmica urbana, que foram já fartamente delimitadas e analisadas.

Entretanto, como discutimos no capítulo anterior, as palavras, como dispositivos que são, carregam consigo não somente um sentido original fruto de uma intencionalidade, mas constantemente são transformadas pelos usos e práticas do dia a dia. Ainda que essa transformação seja observável nas mais diversas palavras, no contexto deste trabalho nos é sensível o efeito que essa transformação tem sobre as categorias espaciais. São pelas categorias espaciais que interpretamos o espaço em que vivemos e, assim, realizamos escolhas sobre como agir nesse espaço. Isto é, as categorias espaciais são referenciais ideológicos que guiam a construção da paisagem que temos sobre um certo espaço e influenciam na forma como nos relacionamos com este. Dessa forma, a interpretação que damos a essa categoria, ou, o conceito que temos sobre uma palavra, influencia nas relações que estabelecemos ou influenciados que estabeleçam com o espaço.

Como Fernandes (2011) bem identificou, o rapto ideológico operado desde o início do século XX na categoria de subúrbio no contexto da cidade do Rio de Janeiro levou a um crescente abandono pelas autoridades públicas dos bairros identificados sob esta toponímia. Esforços da máquina pública e imobiliários concentraram-se na produção material e simbólica da valorização de outros espaços da cidade. O produto melhor acabado dessa transformação pode ser observado na constatação por Velho (1982) de que era operada na cidade uma distinção social fundamentada numa hierarquização do espaço de moradia, isto é, as pessoas eram melhor vista quanto maior fosse o *status* do bairro onde morava. Em suma, a mudança de significado atribuída à categoria de subúrbio foi fundamental para a operação de uma segregação socioespacial na cidade.

Uma vez estabelecido nesse trabalho o objetivo de verificar a existência ou não de um processo de apreensão do bairro de Madureira enquanto metonímia de subúrbio carioca é preciso que discutamos a origem e as transformações que envolvem este conceito. Nesse capítulo, portanto, procuro primeiro delimitar as bases do conceito de subúrbio para, em seguida, discutir suas transformações e apropriações no contexto carioca.

No entanto, antes de começar é preciso alguns esclarecimentos. O primeiro e mais simples deles é que não podemos confundir ou generalizar "subúrbio" enquanto "subúrbio carioca". Isto significa que a conceituação do que é "subúrbio" precisa ser independente daquela que virá depois com "subúrbio carioca". Ainda que a segunda seja tributária da primeira, o caminho inverso não poderá ser feito, como veremos. O segundo esclarecimento se baseia no fato de que, a partir daquilo do rpto identificado por Fernandes (2011), não seria profícuo trabalhar o termo "subúrbio carioca" como um recorte espacial de terreno. Isto porque atribuir essa categoria *a priori* a um recorte de espacial significaria a aceitação e reprodução das bases ideológicas desse conceito à totalidade desse espaço. Trabalharemos sim o conceito "subúrbio carioca", mas como uma construção ideológica espacializada e constituída pelo conjunto de seus referenciais ideológicos, ou seja, como uma representação, uma dentre as variadas formas possíveis de se interpretar o espaço. O terceiro esclarecimento se baseia na discussão desenvolvida por Ribeiro (2016), para o qual o subúrbio não pode ser trabalhado como uma unidade, uma categoria espacial que generaliza todos os espaços identificados por esta etiqueta. Para este autor devemos trabalhar sobre a ótica de que cada grupo de indivíduos em locais diferentes criam formas diferentes de ser e se identificar enquanto subúrbio ou suburbano. Portanto, no lugar da generalização e entendendo que há uma multiplicidade não limitável, devemos abordar o conjunto dessas potencialidades como os subúrbios e os suburbanos.

2.1 O DESENVOLVIMENTO DO CONCEITO DE SUBÚRBIO

Como comentado no início do capítulo, temos vários termos com os quais separamos o espaço urbano por suas áreas funcionais, cada um tem uma história própria de origem e definição, alguns dos quais tendo acumulado múltiplas abordagens enquanto sua trajetória acadêmica. O que observamos no desenvolvimento deste trabalho foi um certo ruído no que diz respeito aos conceitos utilizados estudo da expansão horizontal da cidade e nos temas de segregação socioespacial. Desta forma, o que busco desenvolver nessa seção é primeiro uma revisão sobre as principais teorias abordadas no estudo sobre segregação socioespacial e depois uma diferenciação entre o conceito de subúrbio e periferia.

2.1.1 A expansão urbana e segregação residencial

Falar de expansão urbana na geografia é tocar no tema da fragmentação urbana e sua segregação residencial resultante. Esse estudo da segregação parte do princípio que há uma tendência na formação de áreas do espaço urbano que são internamente homogêneas,

enquanto heterogêneas entre si (CORRÊA, 1989), reflexo de características não somente econômicas, mas sociais e culturais.

Uma das primeiras teorias sobre segregação residencial vem do modelo Kohl-Sjorberg sobre as cidades primitivas ou pré-capitalistas (CORRÊA, 1989). Esse é um modelo dualístico de centro x periferia, isto é, uma área central que é a parte mais valorizada devido à concentração de melhoramentos, que se esgotam a medida que nos afastamos dele (Figura 4). Nessa cidade o limite técnico do transporte determina o acesso aos melhoramentos, fazendo da proximidade ao centro sinônimo de riqueza, enquanto sua distância demonstrava a situação de pobreza e vulnerabilidade.

Com o advento do processo de industrialização e o desenvolvimento de novas tecnologias, de transporte inclusive, observou-se uma reorganização da cidade. Baseado nessas transformações Burgess, identifica uma nova forma de segregação residencial onde há a inversão na relação entre centro urbano e renda (CORRÊA, 1989). Segundo o modelo de Burgess o centro se torna uma área desvalorizada para a habitação devido a inúmeras poluições, afastando assim classes de alto status que passam a procurar amenidades, à população pobre restam as habitações superpovoadas das áreas centrais. Com isso a distância com o centro urbano deixa de ter uma relação direta com a pobreza e passa a ser relacionada com o alto status social: quanto mais distante do centro, melhor a qualidade de vida e mais exclusivo modo de vida (Figura 4).

Esses dois primeiros modelos, ainda que apresentem formas de segregação distintas, possuem a semelhança de apresentar a relação dualística centro x periferia, de anéis concêntricos de riqueza ou pobreza. Assim, a partir do centro, ambos desenham coroas, sejam de riqueza ou pobreza, em todos os lados a partir do centro. Em contraposição Hoyt será o primeiro a desenvolver uma teoria de que a segregação residencial não ocorre na relação exclusiva centro x periferia (CORRÊA, 1989).

Segundo Hoyt as classes de alto status não se excluíram completamente das áreas centrais, mas formaram a partir destes corredores seguindo as amenidades em direção ao exterior da cidade (Figura 4). As classes médias se estabeleciam próximo a esses corredores e formavam uma zona de amortecimento entre estas e as áreas de habitação das classes de baixo status, onde se localizariam também indústrias e outros usos degradantes. Esse modelo de Hoyt vai permitir quebrar a visão dual que imperou nos estudos urbanos e o engessamento teórico que assumia que nos países desenvolvidos ocorria somente a segregação tal Burgess e nos subdesenvolvidos ainda uma tal como Kohl (FERNANDES, 2011).

Figura 4 - Modelos de segregação residencial



Fonte: CORRÊA, R. O espaço urbano. São Paulo: Ática, 1989:67.

Para nós importa observar que enquanto algumas dessas interpretações agarraram-se aos modelos de círculos concêntricos, prejudicaram também as interpretações sobre o conceito de subúrbio e de periferia, resultando não somente numa confusão conceitual como na reprodução de elementos ideológicos, fosse de forma intencional ou não intencional.

2.1.2 Subúrbio é periferia?

Como comentado anteriormente, a partir do processo de industrialização e urbanização, iniciado nos séculos XIX nas cidades europeias e dos Estados Unidos, ocorreu uma expansão horizontal das cidades. Esse processo foi primeiro identificado e conceituado na bibliografia anglo-saxã, chamando de suburbanização, onde nas bordas das cidades eram construídos assentamentos residenciais que misturavam benefícios da vida urbana com os elementos da vida rural (MUMFORD, 1965). O subúrbio se forma assim como um espaço peri-urbano, a transição entre o espaço urbano e o espaço rural. Portanto o conceito de subúrbio estaria, nessa interpretação, ligado primeiro ao afastamento do centro urbano e, depois, à presença de amenidades que é ocupada pelas classes de alto status.

O conceito de periferia é também estabelecido em oposição ao centro, sendo uma relação indiretamente proporcional, quanto mais central menos periférico e vice-versa. Essa é uma relação geométrica, mas que representa também uma relação de poder, onde a dicotomia centro/periferia expressaria uma relação de dominação/subordinação. Assim se o centro é visto como lugar da abundância, a periferia é vista como o lugar da escassez (HIERNAUX; LINDÓN, 2004). Essa perspectiva carrega muito a dualidade dos círculos concêntricos apresentados e assemelha-se muito ao modelo de Kohl, intensamente utilizado para explicar a urbanização e o processo de segregação residencial na América Latina.

Visto dessa forma essa divisão conceitual pode parecer simples, e a princípio, de filiação teórico-metodológica. Assim numa interpretação que buscasse estudar as relações de

poder seria valorizada a relação centro/periferia e sua relação desigual de poder, enquanto com uma interpretação urbanística ou da arquitetura valorizar-se-ia questões morfológicas como densidades e melhoramentos urbanos que levariam ao conceito de subúrbio. Porém isso não é inteiramente consensual. São facilmente encontrados trabalhos onde periferia e subúrbio são utilizados como sinônimos exatos, como em Souza (2008), ou em Villaça (1998) que utiliza toda a teoria da polarização de poder nas cidades, mas denomina as áreas afastadas do centro de “núcleos de subúrbio” ou “cidades de subúrbio”. O que nos aponta para como uma confusão do senso comum chega a influenciar e afetar as pesquisas desenvolvidas.

Para Hieunaux e Lindón (2004) essas confusões de conceitos e misturas de termos não são novas e podem ser rastreadas temporalmente na bibliografia, uma vez que esses conceitos se desenvolvem em momentos diferentes e se associam aos contextos urbanos destas épocas. Os autores apresentam que o primeiro conceito a aparecer, na América Latina, foi o de arrabalde do século XIX ao início do XX, com significado de áreas fora da cidade. A palavra arrabalde origina-se do árabe al-rabad (EL-KAREH, 2010) adentrando no vocabulário ibérico pela influência que estes povos tiveram na península. Segundo Pinheiro (2014) a palavra era utilizada desde a idade média e é possível encontrá-la em documentos portugueses do século XVII, significava "bairro que, pegado à cidade, está fora dos muros". Inicialmente de uso erudito, foi adotada também no Brasil para uso corrente de cercanias da cidade, mesmo que as ocupações brasileiras não tivessem formalmente o cercamento por muros. Ainda hoje encontramos a palavra em obras acadêmicas que tratem de contextos históricos passados.

Por outro lado a palavra subúrbio tem origem eminentemente latina (sub-urbe) e carregaria mais o significado de não plenamente urbano ou de subordinação política à urbe (MUMFORD, 1965). De toda a forma, apesar de também se encontrar registros na língua portuguesa desde os séculos XVIII não haveria indícios para indicar que esta fosse de uso popular e no Brasil não constava em nenhuma legislação do século XIX. Segundo Pereira (2014), após a declaração de independência ter-se-ia iniciado um esforço da elite brasileira de incentivar o uso do termo subúrbio como forma de diferenciar o vocabulário local do português, mas ainda com abrangência restrita. Para a autora o termo somente se popularizaria a partir do século XX com a chegada de engenheiros e técnicos estrangeiros para a construção de obras de infraestrutura urbana como redes de água, gás, esgoto e carris. Para estes o termo subúrbio seria de muito mais fácil utilização por se aproximar dos topônimos suburbs e faubourgs do que o termo de origem arrabalde de origem árabe. Assim, pela criação de cartas sobre as cidades estes teriam contribuído para a disseminação do termo.

A percepção da influência estrangeira na popularização do termo parece ser corroborada por Hiernaux e Lindón (2004) que apontam que a palavra subúrbio começa a ser utilizada por influência norte-americana, como cercanias da cidade com baixa densidade demográfica. É preciso considerar que, também no início do século XX, europeus e norte-americanos discutiam no campo do planejamento urbano o problema da superpopulação de suas principais cidades, e a partir da corruptela da teoria de Ebenezer Howard adotaram a construção de bairros ou distritos que ficaram conhecidos como subúrbios-jardim (HALL, 2013). Isto é, não somente as cidades se expandiam de forma mais acelerada, demandando a utilização de novos vocabulários, como também a profusão de discussão sobre o tema ajudará a construção de modelos urbanos e a consolidar conceitos; o que certamente influencia a adoção do vocabulário na América Latina. Nesse contexto o atlântico norte estabelecia uma forma de expansão urbana onde se valorizavam e se reproduziam as imagens dos subúrbios enquanto espaços ajardinados e de baixa densidade, muito próximo ao conceito adotado por Mumford (1965). Por outro lado, Hiernaux e Lindón (2004) colocam que nas cidades latino-americanas, a chegada de uma massa de imigrantes predominantemente de classes baixas irá construir uma expansão urbana com outras configurações, acabando por ligar sentidos pejorativos ao termo subúrbio.

Anos depois, num contexto de bipolarização dos espaços globais a leitura marxista estrutura a interpretação do espaço a partir da dualidade centro-periferia. A partir da adaptação dessas leituras para o contexto intra-urbano a palavra periferia passa a ser utilizada pós-1970 no contexto latino-americano, carregando não somente o sentido de distância geométrica, mas também de subordinação. O problema dessa interpretação é a possibilidade de acabar entrando em outra armadilha conceitual, uma redução narrativa que pode ocultar deliberadamente processos que ocorrem nessa área, tal qual a aconteceu com corrupção do conceito de subúrbio identificada por Fernandes (2011).

Nessa armadilha encontramos o trabalho de Dematteis (1998) sobre o espaço urbano europeu. Ao generalizar a periferia enquanto espaço afastado e dependente do centro, “onde se habita por necessidade”, o autor se coloca num impasse ao esgotar o conceito para definir posteriormente os espaços da auto segregação residencial, isto é, bairros onde os habitantes têm poder aquisitivo e de escolha. Assim ou abdicamos da periferia enquanto lugar da escassez e aceitamos a possibilidade de sua ocupação por uma população de alto status, mantendo somente o sentido geométrico, ou abdicamos da relação geométrica dualista para observar a existência de múltiplos núcleos na cidade.

Se adotarmos a segunda opção, abandonamos os círculos concêntricos em favor do modelo de setores e eixos de segregação, tal como Hoyt (CORRÊA, 1989). Nesse modelo a área de subúrbio não seria o território afastado do centro de habitação exclusiva da classe alta ou baixa, mas poderia voltar à noção inicial de zona de transição entre o urbano e o rural, de baixa densidade e normalmente ajardinada, de áreas livres, mesmo que possa estar mais próxima ao centro. Assim é possível teorizar sobre subúrbios ocupados pelas classes de alto status que em seus corredores de amenidades tem fugido das cidades, mas também sobre subúrbios de classes médias ou de baixo status, que certamente possuirão menos amenidades, mas que não perdem o seu cerne de ser a “fuga da cidade”, ou a manutenção de uma certa distância de seus problemas sem deixar de usufruir de suas vantagens.

Outra abordagem que ainda pode complementar essa visão é a da perspectiva das múltiplas centralidades. Sem o monopólio de um único centro urbano, podemos observar a formação de outros núcleos de comércio e serviços na cidade, normalmente seguindo esses eixos de expansão das classes de alto status (Figura 5). Um exemplo muito estudado no caso do Rio de Janeiro seria o núcleo formado em Copacabana (SOARES, 1965). Mas entre esses núcleos consideremos uma hierarquização entre os mais ou menos influentes, de forma que nos bairros de baixo status se formem também seus núcleos, tais como no Rio de Janeiro formaram-se Madureira e Méier. Isso nos coloca que a periferia não é uma área homogênea e que é preciso relativizar esses núcleos, enquanto o Méier assume uma centralidade e periferiza certos bairros, podemos dizer que ele é periférico em relação a Copacabana, que por sua vez seria periférica em relação à área central da cidade (DUARTE, 1974).

Figura 5 - Modelo de cidade com múltiplas centralidades



Fonte: CORRÊA, R. O espaço urbano. São Paulo: Ática, 1989.

Essa distinção é uma forma possível de trabalharmos tanto o conceito de periferia quanto o de subúrbio numa cidade sem, no entanto, confundi-los. Dessa forma é possível considerar que um espaço seja periférico num sentido de uma balança desfavorável de poder, mas não seja subúrbio por questões morfológicas. Enquanto outro espaço pode ser ao mesmo tempo periférico porque nos baixos estratos da relação de poder, e suburbano, pois está na interface entre o urbano e o rural. O que temos de comum é que não é possível considerar unicamente uma relação geométrica linear.

O que percebemos é que alguns autores, ao não considerarem o contexto de aparição desses conceitos, ou ao não se incumbirem de distingui-los, acabam por confundi-los ou fundi-los, criando outros problemas metodológicos. Fernandes (2011) ao estudar o conceito de subúrbio na cidade do Rio de Janeiro identificou como problemas metodológicos na definição do conceito de subúrbio levaram à reprodução de um raptó ideológico. Esta situação afetou e afeta a bibliografia sobre geografia urbana na cidade e acabou por consolidar o conceito de "subúrbio carioca" como uma distorção na teoria sobre o espaço urbano.

Como buscamos discutir aqui, "subúrbio carioca" se constitui não como um recorte espacial, mas como uma ideologia espacial. É um conjunto de referenciais que influencia na forma como interpretamos o espaço urbano carioca e tem condicionado as relações que construímos nele. Mais do que isso, acabou se tornando objeto de uma valorização identitária por muitos *suburbanos* que se viram rotulados pelo topônimo de subúrbio. Antes de adentrarmos nessa discussão porém, é preciso discorrer sobre as origens do conceito de subúrbio carioca e a crítica ao seu raptó ideológico desenvolvida por Fernandes (2011).

2.2 CONCEITO CARIOCA DE SUBÚRBIO

Anteriormente discutimos como o modo que as pessoas se relacionam com o espaço, o interpretam e desenvolvem suas relações sociais, é influenciado por referenciais ideológicos. Quando falamos do conceito carioca de subúrbio estamos diante de uma construção ideológica carioca que guia a forma na qual observamos, interpretamos e reagimos aos espaços chamados de suburbanos na cidade. A paisagem que fazemos da cidade é tributária desses referenciais ideológicos que ligamos, entre outros espaços, aos subúrbios e dão sentido à nossa vivência. Fernandes (2011) buscou traçar as origens do raptó ideológico da categoria de subúrbio no Rio de Janeiro, ou como entendemos, tentar resgatar a origem do estabelecimento de seus referenciais ideológicos. Este atribui à professora Maria Therezinha

Segadas Soares o mérito de academicamente ter definido os limites desse termo que há muito já havia uma acepção popular própria.

Soares em texto de 1960, intitulado *Divisões principais e limites externos do Grande Rio de Janeiro*, buscando fixar e definir os conceitos para se trabalhar a geografia urbana vai diferenciar os critérios para considerar um espaço urbano ou suburbano. Assim lista quatro critérios para o subúrbio: 1) a baixa densidade e descontinuidade predial; 2) população não abastada e um “modo de vida peculiar” que é diferente dos cidadãos; 3) a utilização do trem como principal meio de transporte para a área central da cidade, a qual é dependente; 4) falta de melhoramentos urbanos que dão à paisagem suburbana “um ar de desordem”.

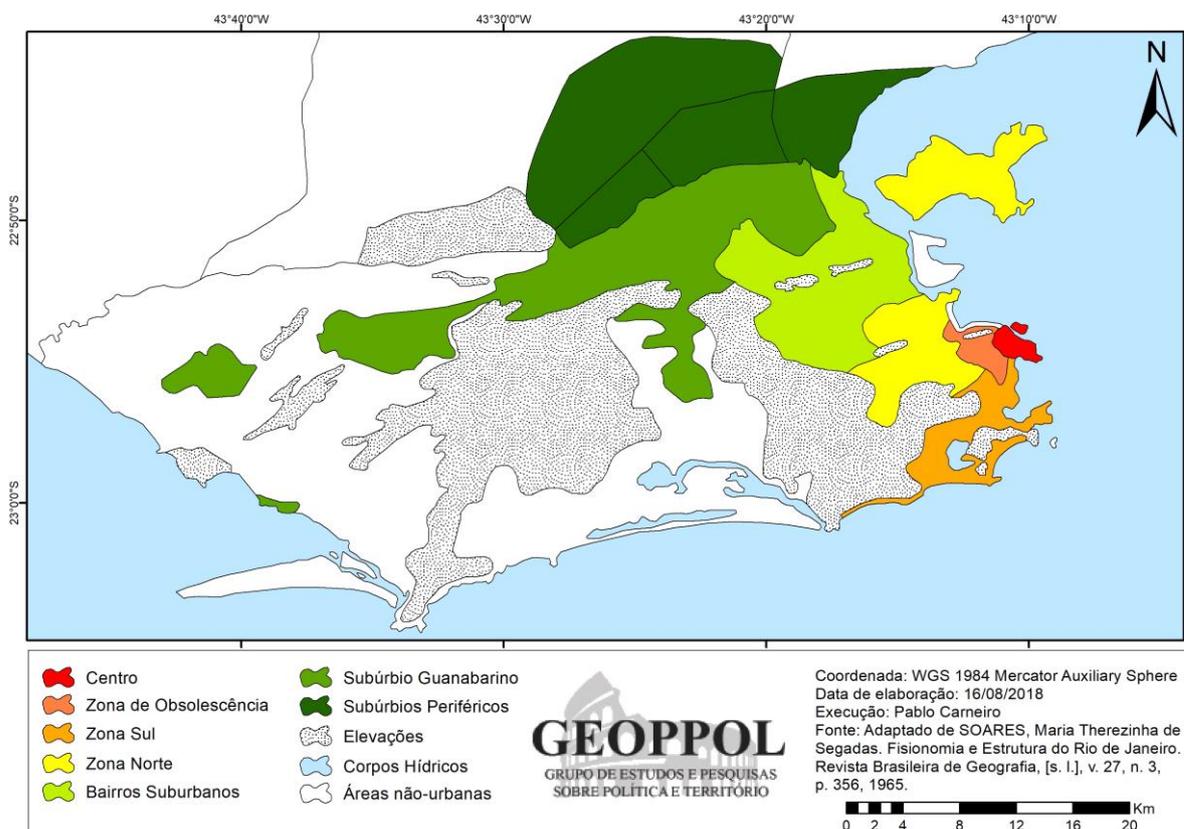
A partir dessas bases a autora construiu um mapa da divisão territorial do Rio de Janeiro na década de 1960 que incluía toda a Zona Sul, área central da cidade, São Cristóvão, Tijuca e adjacências como área urbana; enquanto o subúrbio começaria em Benfica e Engenho Novo e seguiria as linhas dos trens até sair do Estado da Guanabara. Nessa época áreas como Guaratiba, Santa Cruz, Campo Grande, Barra e Baixada de Jacarepaguá eram consideradas áreas rurais, excluídos os núcleos das proximidades das estações de trem onde já se observava o crescimento do que se convencionava chamar subúrbio. É necessário salientar que nesse momento a autora não considerava que Jacarepaguá seja subúrbio, até porque não possui trem, avaliação que muda em outros textos.

Diante desses critérios, portanto, a autora vai criticar a divisão oficial da cidade produzida pelo Serviço Nacional de Recenseamento que teria classificado áreas da Gávea e da Tijuca como suburbanas. Defende esta que tais espaços eram faixas pioneiras de expansão urbana da cidade, ou seja, desde o início de sua ocupação já era considerada urbana, justamente porque já possuíam todos os melhoramentos urbanos instalados como serviço de água, luz, saneamento básico, transporte, etc.. Percebamos que à época outras áreas da cidade, como Méier ou Engenho Novo, já possuíam acesso a esses melhoramentos, mas serão incluídos na área considerada suburbana. São incompatibilidades como essa que levaram Fernandes (2011) a argumentar que a reprodução de um conceito de subúrbio específico ao Rio de Janeiro não se deve tanto à desatenção dos pesquisadores ou falta de conhecimento sobre a cidade, mas a “razões extra científicas”. Isto é, tais autores interpretavam sua cidade diante dos referenciais ideológicos que compartilham, referenciais estes que podem vir a invisibilizar incongruências como essa uma vez que, como coloca Berdoulay (2012), os referenciais na sua busca por orientar os indivíduos podem inclusive ser contraditórios. Desta

forma essas interpretações incongruentes foram registradas e se tornaram parte corrente e difundida do pensamento sobre a geografia urbana do Rio de Janeiro.

É em parte para resolver essa contradição que a autora define o conceito de “bairros-subúrbios” (SOARES, 1965, 1968), que já havia aparecido também anteriormente em Bernardes (1961) de forma mais simples. Para as autoras os bairros-subúrbios serão as áreas que já estariam integradas ao espaço urbano, servidas de serviços públicos, asfaltamento e de continuidade nas edificações, mas que seriam justificadas as distinções de nomenclatura pelo significado de distinção social atribuído pela população devido a situações não-urbanas do passado.

Mapa 3 - Divisão interna da cidade segundo Soares, 1965



No texto *Expansão do espaço urbano no Rio de Janeiro*, Bernardes está preocupada em registrar como a cidade cresceu imprensada entre morros e o mar, de forma que faz uma narrativa da “conquista de novos espaços urbanos edificáveis”. Diante de tal relação com os elementos naturais a autora sobrevaloriza os acidentes geográficos na constituição da identidade e separação dos bairros. Da mesma forma esta argumentará que os subúrbios estarão separados dos demais bairros pela barreira geográfica da Serra do Engenho Novo, Morro dos Telégrafos (Mangureira) e morro do Retiro da América. Esses morros, argumenta a autora, formaram gargalos que seriam os portões de entrada para os trens seguirem para o

interior do estado, marcando aí a área que viria a ser subúrbio. Para a autora, portanto, o subúrbio aparece menos como uma questão morfológica de densidade ocupacional e mais como uma questão histórica e de gênese da habitação desse espaço. O problema nessa interpretação é que a cadeia de morros parece ser sobrevalorizada e torna-se uma barreira simbólica para que se possa compreender que estes bairros não possuem mais configurações de subúrbios, mas de plenamente urbanos. Notemos também a figura do trem, um dos referenciais ideológicos mais fortes de delimitação do subúrbio, e que, como identificou Fernandes (2011), chega a ser utilizado como explicação a priori para os subúrbios mesmo antes de sua ocupação.

Assim Bernardes subdivide a área suburbana em duas partes, uma área de ocupação mais antiga que vai ser chamada de “subúrbios tradicionais” ou “bairros-subúrbios” e a outra seria a periferia desse subúrbio, onde ainda ocorreria uma expansão horizontal do tecido urbano. A autora diz ainda que esses subúrbios tradicionais se diferenciam dos demais por terem já continuidade de construções, melhoramentos urbanos e maior densidade populacional, mas que a permanência da nomenclatura seria em respeito ao sentido popular da expressão. Se compararmos tais mudanças identificadas pela autora com os critérios anteriormente citados que postulou Soares (1960) observaremos que somente o segundo e o quarto critério se mantêm.

Quando Soares (1965) define os bairros suburbanos, em contraposição aos demais bairros – da área central, Zona Sul e Zona Norte⁸ – esta apresenta critérios muito semelhantes aos de Bernardes. Sendo assim a autora entende que não há mais descontinuidade predial, foram instalados vários melhoramentos urbanos e ainda admite uma mudança no conteúdo social. Segundo Soares (1965) nos bairros suburbanos já se observava uma maior heterogeneidade populacional resultante do aumento da população de classe média, mesmo que ainda não se vissem aí os extratos mais abastados da sociedade, tal como na Zona Sul. Vai atribuir aos bairros suburbanos também os dois núcleos secundários mais importantes da cidade depois de Copacabana, que seriam o Méier e Madureira, que na época esta considera mais importantes que o ainda embrionário núcleo da Praça Saens Peña. Contudo, ainda justifica sua classificação como subúrbio. Primeiro por terem sido assim nomeados e ocupados, o que denota uma grande rigidez, de modo que a autora parece entender que “uma

⁸ Para a autora a Zona Norte é limitada aos bairros do Rio Comprido, Engenho Velho (proximidades da atual Praça da Bandeira), São Cristóvão, Tijuca, Andaraí e pequena porção do Engenho Novo

vez subúrbio sempre subúrbio”. Como se fosse impossível conceber que a organização interna da cidade pode mudar e, com ela, seu conteúdo. Depois, à semelhança de Bernardes, evoca o uso popular e o referencial ferroviário, e afirma que “(...) a denominação de bairros a êles (sic) aplicada violentaria demais o conteúdo tradicional da palavra, que sempre esteve (sic) desligado da utilização do transporte ferroviário” (SOARES, 1965, p. 367).

Novamente o trem é evocado como referência e elemento determinante da paisagem suburbana, junto a ele o último critério que resiste – após décadas de transformações - nos bairros chamados suburbanos é o “modo de vida peculiar”. Soares (1960) ao mencionar esse modo de vida referia-se inicialmente à manutenção de costumes do espaço rural como cultivar uma horta ou criar galinhas, e que poderia ser tão simples como manter um jardim. Entretanto a autora registra também como o termo carrega no Rio de Janeiro uma carga pejorativa e, mesmo que tenha ocorrido uma mudança no perfil da população suburbana, o uso popular do termo subúrbio ainda estava atrelado à população menos favorecida.

O que podemos perceber é que mesmo com as transformações do tecido urbano alguns símbolos e significados se perpetuam e se sustentam como matrizes para referenciais ideológicos que seus habitantes compartilham. Assim, mesmo após a urbanização de novos espaços da Zona Norte da cidade, a toponímia de subúrbio é mantida para referenciar esses espaços, configurando sua construção ideológica de um subúrbio na cidade, onde alguns dos referenciais ideológicos são a figura do trem e de uma população pobre.

Fernandes (2011) quando questiona o conceito carioca de subúrbio não está buscando dizer que deixemos de chamar um ou outro bairro de subúrbio hoje por questão conceitual, certamente porque está consciente de como isso passa a compor hoje parte da identidade carioca. Seu objetivo é desnaturalizar esse conceito e, sobretudo, a forma como autores o utilizaram na pesquisa sobre o espaço urbano. Isto é, mesmo nas pesquisas sobre o passado da cidade e o início de sua formação os trabalhos traziam uma perspectiva viciada que tendia a utilizar elementos da atual organização interna para explicar antigos processos. Isso posto, o autor apresenta incompatibilidades teóricas desse modelo.

A grande incompatibilidade apresentada pelo autor foi a afirmação inquestionável de que o trem fez o subúrbio proletário e o bonde fez a Zona Sul e a Tijuca como zonas urbanas de altas classes. Desta forma Fernandes (2011) apresenta cartas e notícias de jornais apresentando como Copacabana foi um empreendimento imobiliário fracassado por pelo menos 20 anos depois de acessada pelos bondes, sendo subutilizada como lugar de pescadores e sanatórios. Enquanto isso, também na Zona Sul a Gávea se constituiu como um bairro de

grandes fábricas de tecidos e vilas operárias, mesmo sem nenhuma relação com o transporte ferroviário. Já nos ditos subúrbios ferroviários de São Cristóvão e Engenho Novo, durante o final do século XIX, prosperavam teatros e organizações de turfe, nada compatíveis com a ocupação proletária a qual se buscou atribuir. Nesse mesmo subúrbio desenrolaram-se as tramas dos romances de Machado de Assis, retratando personagens de posses e famílias tradicionais cariocas (SILVA, 2018a).

Isso ocorre, segundo Fernandes, porque durante o final do século XIX já havia se desenvolvido ao redor do Rio de Janeiro um subúrbio de alto status tal como o modelo de Burgess. Assim argumenta que Catete e Botafogo – tradicionalmente já visto como de alto status – formavam junto a São Cristóvão, Engenho Novo, Vila Isabel e Tijuca um cordão de alto status em volta da área central, com ricas chácaras, solares, casarões e servidos dos melhores serviços urbanos. Mesmo tendo registrado a evolução desses bairros, inclusive percebendo as mudanças nos perfis socioeconômicos de suas populações, vários autores não conseguiram observar a mudança do modelo de Kohl para Burgess, coloca Fernandes. Outro exemplo semelhante destacado em sua argumentação foi desenvolvido na obra de Abreu (1987), ao observar a ocupação da Barra este prefere a explicar como um estiramento da zona central, mesmo tão longe, a aceitar a formação de uma área suburbana de alto status.

Esse questionamento não significa dizer que a área suburbana da Zona Norte não veio a alterar seu conteúdo e efetivamente ser ocupada por uma população proletária posteriormente, funcionando como uma zona de atração de grandes indústrias. Porém, o que Fernandes (2011) chama atenção é que esta não foi uma característica *a priori* daquele espaço, isto é, não foi um espaço que já surgiu como proletário. Assim como a Zona Sul também não foi uma área reservada à ocupação de alto status. No século XIX as indústrias cariocas possuíam outros fatores locais que claramente não estavam associados ao transporte ferroviário. Localizavam-se nas áreas de abundância de água e faziam seus transportes por bonde se fosse preciso. A exceção no Rio de Janeiro será a Fábrica Bangu que, pelo esgotamento do uso hidráulico no maciço da Tijuca, se instala no espaço rural e recolhe água dos maciços da Pedra Branca e Gericinó (OLIVEIRA, 2010). A mudança desse quadro se iniciará somente após a transformação do Rio de Janeiro de cidade pré-capitalista para sua adaptação ao novo capitalismo industrial. Portanto, argumenta Fernandes (2011), não é possível utilizar características que se desenvolveriam posteriormente nesses bairros para justificar suas primeiras ocupações.

Segundo Abreu (1987) o episódio que marca essa transição na cidade será a reforma Pereira Passos, no início do século XX, criando as bases de uma infraestrutura material e imaterial que permitirão a transformação da organização interna urbana. O início do sucessivo arrasamento de quarteirões da área central da cidade, nessa época o lócus da habitação popular (tal qual o modelo de Burgess); seguido posteriormente por outros que realizarão o desmonte do Morro do Castelo, construção da Av. Presidente Vargas e etc. iniciará uma exponencial pressão por habitação de baixo custo. Somar-se-á a essa pressão o crescente êxodo rural e imigração que ocorrem no Brasil. Nesse contexto, Fernandes (2011) registra também uma quase absoluta negligência do poder público com a questão habitacional⁹, inicia-se a proletarização dos espaços suburbanos.

Aos poucos se observa o estabelecimento de classes populares nos subúrbios da zona norte, ao que a nova população é recebida com protesto nos jornais e almanaques locais da época, como registrou Fernandes (2011). Esse acirramento de conflitos entre moradores novos e antigos demarca bem como os “subúrbios tradicionais” apresentavam uma composição demográfica bem diferente daquela que vai ser observada nos anos que Bernardes e Soares delimitam seu conceito. Portanto, por mais que as autoras justificassem a manutenção do termo subúrbio mesmo após seu processo de urbanização como um respeito à tradição, estavam invisibilizando e ignorando que a configuração espacial que foi chamada de subúrbio não era mais a mesma. O subúrbio tradicional de fato, se assim pudermos considera-lo não teria sobrevivido, considerando suas transformações, e em seu lugar surgiram vários bairros de composição demográfica diversa e com novas funções comerciais e industriais antes improváveis. De certo que o termo, independente da transformação continuou de uso corrente da população, um referencial ideológico que sobreviveu mesmo após a mudança de seu conjunto material, reconstruindo os sentidos pelo qual um espaço era interpretado.

O processo continuou, com expansão horizontal desses bairros e conquista de novos terrenos antes inabitáveis, uma fatia da população, que não conseguia arcar com esses custos do loteamento vai ocupar as encostas mais íngremes dos morros, expandindo a favelização, sobretudo para o subúrbio da Zona Norte e depois Oeste (SILVA, 2010). Daí então, a partir dessa concentração de população de classes baixas na Zona Norte surgirá um fator locacional que passará a atrair a instalação de indústrias de grande porte que se deslocam das áreas valorizadas do centro e Zona Sul (FERNANDES, 2011). Médias e pequenas instalações

⁹A exceção durante o período da República Velha será, entre 1910-1914, a construção da vila operária no bairro de Marechal Hermes que foi deixada incompleta (FERNANDES; OLIVEIRA, 2010).

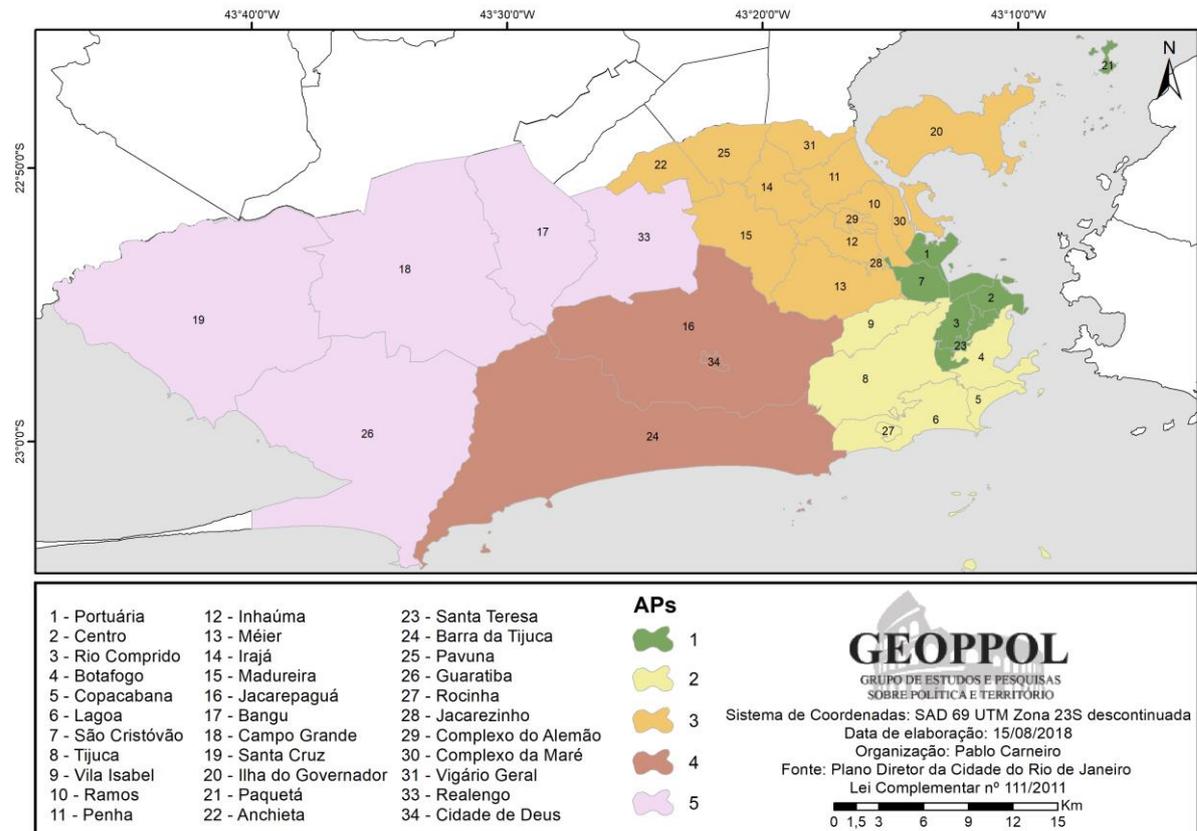
industriais ainda sobreviveram por um tempo em outras áreas da cidade, levando Soares a afirmar em 1965 que são ainda numerosas inclusive na Zona Sul. No entanto foi a grande instalação industrial que impactou na paisagem, assim sua reorganização para os bairros da Zona Norte constituiu um elemento forte na construção da paisagem desses bairros. Essas indústrias tornaram-se parte de um referencial ideológico juntamente com a população proletária que formou e marcou a identidade desse espaço que conhecemos como subúrbio carioca. Posteriormente a demarcação de distritos industriais, por sucessivos governos, nas áreas do subúrbio consolida no papel aquilo que se observava no desenvolvimento da cidade.

A partir de então temos a finalização do tripé trem-proletário-subúrbio que marcará o imaginário carioca quanto à essa porção da cidade, isto é, a categoria de subúrbio ficará profundamente ligada ao trem como transporte e ao proletário como conteúdo (FERNANDES; OLIVEIRA, 2010). Esses elementos serão considerados os principais, reproduzidos à exaustão e certamente tributários da premissa assinalada por Fernandes (2011) como explicação equivocada de que “o bonde fez a cidade, assim como o trem fez o subúrbio proletário”. Como referenciais ideológicos esses três elementos vão orientar a visão fragmentada da cidade e distinguir parte daquilo que será interpretado pelo carioca como subúrbio.

Um reflexo dessa influência é observado na divisão das Áreas de Planejamento (AP), desenvolvidas Prefeitura Municipal (Mapa 4). Como divisão administrativa oficial e poder de lei, esse referencial ideológico ganha força para se reproduzir, sendo conhecido e absorvido por outras pessoas e se perpetuando na forma como as pessoas interpretam e se relacionam com esse espaço.

Se observarmos essa divisão com certa cautela conseguimos ver nas áreas de planejamento divisões muito semelhantes às definidas por Soares em 1968, atualizadas algumas questões urbanas. Assim a área central e zona de obsolescência teriam formado a AP1, os bairros que abrigavam a classe média formam a AP2, os chamados bairros suburbanos e as áreas já consideradas subúrbio em 1968 formaram a AP3, a antiga zona rural compõe hoje a AP4 enquanto a “faixa pioneira urbana” compõe a AP5

Mapa 4 - Divisão administrativa do Rio de Janeiro em Áreas de Planejamento e Regiões Administrativas



Embora esse mapa possa ser visto como produto de uma proposta de divisão urbana a partir de certas configurações funcionais urbanas definidas por Bernardes e Soares durante a década de 60, este se apresenta também para o carioca como continente de vários referenciais ideológicos. Por exemplo, porque áreas muito próximas ao centro como a Glória são incorporadas à AP2 enquanto Santa Teresa se mantém na A1? Porque a Tijuca e Vila Isabel que são consideradas como AP2 se encontram fisicamente afastada e excluída dos demais bairros dessa área de planejamento? Para discutir essas construções precisamos revisar como o conceito carioca de subúrbio se constitui hoje como mais que um recorte espacial, mas uma categoria identitária. Dessa forma discutimos na seção seguinte alguns dos símbolos relacionados a essa identidade.

2.3 A IDENTIDADE SUBURBANA

Quando Soares e Bernardes escrevem e descrevem, na década de 60, como interpretavam a divisão urbana no Rio de Janeiro estavam menos ocupadas com a tarefa de construir uma nova forma de interpretar a cidade, e mais em preservar e esquematizar uma divisão que já era corrente no imaginário espacial do carioca. A divisão em área central, bairros e bairros-subúrbio/subúrbios era não uma mudança do que estava sendo feito, mas o

exercício de cartografar e organizar aquilo que já era corrente no cotidiano. Seu esforço, assim como de outros geógrafos e obras desse mesmo período, foi de estabelecer a base do conhecimento sobre a cidade para que a partir disso pudesse se desenvolver o conhecimento geográfico local.

Quando Fernandes (2011) aponta para o rapto ideológico da categoria de subúrbio no Rio de Janeiro não está se referindo à essa cartografia produzida pelas autoras nos anos 60. Para o autor o rapto se dá antes, na virada do século XIX para o século XX. Nesse momento acontece um duplo processo de valorização dos bairros do litoral oceânico Sul, atraindo uma população de alto status, enquanto os chamados bairros subúrbios ao Norte do Maciço começam a ser abandonados pelo poder público e sucessivamente com uma composição social menos abastada. Mesmo que já no início desse processo os bairros-subúrbio tivessem uma condição plenamente urbana - abastecidos de comércio e serviços diversos, transportes rápidos para o centro, calçamentos, teatros e jornais regulares – a estes foi preservado o topônimo *subúrbio*. Enquanto isso outros bairros, uma vez já chamados de subúrbio, como a Tijuca, Gávea ou Botafogo, perderam a toponímia e tiveram seu processo de urbanização reconhecidos. Esse teria sido o início do processo de rapto, finalizado pela fusão ao termo subúrbio características socialmente depreciativas, como locais dos usos poluidores, como as indústrias; das classes sociais mais pobres, portanto que receberiam menos atenção; dos serviços precários, daí a irregularidade dos serviços públicos oferecidos.

Portanto, quando certos autores da academia constroem suas interpretações urbanas nos anos 60 e 70, estes estariam na visão de Fernandes (2011) não iniciando o processo do rapto, mas reproduzindo um rapto que teria se iniciado muito antes. Esta seria a ponta final da realização do rapto, quando a academia vem a reconhecer e perpetuar o sentido distorcido do topônimo. É a percepção espacial influenciada pelos referenciais ideológicos recebendo o selo da academia.

Essas obras da década 1960 e 1970, sobretudo de geógrafos, vieram a consolidar uma visão de que o subúrbio é um território carioca (GUIMARÃES; DAVIES, 2016). Isto é, preocupados em traçar a delimitação física dos espaços da cidade, os autores definem o subúrbio como um espaço funcionalmente diferente dos demais bairros. Assim, pelos critérios demográficos, morfológicos, econômicos, poderia ser traçada uma linha divisória entre o subúrbio de fato e os bairros já incorporados ao espaço urbano.

Para Guimarães e Davies (2016) podemos dividir os principais estudos sobre subúrbio no Rio de Janeiro em três eixos: o supracitado subúrbio como território carioca;

outro que trabalhou o subúrbio como subcultura urbana; e um eixo que entende o subúrbio como elemento de afirmação política¹⁰. Enquanto o primeiro eixo, como discutimos, trabalha o subúrbio carioca a partir de uma demarcação material, para os outros eixos o subúrbio é eminentemente um objeto simbólico, ainda que diferenciem quanto ao conteúdo simbólico desses subúrbios.

Uma obra fundamental a se considerar quando falamos da posição simbólica dos subúrbios na cidade do Rio de Janeiro é *A Utopia Urbana*, a dissertação transformada em livro de Gilberto Velho ([1973] 1982). Nesse estudo Velho não esteve ocupado em falar sobre os subúrbios propriamente, mas investigar a atração que Copacabana exercia sobre as pessoas como utopia urbana de moradia e vivência. No entanto, ao construir sua análise sobre o espaço urbano o autor por vários momentos comenta sobre os subúrbios e a ideia que faz destes.

A primeira ideia que podemos perceber é que Velho considerava os subúrbios como um recorte espacial, um território carioca. Para tanto demonstra utilizar uma divisão dos espaços do Rio de Janeiro muito semelhante à empreendida por Bernardes e Soares (1987), inclusive segue a visão que as autoras também traçaram para a diferenciação entre o que seria considerado bairro, portanto urbano, ou subúrbio. Ainda que o autor não tenha citado diretamente as autoras, em seu texto cita o trabalho e obra de Pedro Geiger (1963), na qual textos de Maria Therezinha Segada Soares são citados e referenciados quanto ao conceito de subúrbio carioca, sobretudo na sua definição de bairros-subúrbios. Essa influência leva também o autor à concepção de considerar os bairros suburbanos como marginais na cidade, isto é, não plenamente urbanos (ainda que estivesse falando de bairros já plenamente integrados à malha urbana na década de 1970 como Madureira e Méier). Essa não é uma situação nova, apenas mais um caso do rpto ideológico que Fernandes (2011) analisou. O nos é relevante aqui é observar, tal qual Guimarães e Davies (2016) colocaram, como o seu

¹⁰ Em texto mais recente, tratando especificamente dos estudos nas ciências sociais, os autores definem quatro estratégias de ação quanto ao conceito de subúrbio, isto é, uma divisão a mais do que apresentaram no texto anterior. Apesar das fronteiras entre as novas categorias não terem sido tão rigorosamente identificadas, seguiram uma evolução cronológica e é possível ver uma certa semelhança com os três primeiros eixos apresentados, de forma que preferiu-se nessa pesquisa manter a primeira proposta dos autores. Na nova divisão a perspectiva material teria sido dividida em duas abordagens, uma que influenciada pela abordagem marxista vai discutir o subúrbio como segregação espacial do operariado, enquanto a outra influenciada pela distingue “subúrbio” e “periferia” para colocar o subúrbio como antítese da cidade, isto é, espaço da precariedade que precisava ser consertada para se integrar à cidade. Os outros eixos continuam seguindo a perspectiva simbólica do primeiro texto, um sendo o dos estudos sobre o *éthos* suburbano e o outro considerando como subúrbio pode ser uma categoria de identificação cultural e de afirmação dentro da sociedade. (GUIMARÃES; DAVIES, 2018).

trabalho influenciará a construção de outros estudos sociais que colocação os subúrbios como uma subcultura urbana e reproduzirão sua marginalização simbólica.

Um dos mais importantes trabalhos a receber influência da visão de Velho será a dissertação de Sandra de Sá Carneiro, sob sua orientação, intitulada *Balão no Céu Alegria na Terra: um estudo sobre as representações e a organização social dos baloeiros*, defendida em 1982. Para Guimarães e Davies (2016) esta pode ser considerada como a obra que inaugura a visão na academia do subúrbio como subcultura urbana. Trata-se, colocam os autores, de uma abordagem romântica sobre a experiência cultural dos subúrbios, que busca a positivação de seus valores. Os subúrbios passam a ser tratados como lócus de uma vivência única suburbana, onde o conservadorismo e tradição que antes em Velho ([1973] 1982) os habitantes retratavam como objeto desprezo agora passam a ser colocados como qualidades. Os subúrbios seriam os espaços onde as relações de vizinhança e solidariedade se mantêm, onde os vizinhos não só falam da vida dos outros, mas participam de forma colaborativa.

O problema dessa forma de interpretação, relatam Guimarães e Davies (2016), é que esta não rompe com o rapto ideológico do subúrbio carioca. Primeiro pois *a cultura suburbana* é observada como uma subcultura, isto é, haveria uma cultura urbana normalmente representada na figura da Zona Sul e seus moradores, enquanto que a experiência dos subúrbios seriam um resquício do passado, considerado como de forma não-urbana e residual. Por si, esta interpretação já manteria a dualidade urbano/não-urbano (ou sub-urbano), criticada por Fernandes (2011) por aplicar o termo suburbano à espaços urbanizados. Além disto, esta interpretação não muda a posição política à qual os subúrbios da cidade têm sido relegados. Isto porque, apesar de valorizados ou dignificados alguns valores simbólicos locais, esta não quebra nem questiona como os subúrbios tem ocupado o lugar de espaço do abandono político e material no imaginário geográfico sobre a cidade. Toma-se assim como um critério de diferenciação espacial considerar um lugar de status político marginal como subúrbio (volta-se também à ideia de subúrbio enquanto território carioca). Fundem-se os significados entre “estar à margem” e “ser subúrbio”, retornando à confusão metodológica que discutimos aqui no item 2.1.2. Institui-se e reproduz-se assim uma ambiguidade quanto ao trato dos subúrbios, em um momento é o espaço do singular e de valores culturais populares, no outro é o espaço da repulsa onde predominam a precariedade e os problemas urbanos (RIBEIRO, 2016).

Portanto observamos que, nos estudos urbanos, considerar os subúrbios a partir de um estudo do simbólico não foi e nem é necessariamente o mesmo que discutir sua origem e

questionar os projetos de poder simbólico que operaram sobre esse topônimo. Se estamos, desde o início deste trabalho, discutindo como a paisagem que temos sobre certo espaço é uma construção narrativa e, como referenciais ideológicos influenciam no processo de metonimização do nosso conhecimento sobre o espaço, não podemos naturalizar a existência dos subúrbios cariocas nem enquanto território carioca, nem enquanto uma subcultura residual urbana subordinada à uma imagem hegemônica de cidade.

A ação da Prefeitura de ressignificação dos símbolos associados a Madureira a partir de estratégias de publicidade deve ser entendida então não como uma intervenção de um poder hegemônico, mas como um ator, dentre tantos outros, que busca disputar visibilidade frente a outras narrativas que coexistem sobre o espaço. Dessa forma analisamos aqui como a categoria de subúrbio pode ser um dispositivo mobilizado para atingir certos interesses, nesse caso mobilizado por uma gestão do poder público para construir a narrativa sobre o impacto positivo que suas ações tiveram sobre a cidade. Esta mobilização da categoria de subúrbio é uma dentre outras possíveis, diferentes atores podem mobilizá-la de forma diferente conforme seus objetivos. Nessa visão não é o subúrbio que possui ou pode ser trabalhado por um viés simbólico, mas ele próprio é uma construção simbólica; uma construção sócio-espacial nem sempre relacionada ou atrelada “ao real”, cuja função é influenciar comportamentos e ações no espaço.

Trabalhar nessa perspectiva nos aproxima da abordagem de subúrbio identificada por Guimarães e Davies (2016) enquanto um elemento de afirmação política. Esta perspectiva parte do princípio de que não há uma forma única de ser subúrbio ou suburbano, mas formas diferentes que são resultado dos caminhos individuais e coletivos traçados em diferentes espaços da cidade. A cidade não é fechada e as identidades são móveis, as fronteiras não são bem definidas e os indivíduos circulam por elas, podendo alterar a sua forma de agir ou sua identidade a ser ativada conforme for o seu objetivo.

Um dos trabalhos a apresentar essa perspectiva no trato dos subúrbios foi o de Carneiro (2009), mudando e reconstruindo a perspectiva que a autora apresentou no início de sua carreira, discute agora a relativização das fronteiras entre o que comumente se considera subúrbio na cidade e os espaços valorizados. Segundo a autora os subúrbios são constituídos por uma multiplicidade de recortes que geram uma grande heterogeneidade inclusive dentro de seus próprios bairros. A mais simples de se observar e já trabalhada em algumas bibliografias sobre o espaço urbano é a dicotomia favela x asfalto, esta não somente é uma diferenciação que acontece na Zona Sul, mas uma periferização que se reproduz por toda a

cidade, gerando formas múltiplas identidades espaciais (SILVA, 2010). Outras clivagens diversas podem também ser observadas nos subúrbios, ampliando sua diversidade identitária.

Portanto, a relação que o carioca estabelece com o topônimo de subúrbio é múltipla, não somente a dicotomia entre subúrbio marginal versus Zona Sul moderna. Conquanto uma pessoa de padrão de vida elevado, moradora da Vila da Penha, possa se considerar portadora de uma identidade e estilo de vida muito diferente de um morador do Complexo do Jacaré, é possível também em outro momento que ambos estejam defendendo uma mesma identidade suburbana ao, nostalgicamente, clamar pelo seu direito de lavar o carro com a mangueira na calçada ou na rua. Nesse raciocínio, Ribeiro (2016), que em sua dissertação procurou inventariar e registrar algumas das formas com as quais suburbanos constroem e ativam diferentes narrativas sobre seus espaços e relações, assera que:

“Desta forma quando pensamos aqui no fazer-se suburbano, estamos falando de uma multiplicidade de singularidades que se agenciam em torno de questões comuns, e não de uma massa homogênea capaz de se reconhecer por uma identidade essencial. A relação identitária seria, portanto, instrumental, surgindo conforme a nossa necessidade de lutar por um bem comum.” (RIBEIRO, 2016, p. 97)

Assim o autor considera que é possível a um indivíduo num momento ativar uma forma de se identificar suburbano num espaço, mas mudando seu espaço ou o momento, agir ou se considerar de outra forma. Um exemplo dessa multiplicidade de visões dos subúrbios é a disputa simbólica que há entre alguns bairros pelo título de “Zona Sul da Zona Norte” onde se aguerriam moradores de Vila da Penha, Tijuca, Vila Valqueire, Jardim Guanabara e outros. Ou ainda na disputa de bailes funks que acontece entre Mcs dos complexos de favela do Lins (Baile Colômbia), Penha (Baile da Gaiola) e Jacaré (Baile do Jaca). Mas apesar de disputas identitárias locais há outros momentos onde uma identidade única é colocada, um dos exemplos que Ribeiro (2016) se utiliza foram os episódios ocorridos no verão de 2015/2016 onde policiais começaram a revistar ônibus que saíam da Zona Norte em direção aos bairros litorâneos da Zona Sul. O autor aponta que quando começou a se falar em cortes dessas linhas de ônibus moradores de bairros distintos e distantes ecoaram suas vozes contrárias ao corte, levantando uma identidade suburbana comum, ainda que não fizessem parte dos bairros afetados. Isto é, quando surgiu uma pauta comum uma bandeira identitária comum foi levantada, entretanto quando essa pauta se dissolve a bandeira identitária também pode se dissolver ou dar lugar a outras separações e disputas.

O que o autor busca trazer com essa discussão é que o topônimo subúrbio é um instrumento utilizado por certos grupos para construir, quando necessário, uma coesão e

identidade para conseguir força em um movimento de luta no espaço urbano (RIBEIRO, 2016). Assim surgem coletivos que ou agregam o topônimo em seu próprio nome ou à história que carregam, para reforçarem sua atividade fim, seja ela um grupo de teatro, a promoção de uma vertente musical, pleitear obras de infraestrutura na Prefeitura ou patrocínio para agremiações de samba. Portanto, vai colocar o autor que:

“O que pensamos por Subúrbio Carioca, hoje, não é mais um lugar definido, mas uma expressão que pode ser utilizada para produzir os mais diversos agenciamentos.” (RIBEIRO, 2016, p. 189)

Conclui e defende que o subúrbio é o lugar onde o suburbano se encontra, e onde este ativará sua identidade suburbana, havendo ou não correspondência com aqueles lugares que foram na bibliografia ou que tradicionalmente são chamados de suburbano. Será a apropriação do espaço por um movimento identitário que constituirá o espaço suburbano, ainda que de forma efêmera. Em suma, definir ou buscar o que seria um legítimo subúrbio carioca através da perspectiva de seus habitantes não somente seria uma busca extenuante como também impossível, pois não há *a priori* um subúrbio carioca, mas as construções que fazemos deste. O que é factível seria, tal como muitos outros autores fizeram, uma delimitação da abordagem sobre subúrbio carioca operacionalizada por algum grupo ou ator. É nessa linha que estamos aqui procurando delimitar o conceito de subúrbio que a Prefeitura esteve utilizando nos seus vídeos publicitários.

Todavia, ainda que não seja possível trabalhar uma identidade única suburbana, não podemos ignorar o papel que o subúrbio carioca possui no imaginário espacial da cidade. Por mais que existam múltiplas interpretações sobre o que é subúrbio, tal como comentamos para a paisagem dominante, há uma narrativa dominante sobre o que se constitui como subúrbio, ou melhor, há elementos que são mais difundidos e aceitos como constituintes da paisagem que compartilhamos sobre subúrbio carioca.

Quando dois cariocas de bairros distintos conversam sobre subúrbio, cada um terá uma interpretação diferente sobre esse recorte decorrente de sua trajetória individual com este. Entretanto existe, pela própria vivência de cidade, um mínimo de semelhança entre seus horizontes de ideias que os permitem manter o diálogo. Caso contrário não seria possível manter uma conversa sobre subúrbio, ou seria necessário que estes parassem e discutissem o que cada um entende por subúrbio. Nesse último caso o que entraria em ação seria o processo de metonimização onde cada um, através do diálogo, mesclaria elementos da visão do outro para construir uma nova imagem sobre subúrbio e, portanto, voltando ao momento inicial do exemplo onde haveria uma semelhança no horizonte de ideias. O que defendo aqui é que isso

que discutimos como "vivência de cidade" ou "trajetória individual" é a influência e familiaridade que se possui com a ideologia espacial sobre subúrbio carioca.

O subúrbio carioca como ideologia geográfica e seus referenciais ideológicos

Trabalhar a acepção de subúrbio carioca como uma ideologia espacial é não ignorar a existência de multiplicidade de subúrbios, mas reconhecer que existe uma figura mais difundida sobre o que é subúrbio carioca, compartilhada socialmente, e que influencia a maneira como agimos e nos relacionamos com o espaço urbano. Essa ideologia não é produto único de uma intencionalidade, mas, como discutimos no capítulo anterior, é produto de uma multiplicidade de relações sociais, da vivência desses espaços e que pela sua autonomia veio se transformando ao longo do tempo.

Observar o subúrbio como ideologia nos permite, por exemplo, compreender que este é constituído por uma multiplicidade de referenciais ideológicos. Estes que, como coloca Berdoulay (2012), dão coesão à narrativa principal, mas que não tem compromisso nenhum com a racionalidade, podendo ser conflituosos e contraditórios, o que garante aos indivíduos maior liberdade de ação na esfera dessa ideologia. É a partir dessa diversidade de referenciais, por exemplo, que podemos considerar a existência de múltiplas visões sobre o subúrbio, porque enquanto um indivíduo ou grupo pode entendê-los por uma interpretação, outros podem ignorá-la e dar valor a outro referencial. Dessa forma o subúrbio carioca pode ser ao mesmo tempo o lugar da repulsa pela violência, mas também o lugar do aconchego e da vizinhança. Há inúmeros referenciais, mas nem todo suburbano se encaixa ou é influenciado por todos da mesma forma.

A bibliografia que se dedicou ao tema do espaço suburbano na cidade do Rio de Janeiro procurou, cada qual a sua maneira, delimitar alguns elementos característicos do subúrbio carioca¹¹, que consideraremos aqui como seus referenciais constitutivos. A mais influente talvez tenha sido as delimitações de Soares e Bernardes, pelo seu papel no estabelecimento das bases para os estudos geográficos urbanos sobre o Rio de Janeiro e, conseqüente, influência que teve sobre a formação dos posteriores profissionais e seus

¹¹ Nesse momento estamos nos referindo ao subúrbio carioca enquanto construção ideológica. Apesar de poder haver múltiplas visões sobre esta construção, parto do princípio aqui que há uma única ideologia espacial, conquanto haja uma multiplicidade de narrativas disputando visibilidade nessa esfera simbólica são todas tributárias dos referenciais ideológicos que se ancoram nessa matriz ideológica.

estudos. Não se trata aqui de ignorar o papel que esta conceituação teve na consolidação do rpto ideológico sobre a categoria de subúrbio, mas de reconhecer sua importância na construção sobre o imaginário geográfico que temos sobre o Rio de Janeiro.

Como abordamos na seção anterior, Soares em 1960 definiu quatro critérios para considerar uma área da cidade um subúrbio: 1) descontinuidade de construções; 2) modo de vida peculiar, diferente do cidadão; 3) dependência do transporte do trem; 4) melhoramentos urbanos incompletos ou precários. Com a exceção do primeiro critério ao longo desses últimos 60 os demais se mantiveram como referenciais de subúrbio carioca. Tanto os trabalhos de Velho (1982) quanto os de Carneiro (1982), como outros, são exemplos de como a bibliografia observou o subúrbio e suburbanos enquanto “modo de vida peculiar”. A centralidade dos trens (juntamente à figura da indústria e proletários) foram temas de vários trabalhos e produções acadêmicas sobre o subúrbio carioca. Essa associação foi tão forte que Márcio Piñon de Oliveira e Nelson da Nóbrega Fernandes (2010) ao realizar o seminário, depois transformado em livro, *150 anos de subúrbio carioca* se utilizam da data de instalação do primeiro ramal ferroviário como marco instaurador do subúrbio¹².

Quanto à precarização dos serviços públicos no subúrbio ou incompletude dos melhoramentos urbanos, é larga a produção de trabalhos que procuraram denunciar a diferença de tratamento do poder público nos diferentes espaços da cidade. Já Abreu (1987) questionava essa segregação imposta por uma administração pública excludente, mas também Fernandes (2011) e Fernandez (2005) apresentaram como moradores desde os meados do século XX criticavam na imprensa suburbana a diferença de tratamento do poder público, Ribeiro (2016) apresentou ainda a contemporaneidade dessas reclamações no imaginário carioca.

Bernardes (1961), mesmo não conflitando com a definição de Soares, aponta outro elemento que se instalará como referencial de subúrbio e que havia sido ignorado pela autora: os acidentes geográficos. Segundo a autora os subúrbios seriam caracterizados não somente pelo seu conteúdo social, mas estariam delimitados como as terras para além dos acidentes geográficos do Morro do Telégrafo e da Serra do Engenho Novo. Por mais que a força dos acidentes geográficos em fragmentar materialmente os espaços da cidade tenham diminuído com o passar do tempo - a partir da criação de túneis, linhas de trem ou vias expressas de

¹² É sabido, pela larga produção bibliográfica dos autores, que estes não defendiam essa tese de que o trem instaura o subúrbio. A associação entre trem e subúrbio que fizeram nesse contexto foi um reconhecimento da importância que o transporte ferroviário adquiriu ao longo do tempo nas identidades suburbanas.

automóveis – foi observado na bibliografia estudada uma retomada dessa força fragmentativa numa perspectiva simbólica. A divisão da cidade do Rio de Janeiro em Zonas é exemplar de como ainda persiste essa fragmentação centrada nos maciços da cidade.

O carioca facilmente reconhece a divisão de sua cidade em “zonas” central, sul, norte e oeste, entretanto, apesar desse zoneamento presente no vocabulário local nunca houve uma legislação formal para a divisão urbana nesses termos (CARDOSO, 2009). A divisão de zonas é reproduzida pelo carioca no dia a dia, aparece na teledramaturgia, literatura, está incorporada ao vocabulário jornalístico local e inclusive pode ser encontrada em reportagens e anúncios da Prefeitura, entretanto a divisão oficial da cidade é feita a partir das Áreas de Planejamento (Mapa 4).

A geógrafa Elizabeth Cardoso, nos estudos de sua tese de doutoramento, se interessou em investigar o surgimento e difusão do topônimo “Zona Sul”, acabando por discutir o surgimento dos demais termos. Como constatou a autora, não houve uma legislação sobre zoneamento na cidade que utilizasse as coordenadas cardinais, a única encontrada dividia a cidade em Zona Comercial, Portuária, Industrial e Residencial (CARDOSO, 2009). Ausente a legislação sobre esse zoneamento a autora migra sua investigação para revistas e periódicos, constatando o aparecimento do topônimo por volta das décadas de 1930 e 1940, bem antes de ser operacionalizado pelos estudos urbanos. Cardoso (2009) defende que a invenção e difusão do termo Zona Sul fez parte de uma estratégia simbólica de espraiamento da valorização imobiliária dos bairros oceânicos para bairros vizinhos, a partir dos anos 1940. Segundo a autora o sucesso imobiliário que Copacabana, e posteriormente Ipanema e Leblon, tinham se tornado iria mobilizar o capital imobiliário à construção de novos espaços de expansão. Assim, quando estes espaços se esgotaram nos bairros oceânicos, sobretudo depois de sua verticalização e encarecimento de novos projetos, o foco começou a migrar para os bairros vizinhos, fosse Lagoa, Jardim Botânico, Botafogo ou Flamengo. Dessa forma bairros que não eram associados à imagem litorânea ou percebidos mais pela sua proximidade com a área central, como Flamengo e Catete, passam a ser nomeados pela toponímia Zona Sul.

Em contraposição à Zona Sul teremos a difusão do topônimo Zona Norte, que mais nos interessa nessa análise. Apesar dos termos começarem a ser absorvidos pelos estudos urbanos no final dos anos 1940, como aponta Cardoso (2009), será somente em Geiger (1960) que as definições serão mais bem estabelecidas. Este definirá como critério de localização dos

bairros a relação com o Maciço da Tijuca, que separaria Zona Sul e Zona Norte¹³. No entanto é possível observar que nas primeiras décadas de seu aparecimento, o uso do termo Zona Norte era muito mais restrito do que atualmente lhe é atribuído (Mapa 3). Seguindo o padrão de distinção entre áreas urbanas e suburbanas, ou bairros e bairros-subúrbio, os autores consideraram como Zona Norte somente as áreas entre a área central, a Serra do Engenho Novo e Morro do Telégrafo (BERNARDES; SOARES, 1987; GEIGER, 1963). Cardoso (2009) argumenta que, de forma semelhante ao interesse imobiliário na Zona Sul, o topônimo Zona Norte atuava de forma a separar simbolicamente os bairros considerados suburbanos, lócus de uma imagem pejorativa, dos bairros considerados urbanos.

Apesar dessa fronteira simbólica representada pelos maciços presentes na cidade, não há um mapeamento oficial da Prefeitura que delimite nenhuma dessas zonas. No entanto nada disso foi um impedimento para que a Prefeitura, na figura de suas diferentes gestões, tenha se utilizado desses topônimos em órgãos administrativos, campanhas publicitárias, reportagens e anúncios oficiais. Mantém-se assim a contradição, ao mesmo tempo em que o município não oficializa essa divisão ele a reproduz e a perpetua viva em suas estruturas administrativas.

Analisando a estrutura organizacional da Prefeitura é possível observar secretarias, subsecretarias e outras subdivisões que organizaram suas áreas de atuação a partir do recorte das “zonas”¹⁴. Percebe-se assim que a própria administração municipal estabelece uma relação entre as APs e as “zonas”. Nessa equivalência enquanto AP 1 é a área central, a AP 2 seria a Zona Sul, a AP 3 seria a Zona Norte e as APs 4 e 5 formariam a Zona Oeste. Essa correspondência, como se pode perceber não é total, e várias distorções ocorrem.

Uma distorção que a relação AP-zona cria é a combinação ou separação, dependendo do ponto de vista, das APs 4 e 5 na figura da Zona Oeste. Essa separação das APs reproduz a visão do carioca de há uma separação entre os bairros do norte e do sul do Maciço da Pedra Branca. Outra distorção que se identifica é entre o conflito entre a velha e a nova Zona Norte. Na divisão urbana apresentada pelos geógrafos na década de 1960 a Zona Norte se restringia ao espaço entre a área central e as Serras do Engenho Novo e Morro dos Telégrafos, portanto, Tijuca, Vila Isabel, Grajaú, São Cristóvão, Benfica e suas áreas

¹³ Posteriormente, com a expansão urbana a Zona Oeste também passaria a ser definida a partir da posição em relação ao Maciço da Tijuca.

¹⁴ <http://sici.rio.rj.gov.br/PAG/principal.aspx> Acessado em: 13/08/2018.

portuárias como o Caju. No entanto, no estabelecimento das APs o poder municipal oficialmente dividiu essa pretérita Zona Norte entre as APs 1 e 2. Dessa forma as RAs da Tijuca e Vila Isabel foram incorporadas à AP 2, enquanto as RAs de São Cristóvão e Portuária (Caju) foram incorporadas à AP 1. Os antigos bairros-subúrbios da classificação de Soares (1960), juntamente com outras áreas de ocupação vizinhas a eles, foram incorporados à AP 3. Essa AP 3 constituiria a uma nova interpretação sobre o que seria o espaço da Zona Norte, que por vezes pode aparecer no imaginário carioca como pertencente também às RAs de Tijuca, Vila Isabel, São Cristóvão e sua parte adjacente do Caju.

A título de exemplificação foi realizada uma enquete com três perguntas simples de resposta fechada no Facebook, num grupo sobre mobilidade urbana, com pouco mais de 1400 membros. As perguntas foram “Zona Norte é subúrbio?”, “Tijuca é Zona Norte?” e finalmente “Tijuca é subúrbio?”, com possibilidade de resposta “sim” ou “não”. Não houve aqui a intenção de investigar os motivos que levaram a escolha das respostas, somente testar o reflexo de como o carioca associa ou diferencia tais categorias espaciais. Pensamos que isso reflete essa mutação dos limites atribuídos à Zona Norte que, carente de uma definição legal, segue enquanto um conceito em discussão nas pesquisas científicas e vocabulário informal carioca. Enquanto 88% das pessoas responderam que consideram Zona Norte subúrbio, e 94% das pessoas responderam que consideram Tijuca como Zona Norte, também 69% das pessoas negaram que Tijuca possa ser considerada subúrbio¹⁵. Portanto há uma grande falta de clareza do próprio carioca entre aquilo que considera ou não enquanto subúrbio.

Importa-nos aqui discutir essa contradição para observar como as próprias categorias espaciais do Rio de Janeiro não têm seus espaços bem delimitados e não são unânimes. O conceito de subúrbio carioca carrega também em si essas contradições, não obstante alguns façam uma distinção entre subúrbio e Zona Norte, há grande associação entre esses conceitos, sendo utilizados como sinônimos por muitos cariocas. No capítulo seguinte discutiremos como a Prefeitura construiu sua narrativa sobre a cidade e elencou seus próprios elementos a partir do material publicitário audiovisual e, como identificamos, cita recorrentemente elementos identitários e referenciais ideológicos associados aos subúrbios. No entanto percebe-se que nas peças de publicidade há uma grande resistência na utilização do termo subúrbio, agarrando-se ao topônimo Zona Norte.

¹⁵ Zona Norte é Subúrbio? 117 sim e 16 não. Tijuca é Zona Norte? 62 sim e 4 não. Tijuca é Subúrbio? 33 sim e 75 não.

3 PODER PÚBLICO NA RESSIGNIFICAÇÃO DE PAISAGENS

Quando passamos a observar o conceito de paisagem enquanto a narrativa construída por um ator ao organizar, para si e para outros, os elementos que julga importante num espaço, na ordem e nas relações que julga importante, passamos também a considerar que não é possível falar *da* paisagem de um lugar, mas de *uma* paisagem do lugar. Não é de se pensar que existam dois ou mais indivíduos que compartilhem de uma mesma paisagem estritamente, pois ao descreverem suas narrativas estes trarão elementos diferentes ou valoração diferentes desses elementos. Podemos falar de uma paisagem dominante como uma generalização, tal como Duncan e Duncan (2004) nos apresentam, mas que se referem não a uma adesão unânime, e sim a elementos que são mais difundidos ou aceitos, podendo ser recusados ou ignorados por outras pessoas. Portanto se falamos *da* paisagem do Rio de Janeiro, ou *da* paisagem de Madureira, podemos estar buscando correspondência *numa* narrativa dominante e elementos compartilhados por uma grande quantidade de pessoas, mas sem ignorar que existem outras vivências e narrativas que competem por publicidade.

Portanto, quando proponho trabalhar aqui nesse capítulo como ações da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro contribuem para a ressignificação de uma paisagem, significa discutir os esforços que um ator coletivo exerce para estabelecer sua narrativa num espaço onde várias outras narrativas já competem entre si. É relevante lembrar que a máquina governamental, enquanto detentora de um maior poder econômico e organizacional, tem maior poder de difusão de sua narrativa e assim influenciar na perpetuação de uma memória ou símbolo na cidade (ABREU, 1998). Entretanto, essa situação não significa um poder absoluto. Isso porque o conjunto de símbolos estabelecido numa sociedade é formado coletivamente, assim ações de penetrar novos elementos ou releituras de significados só se tornarão medidas eficientes se estes se relacionarem com significados já existentes (MACIEL, 2004). Portanto, qualquer ator que busque criar símbolos muito ficcionais ou distantes da realidade e que não dialoguem com alguns dos símbolos já estabelecidos, provavelmente não devem encontrar sucesso.

A repetição simbólica ou ressurgência narrativa não são meramente fonte do acaso, mas compõem uma estratégia fundamental na construção de significado e inserção de novos ícones numa identidade coletiva. Como observou Girardet (1987) em nossa sociedade mitos e figuras políticas são frequentemente construídos e valorizados a partir da repetição intencional de narrativas e valores do passado, que buscam acionar no inconsciente popular sentimentos e

paixões antigos a serem mesclados à nova figura. Conforme discutiremos, essa é uma relação que não foi ignorada pela Prefeitura, que menciona elementos tradicionais do bairro a todo o momento em suas narrativas para dar-lhe substância. Trata-se assim da exploração do conceito de paisagem incorporada que apresentamos no início do trabalho. Isto é, ainda que elementos materiais e simbólicos antigos estejam sendo substituídos ou transformados enquanto se busca inserir novos elementos, há a ação de seleção de um conjunto de elementos tradicionais a serem preservados e utilizados para criar uma familiaridade inconsciente com os novos símbolos de forma a nos convencer de seu valor por associação.

Nosso objetivo aqui é discutir as bases da estratégia do poder municipal em construir suas narrativas para a cidade se utilizando da imagem de Madureira e, conseqüentemente, ressignificando elementos simbólicos do bairro. Primeiramente, para delimitar o escopo dessa narrativa analisamos o material divulgado no canal Riocidadeolimpica buscando identificar os elementos simbólicos mais comentados. Esses elementos são fundamentais para ancorar a narrativa que a Prefeitura publicizou, buscando ser operacionalizados enquanto referenciais ideológicos que reorientariam a forma do público se relacionar com esse espaço. É importante enfatizar que não se tratam somente dos novos símbolos, mas que o resgate de símbolos tradicionais do bairro é fundamental na retórica para apelar às emoções e dar suporte à narrativa. No entanto, antes de entrarmos na discussão de como estes foram organizados na narrativa e as relações sintáticas estabelecidas, apresento uma localização e introdução desses elementos do bairro, buscando aproximar e contextualizar o leitor dos objetos trabalhados.

3.1 A MADUREIRA DO PODER PÚBLICO POR EDUARDO PAES (2009-2016)

Na última década a indústria audiovisual se modificou bastante no Brasil. Com a expansão da conexão por banda larga, aumento da oferta de internet móvel e popularização dos aparelhos móveis o brasileiro mudou muito a forma como consome material de entretenimento. Ainda que a principal forma de acesso a esse conteúdo ainda se dê pela televisão, já é possível dizer que é a forma preferida de acesso por parte dos brasileiros quando está disponível, um mercado que cresceu 90% nos últimos três anos (INSTITUTO PROVOKERS, 2017). Com isso observamos uma proliferação dos canais de transmissão desse conteúdo que buscam disputar a atenção da população competindo o mercado, tais como Facebook, Twitter, Instagram, Youtube e etc.

Como era de se esperar, essas mudanças no consumo de entretenimento refletiram também uma mudança na produção dos materiais de publicidade. O ramo precisou se

diversificar e expandir os meios de transmissão para garantir que o alcance do seu público alvo fosse mantido. Com o poder público não foi diferente e, para que as administrações conseguissem manter contato com a população, foi preciso se inserir nessas transformações. A gestão Eduardo Paes (2009-2016) esteve temporalmente inserida nesse processo de crescimento das redes virtuais, e assim, a Prefeitura do Rio, dentro de sua estratégia de publicidade, criou canais de divulgação de conteúdo e relacionamento com o cidadão nessas diversas plataformas. Assim surgiu o canal oficial do Youtube em 01/2011, a conta oficial do Instagram em 04/2013, a página oficial no Facebook em 07/2013, a conta oficial do Twitter em 09/2013, e tantas outras em outros meios.

Cada conta oficial, de acordo com a proposta de cada plataforma, teve um uso diferenciado e uma interação diferente com a população. Assim algumas plataformas, como twitter e facebook, permitiram uma maior interação, este último inclusive permitindo estratégias mais variadas de divulgação das notícias. Entretanto, em questão de formação de um acervo dessas campanhas publicitárias a plataforma que mais se destaca é a dos canais do Youtube, que mantém as coleções de todos os vídeos publicados pela Prefeitura. O poder municipal foi responsável pela administração de pelo menos dois principais canais, o “Rio Sempre Presente”¹⁶ e o “Cidade Olímpica”¹⁷, criados no mesmo ano e cada qual representando um programa diferente promovido pelo governo Eduardo Paes.

O “Rio Sempre Presente” foi um dos programas criados pela Prefeitura que visava a disponibilização de informações sobre projetos municipais em diferentes áreas como estratégia de transparência. Atuou em diferentes plataformas, de forma a contar não somente com o canal no Youtube, mas endereço eletrônico próprio onde era possível consultar um mapa de localização desses projetos e dos ganhos que eram anunciados¹⁸. Esses projetos correspondiam a temas variados de uso cotidiano do carioca e recorrentemente tratavam de questões próprias ao funcionamento administrativo da Prefeitura. Na definição de Aguiar (2015) foi um “modelo híbrido de marketing público com ouvidoria”, isto é, da mesma forma que apresentava os projetos da Prefeitura também possuía canais de diálogo com a população, permitindo a participação também em momentos de não-eleição.

¹⁶ <https://www.youtube.com/riosempresente> - Acessado em 22/05/2018.

¹⁷ <https://www.youtube.com/riocidadeolimpica> - Acessado em 22/05/2018.

¹⁸ <http://www.riosempresente.com.br> – descontinuado, não Acessado

No que tange à divulgação e armazenamento das informações do Rio Sempre Presente no Youtube o que se encontra é uma produção audiovisual focada no registro da participação do Prefeito e seus secretários nos eventos oficiais, assim multiplicam-se discursos sobre a inauguração de projetos da Prefeitura, palestras, festas e fóruns participativos. É possível encontrar vídeos sem o destaque de autoridades municipais, da mesma forma apresentando os projetos, mas que são a menor parte.

O outro canal de informação, “Cidade Olímpica”, também foi um programa estabelecido para a divulgação de informações sobre projetos municipais visando ao aumento da transparência na Prefeitura, entretanto este se propunha a apresentar somente ações ligadas à realização do Jogos Olímpicos de 2016. Com uma estrutura muito semelhante ao outro programa anteriormente citado, contou com um endereço eletrônico próprio¹⁹, canal no Youtube e ainda conta no Instagram.

Apesar desse recorte das intervenções a serem apresentadas, o programa agregou uma variedade de ações que não estavam ligadas nem diretamente nem indiretamente à realização dos Jogos Olímpicos, tais como o morar carioca da colônia Juliano Moreira ou à implantação das clínicas da família. O que foi possível observar é que o site se manteve enquanto uma plataforma mais informativa de divulgação de dados sobre as intervenções, como detalhes do projeto, objetivos, fases de construção, orçamento, etc. Enquanto isso o canal do Youtube teve duas fases mais ou menos distintas. Primeiro foi uma plataforma de divulgação do andamento das obras, informações de alterações de trânsito ou do funcionamento dos serviços depois de prontos. Depois observa-se uma profusão grande de vídeos de marketing público, da construção de narrativas sobre a imagem da cidade e dos programas lançados pela Prefeitura, nesse momento a quantidade de projetos apresentados aumenta.

Assim o canal “Rio Cidade Olímpica” no Youtube apresentou não somente as ações relativas aos Jogos Olímpicos, mas agregou informações sobre quase todas as obras de grande porte realizadas pela Prefeitura. Mais do que um canal de transparência administrativa foi um dispositivo utilizado para operacionalizar e reforçar a narrativa da gestão Eduardo Paes de que a hospedagem das Olimpíadas funcionava como uma alavanca para o desenvolvimento econômico e social da cidade. Portanto, tratando aqui do objetivo de analisar a construção

¹⁹ <http://www.cidadeolimpica.com.br>

dessa narrativa, considerou-se a produção audiovisual desse canal como representativa do discurso construído e apresentado pela Prefeitura, de forma que os vídeos armazenados foram tratados como corpus de análise para o desenvolvimento da pesquisa.

Desde a criação do canal em 12 de janeiro de 2011 até a transferência da gestão do executivo municipal no final 2016, o canal foi responsável por abrigar 653 vídeos da publicidade municipal (Gráfico 1), após esse período entrou em inatividade, mas ainda se mantém na plataforma podendo ser acessado por quem tenha interesse. São vídeos curtos que duram em média entre meio e três minutos, com alguns chegando a cinco minutos e, em raríssimas exceções, alguns com mais de 10 minutos.

Para esse trabalho consideramos avaliar o acervo dessa produção audiovisual, identificando nele as menções feitas ao bairro de Madureira. Nesse sentido, considerando a intertextualidade do material, foram selecionados tanto os vídeos que se referiam diretamente à Madureira, fosse no título, assunto ou na fala, quanto pela utilização de imagens que fossem claramente reconhecíveis como circunscritas ao bairro. Assim o conteúdo e as falas desse material foram analisados de modo a primeiro identificar os elementos que a Prefeitura destaca do bairro, depois observar a frequência de aparição desses elementos tanto no conjunto da obra, quanto entre si; por fim, analisar qualitativamente como as narrativas são construídas para o bairro em volta desses elementos.

Consideramos, como discutido anteriormente nesse trabalho, que a instituição municipal não se constitui de um bloco monolítico onde todas as pessoas agem em uníssono. De outro modo se trabalha a partir da ideia que a Prefeitura é composta de uma variedade de atores que podem entrar em conflito e gerar múltiplas narrativas. Inclusive em trabalho anterior, sobre o Parque Madureira, discutiu-se como esses atores podem apresentar narrativas muito diferentes quando em outros meios, mas que relacionando-se na Prefeitura podem trocar experiências, se influenciar e mudar narrativas, fazendo dos canais oficiais uma mistura de diferentes visões (CARNEIRO, 2018). Entretanto, não podemos ignorar que o material publicitário apresentado no canal é fruto de processos de seleção e edição por responsáveis da Prefeitura, o que significa que passam pelo crivo de alguém e, como as outras ações do poder municipal, buscam seguir uma lógica central da administração. Assim é preciso considerar que mesmo as entrevistas apresentadas, sejam de funcionários da prefeitura ou mesmo de artistas, lojistas ou moradores do bairro devem ser entendidos como parte do discurso oficial uma vez que foram selecionados para dar voz a esse discurso.

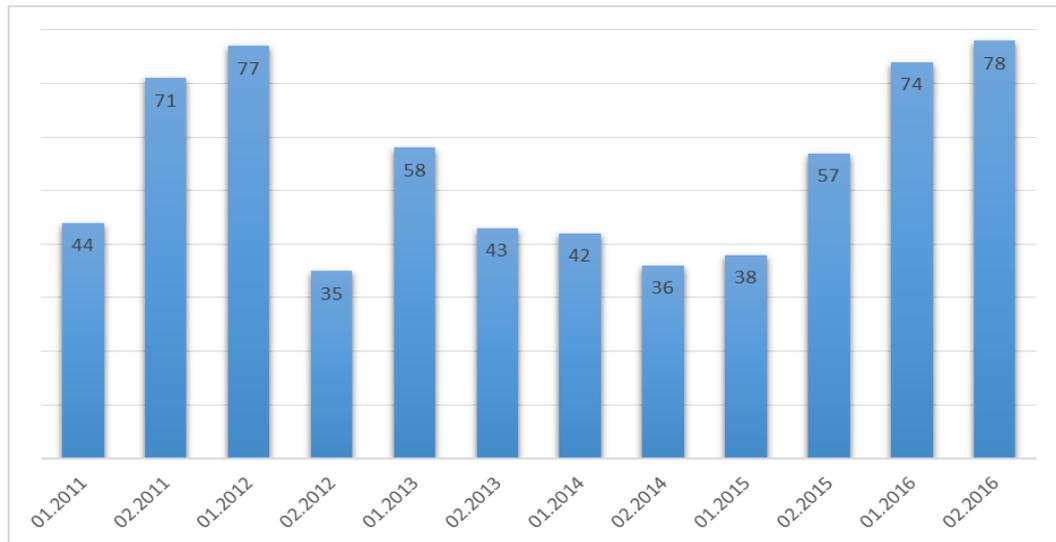
Estatísticas dos vídeos

Como era de se esperar, cumprindo o objetivo do canal, as intervenções da Prefeitura no bairro foram os principais elementos destacados nos vídeos, assim o Parque Madureira, o Mergulhão Clara Nunes e a duplicação do Viaduto Negrão de Lima (os dois últimos do BRT Transcarioca) foram os mais presentes. Entretanto, outros elementos como o Mercadão de Madureira, o Baile Charme do Viaduto e mesmo uma herança do Samba foram citados em vários momentos. No Gráfico 1 é possível observar a quantidade semestral de vídeos, enquanto no Gráfico 2 observamos a frequência de aparição desses elementos neles, considerando o principal elemento do vídeo²⁰.

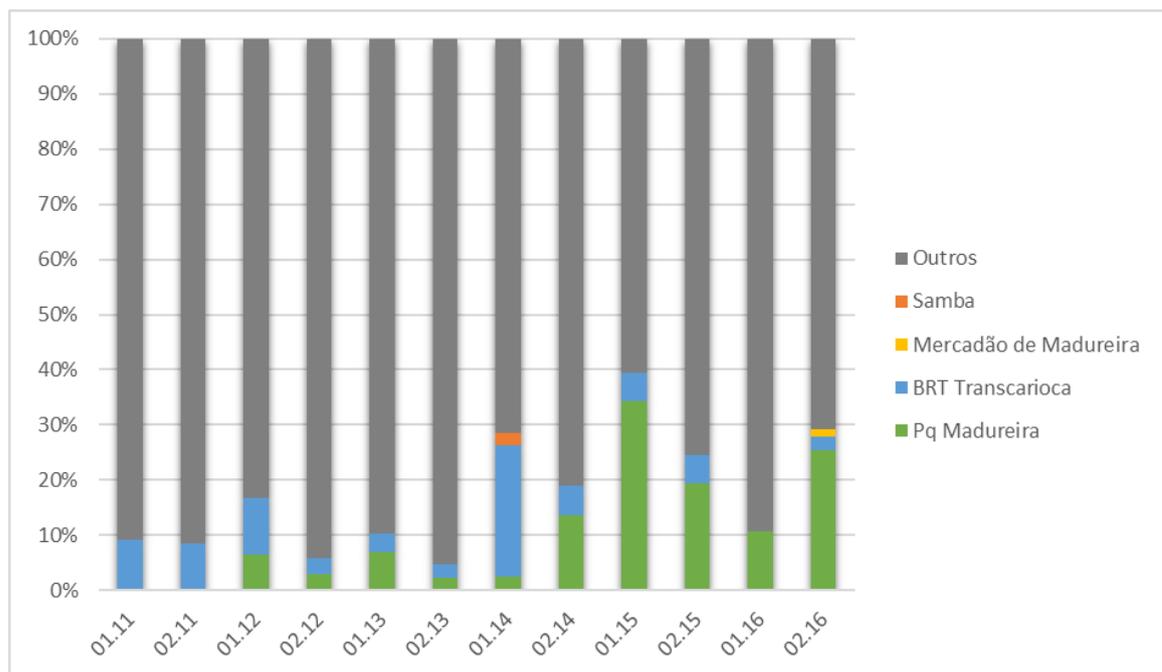
A primeira relação que podemos observar no Gráfico 2 é entre o cronograma de início e inauguração das obras e a aparição destas vídeos, o que era de se esperar uma vez que o objetivo primeiro do canal era de publicitar as intervenções realizadas pela Prefeitura. Isso é facilmente notado quando observamos que no primeiro ano do canal as únicas menções ao bairro foram relativas às construções do BRT Transcarioca, cujas obras mais complexas de infraestrutura se iniciaram nesse ano. A estratégia da utilização de vídeos em *timelapse*, para apresentar o avanço das obras e transformações dos bairros, gerou uma reprodução de vídeos sobre grandes obras de intervenção como o Mergulhão Clara Nunes e o Novo viaduto Negrão de Lima, ambos em Madureira. Por terem sido obras de grande porte e as primeiras a serem iniciadas, foram bastante exploradas para explicar o funcionamento do sistema BRT na região. Essa profusão de vídeos sobre o BRT tem seu auge em junho de 2014 quando o sistema é aberto ao público, gerando uma sucessão de vídeos.

O segundo elemento a aparecer nos vídeos é o Parque Madureira, a partir do início de suas obras em janeiro de 2012. Suas aparições são restritas no início, dividindo espaço com o BRT, mesmo após o anúncio e início das obras de sua expansão. Somente após o segundo semestre de 2014 é que se estabelece uma predominância do Parque como representante do bairro. Suas vistas aéreas figurarão em vários vídeos publicitários da Prefeitura, mesmo em outros vídeos que não tenham o bairro como tema central. Inclusive pela sua diversidade de aparelhos, o Parque é mencionado durante a apresentação de outros programas da Prefeitura, como o das Arenas Cariocas e o das Naves do conhecimento.

²⁰ Por vezes mais de um elemento era citado. Por exemplo o samba foi resgatado frequentemente em vídeos que tratavam do Parque Madureira. Para não deturpar esse gráfico sobre porcentagem do total de vídeos preferiu-se manter, em caso da aparição de mais de um elemento, o elemento principal que era retratado.

Gráfico 1- Vídeos publicados por semestre no canal RioCidadeOlímpica

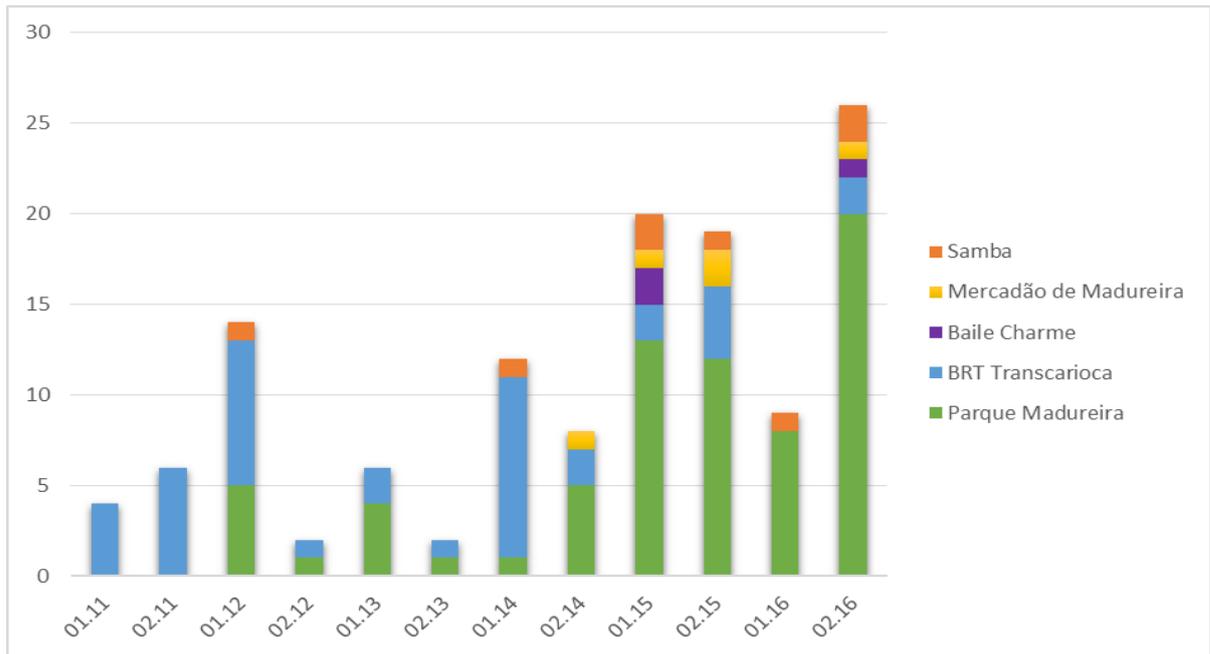
Fonte: <https://www.youtube.com/user/riocidadeolimpica>

Gráfico 2 – Proporção dos principais elementos apresentados de Madureira por semestre

Fonte: <https://www.youtube.com/user/riocidadeolimpica>

Outros elementos antigos do bairro, que não são fruto da atual administração também foram mencionados, como o Mercado de Madureira, a tradição do Samba e mesmo o Baile Charme. Estes apareceram sobretudo associados aos primeiros elementos do BRT e Parque Madureira, assim mais de um elemento era destacado no vídeo. Para observarmos a sua frequência de aparição e citação foi construído o Gráfico 3 que considera não o número de vídeos, mas as vezes que foram mencionados.

Gráfico 3 – Elementos de Madureira tratados nos vídeos por semestre



Fonte: <https://www.youtube.com/user/riocidadeolimpica>

Pelo gráfico é possível observar que há uma diversificação maior desses elementos a partir de 2014. Nesse momento as obras no bairro estão praticamente prontas e, no lugar de informativo do andamento das construções ou explicação dos projetos, se tornam mais comum a profusão de vídeos avaliativos do impacto das obras. Dessa forma, narrativas de identidade são mais frequentemente enunciadas e construídas de forma mais complexa, sendo possível perceber que esses elementos adquirem um valor basilar para a identidade do bairro na narrativa municipal. A maior densidade de informações possibilitada pela construção desses últimos vídeos permitiu uma melhor análise do conteúdo que se apresenta no discurso da Prefeitura. Analisaremos a estrutura dessas narrativas adiante no texto, antes, todavia, é realizada uma apresentação dos elementos que foram identificados nessa narrativa. A proposta é localizar o leitor no bairro e contextualizar acerca do que estamos tratando, para depois poder discutir as funções que estes elementos desempenham na narrativa oficial divulgada.

3.2 QUEM É MADUREIRA?

Madureira é um bairro sobre o qual recaem inúmeras narrativas, não é nosso objetivo aqui exaurir essas narrativas e nem seria possível. Nesse tópico apresento um conjunto de sete elementos principais que apareceram no discurso da Prefeitura, identificados não somente a

partir da análise dos vídeos²¹, mas também do conjunto de obras públicas, como é o caso do Palácio Rio450. Nesse conjunto nem todos são um lugar em específico, alguns tratam de ideias e formam-se como referenciais ideológicos que não se restringem à uma espacialidade fixa e delimitada materialmente.

Esses referenciais simbólicos foram divididos em dois grupos, um dos elementos antigos e “tradicional” do bairro, portanto anteriores à ação da Prefeitura e que foram resgatados ou revalorizados no discurso; outro dos novos elementos, produtos da gestão Paes, e que buscaram ser encaixados no conjunto de símbolos existentes como representativos do bairro. No primeiro grupo temos a presença do Mercado de Madureira, o Baile Charme do Viaduto Negrão de Lima, as linhas de trem que cortam o bairro e a tradição de berço do Samba evocada. No segundo grupo encontramos as obras de intervenção para a construção da linha do BRT Transcarioca, o Parque Madureira e o Palácio Rio450, subsede da Prefeitura.

“Mercadão de Madureira” é o nome dado ao antigo mercado popular do bairro, que em suas raízes histórias se confunde com as histórias existentes de surgimento do bairro. Em 2009 o Mercado comemorou 50 anos que se estabeleceu no atual endereço na Avenida Edgar Romero, oportunidade na qual a instituição que cuida da administração do mercado patrocinou o lançamento da publicação *Mercadão de Madureira: Caminhos de Comércio*, de autoria de Ronaldo Luiz Martins. Neste livro narra-se uma história não só do surgimento do prédio do mercado, mas associa-o à própria história de comércio do bairro. A ideia central é que estando o bairro no cruzamento dos caminhos das baixadas de Jacarepaguá, Inhaúma e Santa Cruz em direção ao núcleo central da cidade do Rio de Janeiro, este foi um ponto estratégico para o florescimento do comércio varejista (MARTINS, 2009). Estas baixadas eram o espaço da produção rural e, assim, de gêneros alimentícios que abasteceriam a capital. Portanto, grande parte do suprimento que seguia em direção à cidade acabava por ser comercializado no antigo largo do campinho. Esse núcleo original de feiras viria, após sucessivas transformações, a dar origem ao Mercado de Madureira.

O Mercado é hoje um centro comercial mais associado a produtos não-alimentícios, funcionando com um misto de comércio atacadista e varejista, largamente procurado pelos seus preços baixos. Devido à centralidade que o mercado exerce ainda hoje no comércio

²¹ Como opção metodológica e para reforçar a análise construída as figuras apresentadas sobre os elementos trabalhados foram, sempre que possível, retiradas do próprio material de propaganda da Prefeitura. Procuo assim aproximar o leitor de mais uma das dimensões utilizadas pelo governo para a construção de sua narrativa.

carioca, a sua importância no comércio de artigos religiosos umbandistas e a representatividade que adquiriu como símbolo do bairro este se tornou objeto de patrimonialização municipal. Assim o mercado foi decretado como Patrimônio Cultural Carioca de Natureza Imaterial em 2012 e novamente reconhecido pela Câmara Municipal por lei em 2013²².

Outro elemento considerado tradição no bairro de Madureira é o Baile Charme do Viaduto Negrão de Lima. O charme é um gênero de música e dança nativo do subúrbio carioca, originado a partir das influências do Soul e do Funk norte-americano dos anos 70. Sua memória associou-se tradicionalmente à população negra, incluindo a indumentária e moda derivadas do movimento, o que fez os espaços de baile serem considerados movimento de resistência e preservação da descendência africana, vindo a ser declarados em 2013 como patrimônio da cidade enquanto bens culturais de natureza imaterial²³ (Figura 9).

O Baile Charme de Madureira, como também é chamado, é realizado no espaço em baixo do viaduto Negrão de Lima, uma enorme estrutura que liga rodoviariamente as três frações do bairro divididas pelos ramais ferroviários. Em sua maior extensão, a porção central, este abriga o espaço de realização do baile (Figura 8). O Baile Charme de Madureira surgiu somente na década de 1990, quando o ritmo já estava popularizado na cidade, não estando o espaço ligado à sua origem de forma direta. No entanto, tendo mantido a regularidade dos eventos e tendo resistido ainda hoje como território do charme, se tornou referência no assunto e marcou-se como espaço de resistência dos charmeiros. O evento em si e o espaço se confundem sob o nome, mas a organização está hoje sob responsabilidade do grupo Projeto Rio Charme que além da administração oferece no local não somente o charme, mas são também oferecidas aulas de passos, oficinas de arte e promove outros eventos culturais (PROJETO RIO CHARME, [s.d.]).

²² PCRJ. Decreto nº 35862 de 04 de julho de 2012.

CMRJ. Lei nº 5.605 de 1º de julho de 2013.

²³ PCRJ. Decreto nº 36803 de 27 de fevereiro de 2103.

Figura 6- Visão da Entrada Principal do Mercadão de Madureira a partir da Av. Edgar Romero



Em uma das vias mais movimentadas do bairro, o Mercadão atrai grande quantidade de consumidores, levando à atração de outras lojas e camelôs que se estabelecem nas suas proximidades, assim como promoveu a instalação de uma estação BRT logo em sua entrada. Fonte da imagem: PCRJ. O charme de Madureira. 2015. Disponível em: <<https://youtu.be/sm4GNG7LrqA>>. Acesso em: 1 maio. 2018.

Figura 7 - Visão de um dos corredores do Mercadão de Madureira



Reformado após o incêndio de 2002 o mercado conta com dois andares climatizados que se dividem em diversos corredores onde lojas de atacado e varejo se confundem nos boxes. Fonte da imagem: PCRJ. O charme de Madureira. 2015. Disponível em: <<https://youtu.be/sm4GNG7LrqA>>. Acesso em: 1 maio. 2018.

Figura 8- Imagens do Baile Charme realizado em baixo do Viaduto Negrão de Lima



Em área reservada sob o Viaduto Negrão de Lima a equipe Rio Charme promove diversos shows e aulas de dança, destacando-se o Baile Charme realizado aos sábados. Fonte das imagens: PCRJ. O charme de Madureira. 2015. Disponível em: <<https://youtu.be/sm4GNG7LrqA>>. Acesso em: 1 maio. 2018.

Figura 9- Letreiro do Baile Charme de Madureira e menção à patrimonialização



Fonte: PCRJ. O charme de Madureira. 2015. Disponível em: <<https://youtu.be/sm4GNG7LrqA>>. Acesso em: 1 maio. 2018.

Os mesmos ramais ferroviários que dividiram o bairro em três e tornaram necessária sua posterior conexão, com estruturas tais como o viaduto Negrão de Lima, são também um dos elementos identitários de Madureira. São três ramais que saem da estação Central do Brasil e se dirigem um para Santa Cruz, outro para Japeri e o terceiro para Belford Roxo. Como podemos perceber, nenhum desses ramais é exclusivo do bairro e utilizam seu espaço somente como passagem. Entretanto a concentração de três ramais num espaço tão pequeno e a tão curta distância é não só reflexo da narrativa do bairro enquanto confluência de caminhos, como também a ampliou e reforçou sua centralidade e seu potencial como entreposto de comércio na cidade. A estação de Madureira dos ramais Santa Cruz e Japeri é uma das principais estações do sistema, recebendo trens tanto do serviço expresso quanto do parador devido à sua grande quantidade de circulação de pessoas, chegando a quase 40 mil passageiros por dia (Figura 10).

O último símbolo tradicional que se apresenta de Madureira é a questão da tradição do samba, sendo possível também encontrar a menção do bairro como “Berço do samba”. O bairro abriga três agremiações de samba tradicionais, a Império Serrano, no antigo local do Mercado de Madureira, a Portela, na fronteira com Oswaldo Cruz, e ainda a Tradição²⁴ nas proximidades de Campinho. Além disso pelo bairro e imediações, outros espaços são temporariamente apropriados pelo samba para a realização de eventos, sinais do apreço que a população possui pelo estilo musical.

Durante a gestão Eduardo Paes a Prefeitura lançou, em conjunto com algumas agremiações do samba, um projeto de reforma de suas sedes. No projeto, a Prefeitura oferecia uma reforma e ampliação do espaço físico da quadra das escolas, com a contrapartida de poder utilizar o espaço em certos horários para a realização de projetos sociais públicos. Foram beneficiadas escolas como União da Ilha e Mocidade; em Madureira tanto Império Serrano quanto Portela foram contempladas. Chama atenção na reforma da Portela a construção de um simulacro de casarios sobradados cariocas tal como no início do século XX, uma referência à narrativa da boêmia carioca do início do samba (Figura 11).

²⁴ Criada a partir de uma dissidência da Portela nos anos 1980.

Figura 10- Estação Madureira antes da duplicação do viaduto Negrão de Lima em 2010



A estação ferroviária de Madureira possui dois acessos e recebe três ramais de trem, outro ramal é atende o bairro na estação denominada Mercadão, a antiga estação Magno. Fonte: PCRJ. Parque Transforma Madureira. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IDZB7usPim4>>. Acesso em: 1 maio. 2018.

Figura 11 - Vista da reforma da quadra da Portela



Com a reforma uma parte das instalações da quadra da escola foi adaptadas a simular casarões sobradados do início do século XX. Fonte da imagem: RETROFIT, 2012. Disponível em: <<http://retrofitengenharia.com.br/retrofit-engenharia-assina-obra-de-grandes-agremiacoes-do-carnaval-carioca/>>. Acesso em: 16 maio. 2018.

Figura 12 - Imagem de evento na Quadra da Portela, escola é uma das três sediadas em Madureira



Do outro lado das instalações, a quadra coberta com palco e camarotes permite a realização de shows e ensaios. Fonte da imagem: PCRJ. O charme de Madureira. 2015. Disponível em: <<https://youtu.be/sm4GNG7LrqA>>. Acesso em: 1 maio. 2018.

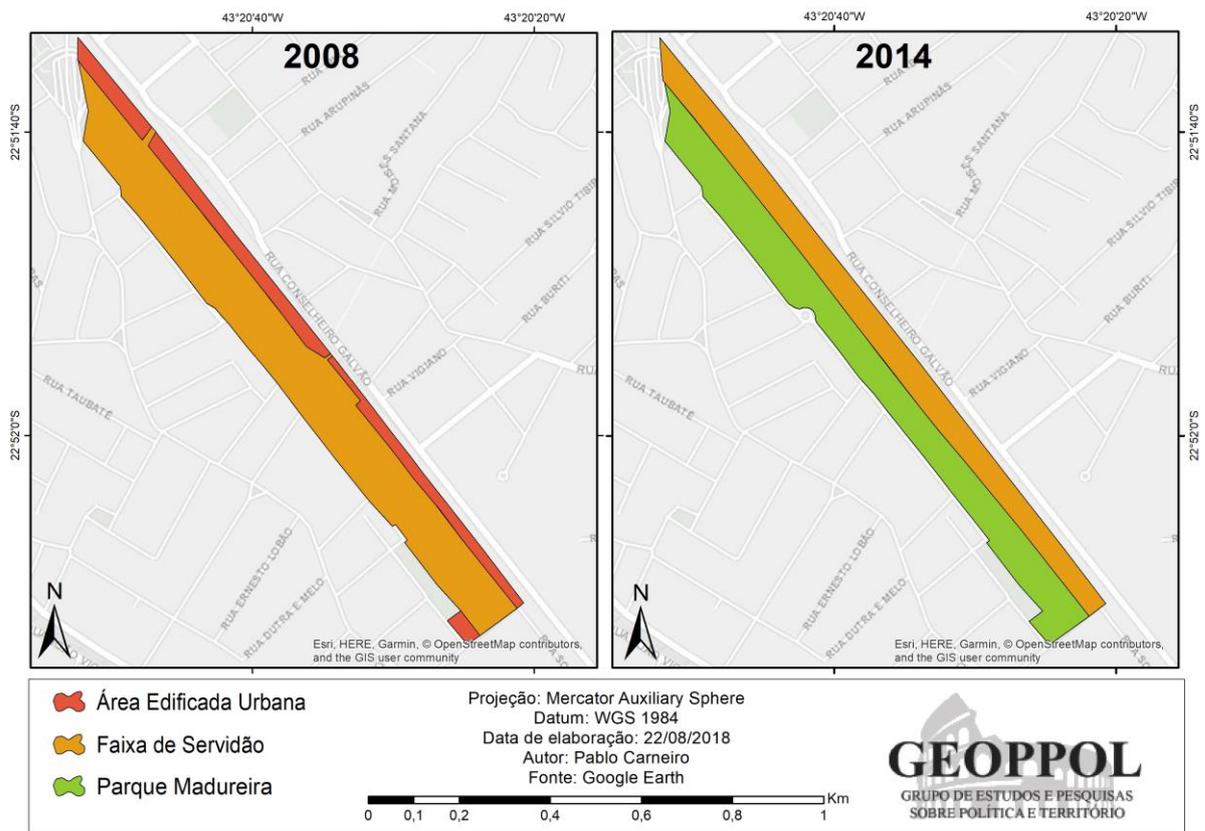
O samba é um elemento resgatado também nos novos espaços construídos no bairro. No Parque Madureira uma menção às escolas é feita na construção do palco de eventos batizado de “Praça do Samba”, e que ostenta os símbolos das duas maiores escolas do bairro (Figura 13). Este parque foi uma das grandes obras anunciadas pela Prefeitura como objetivo da gestão, tirando do papel uma ideia que tinha sido lançada 10 anos antes em 2001 pela Associação de Comerciantes de Madureira na readaptação de um terreno que era utilizado como faixa de servidão para linha de transmissão de energia.

Dentre as justificativas para a sua escolha como local de construção do parque, a Prefeitura Municipal e os organizadores elencaram o alto índice de povoamento e de pavimentação local, figurando como um bairro com alta carência de áreas verdes e de lazer (REZENDE, 2013). Entretanto podemos observar também como o Parque funciona como um elemento discursivo para justificar o que seria a preservação do “patrimônio histórico” do bairro ao selecionar e indicar, desde o projeto, valores que seriam tradicionais do bairro a serem protegidos - tal como a Praça do Samba.

Para a construção do atual projeto foi removida a área construída da favela Vila das Torres e enquanto a faixa de servidão foi compactada devido à modernização da tecnologia utilizada na transmissão de energia (Mapa 5). Na área desapropriada foi construído e entregue ao público em junho de 2012 a primeira etapa do Parque, com um desenho linear, este contou com 1,2km de extensão e cerca de 93mil m² de área livre.

O projeto do Parque contou com uma grande diversidade de aparelhos, buscando atrair os mais diferentes tipos de público e usos para o espaço. Assim foram instalados desde aparelhos tradicionais de uso do carioca como quadras de esporte e pistas de skate, mas também incluiu novos aparelhos e usos para o parque. Dentre as maiores novidades estão a presença de um prédio da Arena Carioca, projeto de arena de teatros da Prefeitura, uma Nave do Conhecimento, projeto de inclusão digital e capacitação profissional do governo municipal e um Centro de Educação Ambiental, destinado à visitação por alunos de escola pública para difusão de conhecimentos sobre o tema (Figura 14). Entre outros aparelhos presentes na primeira etapa do projeto estão a escada hidráulica, jardim sensorial, um pequeno jardim botânico e um campo de bocha.

Mapa 5 - Área de Intervenção para a construção do Parque Madureira



Com a remoção da Favela da Vila das Torres e encurtamento da faixa de servidão das linhas de transmissão de energia a Prefeitura liberou 93 mil m² para a construção do trecho inicial do Parque Madureira.

Figura 13 - Praça do Samba, o palco de eventos do Parque Madureira



A praça do samba é um espaço de eventos que conta com um palco e área livre para um público de 1500 pessoas. Seu tamanho foi justificado com o objetivo de receber 2 baterias de escola de samba e assim carrega o brasão das duas escolas mais famosas do bairro e o nome do sambista fundador Paulo da Portela. Fonte da imagem: PCRJ. O Parque Madureira. 2013. Disponível em: <<https://youtu.be/9iHtX8Xgv-c>>. Acesso em: 1 maio. 2018.

Figura 14 - Nave do Conhecimento (esq.) e Centro de Educação Ambiental (dir.) do Parque Madureira



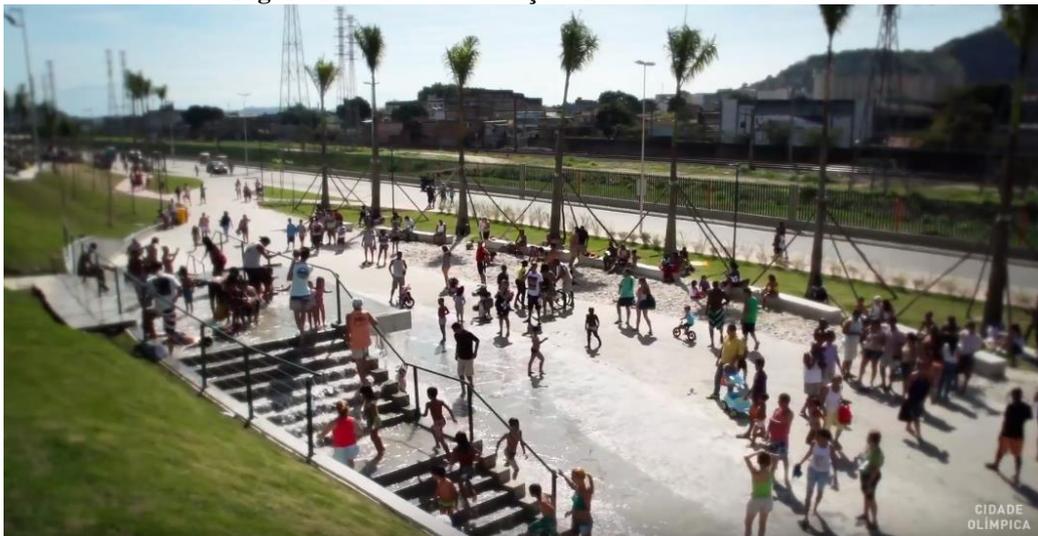
Dois prédios icônicos do caráter educativo do Parque a Nave do Conhecimento propunha uma educação digital, enquanto o Centro de Educação Ambiental receberia alunos para ensinar sobre sustentabilidade. Fonte: PCRJ. O Parque Madureira. 2013. Disponível em: <<https://youtu.be/9iHtX8Xgv-c>>. Acesso em: 1 maio. 2018.

Figura 15 - Vista aérea, lado a lado Parque Madureira e linhas de transmissão de energia elétrica



Com seu formato linear, o Parque acompanha tanto a linha férrea quanto a linha de transmissão de energia (acima). Fonte da imagem: PCRJ. O Parque Madureira. 2013. Disponível em: <<https://youtu.be/9iHtX8Xgv-c>>. Acesso em: 1 maio. 2018.

Figura 16 - Vista de crianças brincando na escada hidráulica



Uma fonte de água de salta a escada formando uma cascata, a instalação foi um sucesso entre o público infantil que se refresca sob o sol e brinca na faixa de areia, recebendo a alcunha de “praia de Madureira” por parte da Prefeitura. Fonte da imagem: PCRJ. O Parque Madureira. 2013. Disponível em: <<https://youtu.be/9iHtX8Xgv-c>>. Acesso em: 1 maio. 2018.

Localizado num bairro que é polo de atração no subúrbio e numa zona da cidade com carência de espaços amplos de lazer, assim como alvo de forte campanha publicitária por parte da Prefeitura, o Parque teve ampla aceitação popular e presença massiva de frequentadores no ano de inauguração. O sucesso demarcado pelo Parque fez com que num curto prazo a Prefeitura estivesse anunciando novos projetos de expansão, com a repetição de aparelhos de forte aceitação popular como a escada hidráulica e pista de skate, mas também a inclusão de alguns aparelhos polêmicos como a anunciada pista de esqui (HOERTEL, 2013). Após sucessivas obras e expansões, durante a administração Eduardo Paes, hoje o parque triplicou de tamanho e soma 3,7 km de extensão com quase 270 mil m².

Após a inauguração do Parque Madureira outra grande obra municipal a ser entregue foi a linha de BRT Transcarioca, em junho de 2014. O sistema BRT é uma abreviação para trânsito de ônibus rápido (*bus rapid transit*) e se baseia na construção de um design e infraestrutura especializados para a circulação de ônibus de alta capacidade, normalmente com vias reservadas para ônibus e sistema exclusivo de estações e bilheterias. Das quatro linhas anunciadas para a cidade, a Transcarioca foi a desenhada para atravessar o bairro de Madureira, ampliando sua conexão e transporte com outros bairros da Zona Norte e Oeste.

Foram instaladas cinco estações no bairro - Vila Queiroz, Otaviano, Mercado, Madureira (Manacéia) e Campinho - e um terminal rodoviário nomeado Paulo da Portela. Manacéia e Paulo da Portela foram renomados sambistas do bairro, ambos ligados à escola de samba da Portela, tendo sido este último um fundador e presidente da agremiação. As estações receberam ônibus do serviço parador e expresso. Devido à grande demanda do bairro e à rápida saturação do sistema, logo foram feitas alterações do serviço, assim o sistema expresso foi ampliado passando de uma estação para três, aumentando a integração do bairro e certificando sua centralidade.

Dentre as intervenções realizadas no bairro para a implantação do sistema se destacam duas, de maior impacto e monumentalidade, que recorrentemente são valorizadas como um novo símbolo na paisagem pelo poder municipal. A primeira delas é o Mergulhão²⁵ do Campinho, localizado no limiar entre o bairro de Madureira e do Campinho. Posteriormente este seria batizado de Mergulhão Clara Nunes, em homenagem à cantora e intérprete que tinha forte laços com a escola de samba da Portela, sediada no bairro. O

²⁵ “Mergulhão” é um termo utilizado na cidade do Rio de Janeiro e municípios vizinhos para nomear passagens subterrâneas de tráfego, independente do modal.

Mergulhão do Campinho foi construído para diminuir os efeitos do cruzamento existente entre a Av. Cândido Benício, a Rua Domingos Lopes, a Av. Ernani Cardoso e a Av. Intendente Magalhães, permitindo uma passagem sem semáforos para um dos trechos (Figura 18). No local foi construída uma estação do BRT e nas paredes um mural de azulejo faz menção a elementos culturais de Madureira, como o Jongo e o Samba.

Outra intervenção foi a obra chamada de duplicação do Viaduto Negrão de Lima, que na prática foi a construção de um viaduto completamente novo e separado ao lado do antigo (Figura 19). Este foi construído para a passagem das faixas exclusivas de BRT e recebeu uma estação de parador e expresso do sistema, chamada de Madureira/Manacéia. Após a inauguração o novo viaduto recebeu um nome próprio sendo batizado de Viaduto Silas de Oliveira. Silas foi um famoso sambista e compositor da escola de samba do Império Serrano, a homenagem na nomeação do viaduto equilibra com as demais que foram feitas à azul e branco do bairro.

O último elemento de intervenção inserido pela Prefeitura em Madureira foi o Palácio Rio 450. A proposta do Palácio foi funcionar como uma subsede do governo municipal, atuando como um prédio de apoio ao governo quando o chefe do executivo não estivesse na sede. O prédio possui uma sala especial para a realização de despachos do Prefeito e seria uma forma de aproximar o governo de outras áreas da cidade. Sua inauguração ocorreu com festa animada por integrantes das baterias das escolas de samba do Império Serrano e da Portela, no dia do aniversário de 450 anos da cidade, evento que deu nome ao prédio. Apesar de recorrentemente a localização do Palácio ser associada ao bairro de Madureira, este se encontra oficialmente nos limites do bairro de Oswaldo Cruz.

Figura 17- Sistema BRT no bairro de Madureira



Com ônibus maiores e via seletiva, o BRT se propõe um modal de alta capacidade de transporte, à reflexo da alta demanda de Madureira o bairro recebeu cinco estações e um terminal. Fonte da imagem: PCRJ. Vá de BRT - Mercadão de Madureira. 2015. Disponível em: <<https://youtu.be/mCEpKAYIc-M>>. Acesso em: 2 maio. 2018.

Figura 18 - Mergulhão Clara Nunes no limite entre Madureira e Campinho



Passagem subterrânea de tráfego o Mergulhão cria vias expressas para carros e BRT que evitam os sinais do cruzamento. Fonte da imagem: PCRJ. Conheça os marcos da Transcarioca. 2014. Disponível em: <<https://youtu.be/8Oh1oZ50QrY>>. Acesso em: 2 maio. 2018.

Figura 19 - Antigo Viaduto Negrão de Lima (dir.) e a nova duplicação (esq.)



Para garantir as faixas seletivas para o BRT um novo viaduto sobre a via férrea é construído ao lado do antigo. Fonte da imagem: PCRJ. Conheça os marcos da Transcarioca. 2014. Disponível em: <<https://youtu.be/8Oh1oZ50QrY>>. Acesso em: 2 maio. 2018.

Figura 20 - Palácio Rio 450, subsede da Prefeitura



O casario restaurado é uma nova sede da Prefeitura, à frente do prédio esculturas de golfinhos, símbolo do brasão municipal. Fonte da imagem: DAVID, Flávia. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro - prefeitura.rio. 2015. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/web/guest/exibeconteudo?id=5223028>>. Acesso em: 13 maio. 2018.

Diferente dos demais elementos trabalhados aqui, o Palácio é um elemento que não esteve presente nos vídeos de publicidade da Prefeitura, fosse no canal Riocidadeolimpica ou no Rioemprepresente. No entanto, durante a administração Eduardo Paes foi periodicamente visitado pelo Prefeito, não somente como ponto de apoio à realização da agenda do executivo como também lugar de realização dos despachos municipais (FERREIRA, 2016). Dessa forma o incluímos aqui não pelo fato de ser mencionado na publicidade, mas por funcionar como um símbolo que resume bem o esforço empregado pela Prefeitura de construção de uma imagem de aproximação da administração com o bairro e de reafirmação de sua centralidade. Outra ação que representa bem essa tentativa de construção de um capital político para Eduardo Paes, através da exploração da imagem do bairro, foi sua comemoração da conquista da reeleição de Eduardo Paes em 2012 no Parque Madureira, levando no dia seguinte à publicação, em vários jornais, da fotografia icônica do prefeito comemorando em meio à multidão (Figura 21).

Figura 21 - Na primeira página do jornal, Eduardo Paes comemorando a reeleição municipal no meio da população no Parque Madureira



Fonte: O GLOBO. Capa. Jornal "O Globo", Rio de Janeiro, 8 out. 2012. Primeira Página, p. 1. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=2010201210>>. Acesso em: 15 maio 2018.

Como poderemos observar melhor na seção seguinte, a estratégia dessa administração da Prefeitura se baseou na associação desses elementos do bairro para a promoção de uma imagem de aproximação com o espaço suburbano e, assim população mais

pobre. Referenciais ideológicos tradicionais foram resgatados para sustentar e dar crédito à narrativa, enquanto Madureira é trabalhada como essa metonímia-sinedóquica de subúrbio.

3.3 “UMA CIDADE, QUE SE TRANSFORMA DIA APÓS DIA, TEM MUITO O QUE MOSTRAR.”

Pela análise do formato e conteúdo tratado nos vídeos da Prefeitura é fácil observar a mudança na linguagem que se opera ao longo dos cinco anos. Além de uma questão técnica de qualidade dos instrumentos utilizados e da edição realizada há uma clara mudança no formato e linguagem dos vídeos, o que evidencia uma mudança no objetivo para o qual eles foram produzidos. Pensando na frase icônica de Lasweel que sintetiza a teoria da análise de conteúdo, “Quem diz o quê para quem com qual efeito?”, vemos que ainda que haja uma permanência em “quem diz” e “para quem se diz” há uma clara mudança no efeito esperado e, portanto, no que se diz ([1968] apud ROSSI; SERRALVO; JOÃO, 2014).

Nos primeiros vídeos a estratégia utilizada é de vídeos informativos, alguns muito longos, com o time de interlocutores formados majoritariamente por engenheiros e especialistas que explicam detalhes técnicos e operacionais das intervenções municipais. O contexto desses vídeos é do início das obras, sobretudo as de maior escala, que causaram grandes transtornos na circulação dentro da cidade. Desta forma, buscam um efeito inicial de minimizar a avaliação negativa pela opinião pública quanto às intervenções. Portanto se configuram como vídeos informativos sobre as obras, buscando conscientizar e convencer a população de que os transtornos de sua execução já estavam mensurados no planejamento, e que seriam compensados após a conclusão das obras pela entrega de aparelhos urbanos de alto desempenho. Essa lógica de construção narrativa é recorrente em todo o período e é o cerne do discurso municipal que se construiu ao redor da expressão “Legado Olímpico”. Este discurso será frequente durante todo o período de obras e do governo Eduardo Paes, entretanto se fez mais frequente no início ao ser instrumentalizado enquanto justificativo dos transtornos enfrentados.

Com a finalização e grande parte das obras, sobretudo em 2014, onde algumas das infraestruturas seriam utilizadas para a realização ou associadas aos jogos da Copa do Mundo de Futebol da FIFA²⁶, o conteúdo do discurso muda. A partir de então tornam-se mais

²⁶ Sobretudo as estruturas de circulação como o BRT Transcarioca e Via Binário do Porto e reforma de estações de trem.

frequentes os vídeos de avaliação das obras entregues. Nesses, os técnicos têm menos espaço e moradores locais são utilizados como elementos narrativos de apelo para constatar e enfatizar o sucesso das intervenções. Assim a estes é dado o espaço de fala para serem os avaliadores das obras o que, se tratando de uma peça de publicidade da Prefeitura, significou fazerem coro ao discurso municipal de sucesso. Novamente se faz presente o discurso do “Legado Olímpico”, inclusive através das falas dos moradores.

Outro tipo de vídeo que se torna muito comum a partir de 2014 é o de compilação de apresentação das obras realizadas. Seu objetivo é semelhante aos anteriores, entretanto no lugar de apresentar a inauguração de uma única obra, ou utilizar a fala de técnicos e moradores, estes seguem o modelo mais tradicional da linguagem publicitária. Assim são compostos de vistas aéreas das construções e tomadas de pessoas frequentando os espaços, seguidos da figura do narrador-onisciente. São frequentemente vídeos motivacionais que buscam avaliar positivamente o conjunto das obras realizadas, para tanto junto às imagens apresentadas é fundamental a fala ufanista do narrador. Nesta etapa resgatam-se nos vídeos os espaços que sofreram intervenção da Prefeitura, organizando-os numa narrativa que busca reconstruir a visão que o espectador possui da cidade, procurando apresentar um novo ponto de vista sobre a cidade. Nesse sentido é exemplar a frase que acompanha o início desse tópico, utilizada como descrição para vários vídeos do canal.

Notemos aqui a relação do processo que estamos descrevendo com o conceito de ideologia espacial apresentado anteriormente. A cidade do Rio de Janeiro possui já um conjunto de referenciais ideológicos aos quais seus habitantes ou visitantes reconhecem, com alguma semelhança, seus significados. Nesses vídeos o que a figura do narrador faz é reorganizar os significados dessa ideologia espacial compartilhada, inserindo novos referenciais ideológicos, ressignificando referenciais antigos e rerepresentando-os numa nova estrutura narrativa. É a mudança da paisagem da cidade não somente pelo sentido tradicional de inserção de novos elementos materiais, mas, sobretudo, pela tentativa de impressão de novos significados que transformam a narrativa vigente e constroem um novo conjunto de símbolos, novos referenciais. Assim o objetivo dos vídeos é que a relação que o carioca tende a construir com o seu espaço venha a ser diferente, influenciada por novos referenciais ideológicos que buscam se estabelecer e, no processo, o façam interpretar a paisagem de forma diferente. Diante disso entendo aqui que são nesses vídeos e na construção dessas narrativas mais diretas onde está o corpus de análise a ser discutido nesse trabalho.

Observemos adiante a transcrição da narrativa apresentada no vídeo intitulado “*Uma cidade que avança*” e como este texto é representativo dessa construção narrativa da Prefeitura:

*“Foi dada a largada. De lá pra cá muita coisa mudou, e a Cidade Olímpica avançou cada vez mais preparada. Foi preciso quebrar nossas barreiras pra começar a transformar uma cidade única em uma única cidade. Com um parque olímpico moderno que tem tudo pra fazer bonito nas Olimpíadas e fazer ainda mais depois que ela passar. O lugar que os atletas vão fazer história também vai transformar a vida de quem vive aqui. Mas não é só o Parque Olímpico, pra continuar avançando é preciso avançar muito mais, por isso o ritmo das obras aumentou e os desafios também cresceram. Entender e superar nossos limites faz parte do jogo. O destino que buscamos é um Rio de Janeiro que diminui distâncias porque aproxima pessoas; acelera pra melhorar a vida dos cariocas; **abre espaço para novos cartões postais, criando novas opções de lazer e cultura, revitalizando nossas tradições e mudando cada dia mais o eixo da cidade.** Faltando um ano para os Jogos temos certeza que as transformações vão muito além deles. Agora não vai faltar fôlego, vamos seguir em frente de olho no futuro, construindo a cidade que a gente quer viver. Porque assim como não existe meia volta olímpica, não existe Cidade Olímpica que não seja para todos.”* (PCRJ, 2015d grifo nosso).

Concomitante a essa narração o vídeo apresenta imagens dos períodos de obras e das construções finalizadas durante o governo, junto com outras tomadas de pontos turísticos da cidade. Portanto, apesar da única intervenção mencionada no texto ser o Parque Olímpico, na junção das duas formas de linguagem, é possível ter uma visão mais ampla da mensagem que se busca transmitir. Conquanto Madureira não seja citada diretamente nenhuma vez no texto é um elemento recorrente nos lugares selecionados para serem apresentados no vídeo, da mesma forma podemos observar como o bairro aparece nas entrelinhas ao encaixar nas situações apresentadas.

Quando o discurso fala em “quebrar barreiras”, “superar nossos limites” e “diminuir distâncias” utiliza das analogias com os esportes olímpicos primeiro para valorizar as obras de transporte que estão melhorando a conexão entre espaços da cidade, mas também há uma dimensão simbólica de superação da barreira entre espaços centrais e periféricos da cidade. Como discutimos no capítulo anterior, a barreira da cidade pode ser representada pela dicotomia “Zona Norte vs Zona Sul”, pela ideia do “além túneis” ou pela própria e mais orgânica visão divisão entre o suburbano e o citadino. Essa é uma questão que não é colocada de forma direta nesse texto, mas está presente em vários outros vídeos e é um dos elementos discursivos centrais no discurso da Prefeitura, uma barreira que é um referencial ideológico característico do carioca e facilmente identificável por quem habita a cidade. Diante dessa situação, o discurso oficial busca trazer esse elemento para a narrativa e reivindicar para si algum mérito em estar ultrapassando-a ou dissolvendo-a, ao que enuncia que “não existe Cidade Olímpica que não seja para todos”. Assim Madureira se encaixa nesse elemento não

só pela questão do transporte com o BRT, mas também pela questão simbólica ao ser elencada como um espaço alternativo a receber novos investimentos, fora do eixo tradicional de valorização carioca de Centro-Zona Sul.

Complementando essa ideia de quebra de barreiras o texto fala também de “novos cartões postais”, valorizando as obras que foram feitas fora dos eixos turísticos tradicionais da cidade do Centro-Zona Sul, e fala em mudar “o eixo da cidade”, novamente numa retórica de descentralização simbólica. É importante notar que a construção desses discursos não se faz com uma exclusividade do uso das imagens de Madureira. Deodoro, que recebeu um complexo de atividades esportivas e obras de urbanização no bairro; Engenho de Dentro, que teve os galpões de oficina do trem requalificados em área de lazer pública; e mesmo a Barra, que ganhou o Parque dos Atletas e o Parque Olímpico, serão considerados também como parte dessa mudança de eixo da cidade e terão suas obras citadas como novos cartões postais. Há sim uma diversidade de obras que estão espalhadas pelo espaço da cidade. Entretanto, apesar dessa diversidade é possível notar nos vídeos que é o protagonismo simbólico é atribuído a Madureira.

Contribuindo para essa interpretação, a questão de que dois meses antes da publicação deste vídeo o canal apresentou outro intitulado “#NovoCartãoPostal”, tratando exclusivamente da inauguração dos Aros Olímpicos no Parque Madureira, apresentando entrevistas de atletas e do presidente da EOM (PCRJ, 2015c). Este é o único vídeo exclusivamente a tratar do assunto de novos cartões postais e apresenta somente o bairro de Madureira, de modo que quando este discurso aparece na narrativa é não somente uma citação às obras, mas uma referência aquilo que já foi apresentado antes, Madureira.

Portanto, ainda que a Prefeitura apresente uma diversidade de obras e inclua diferentes espaços no vídeo, é possível observar, ao analisar o conjunto da obra, que durante a construção narrativa um protagonismo se associa a Madureira. É esse protagonismo que vai contribuir para o processo de transformação do bairro enquanto metonímia geográfica de subúrbio. Dessa forma, ainda que um processo não seja limitado ao bairro ou ainda que haja outros elementos fora do bairro que pudessem ser citados, durante a construção da narrativa se faz um processo de seletividade onde o bairro é utilizado como exemplo principal. Isso é, selecionou-se Madureira como representativo dos valores que serão impulsionados para sustentar a narrativa oficial. Situação esta que, longe de ser um caso isolado, se repete em outros vídeos. A repetição, como já trazia Duncan (2004), é um forte tropo na construção de uma retórica narrativa, aumenta o poder de difusão de um discurso, amplia sua capacidade de

persuasão e busca garantir que a mensagem que se quer transmitir seja recebida e entendida pelo espectador. Observe como os mesmos elementos discursivos são reapresentados no mesmo mês pelo vídeo “Um vôo radical no Parque Madureira”:

*"Dá só um bizu nesse lugar. Que irado, né? É meu amigo, bem-vindo à Madureira! Símbolo da cidade que **mudou de eixo** e se reinventou pra todos os cariocas. A terra do samba, do Mercado e do charme agora também é a terra do terceiro maior parque da cidade, e da melhor pista de skate do país. É brother, Madureira virou **cartão postal**, pico de vários rolés de todas as tribos e de muitas, muitas histórias pra contar."*(PCRJ, 2015e grifo nosso).

Além da simples associação do bairro com esses elementos discursivos a narração traz diretamente para o bairro a responsabilidade de ser “símbolo da cidade que mudou de eixo”. Da mesma forma, tal como apareceu no vídeo “Uma cidade que avança”, recupera-se o discurso de uma cidade que se reinventa ao resgatar as tradições. Para tanto, antigos símbolos que são considerados como referenciais ideológicos para os cariocas são enumerados de forma a atribuir valor às novas intervenções. Melhor dizendo, para se estabelecer novos referenciais ideológicos na narrativa construída pela Prefeitura busca-se resgatar referenciais antigos que lhe deem sustentação. É assim que o Samba, o Mercado de Madureira e o Baile Charme do Viaduto Negrão de Lima passam a ser elementos recorrentes no discurso (ver Gráfico 3). Essa troca de símbolos e significados é parte integrante do processo de construção de uma metonímia, coloca Maciel (2012), uma vez que quando a parte passa a representar o todo não somente os significados do todo são associados à parte, mas também os significados próprios à parte passam a ser representativos no todo. Portanto, mais do que uma troca é uma fusão de significados. Quando Madureira passa a ser considerada um novo eixo da cidade, com cartões postais representativos desta, está colocando também o Baile Charme e o Mercado, que são seus, como símbolos da cidade, por exemplo. Enquanto isso a narrativa busca fundir também à imagem do bairro novos elementos, como o Parque Madureira.

Esse resgate de símbolos locais nos vídeos sobre Madureira é representativo sobre a importância que se incube ao bairro. Enquanto há vídeos sobre a apresentação das obras em vários bairros, não se observa neles a construção de uma narrativa fundamentada em símbolos tradicionais locais. Nos sucessivos vídeos sobre o Parque Olímpico, Parque dos Atletas ou na Vila Olímpica da Barra o que está presente é o discurso da melhoria da qualidade de vida com novos aparelhos de lazer e o retorno econômico que isso pode significar. Da mesma forma, ao se apresentar o Parque Radical em Deodoro moradores são entrevistados para falar da melhoria da qualidade de vida no bairro, entretanto não se constrói nem se resgata nenhuma narrativa de identidade. Somente Madureira, dentre esses espaços periféricos, é imbuído de

uma narrativa de resgate de valores simbólicos tradicionais, onde uma identidade carioca que estaria por anos apagada, ou não reconhecida, estivesse sendo resgatada. A impressão que esta situação transmite é como se houvesse um vazio simbólico nesses demais bairros. Será que não há outros elementos simbólicos a serem resgatados e valorizados nesses demais bairros? Ou, por outro lado, será que os elementos simbólicos que estes possuem estão sendo consciente ou inconscientemente invisibilizados pela propaganda?

No bairro do Engenho de Dentro foi realizada uma restauração de algumas estruturas antigas associadas ao funcionamento das oficinas de manutenção de trens da antiga EFCB. Esta obra esteve ligada diretamente à restauração de um patrimônio material do município, ainda assim não houve uma exploração desta simbolicamente como parte da memória do bairro. Nos vídeos que esta aparece raramente é apresentada enquanto uma restauração e em nenhum momento se explica qual o valor histórico é atribuído aos prédios, passando como mais um de valor bem arquitetônico. Isto é, nem quando efetivamente estamos falando de um patrimônio local desses bairros há um efetivo resgate da memória do bairro como objeto de valor sobre o qual se ancoraria novos elementos. Outro fator é o apagamento que constantemente é feito ao bairro do Engenho de Dentro, posto que em certos momentos os vídeos não apresentam a obra como do bairro, mas enquanto “Grande Méier”. Quer dizer, outra toponímia e outros símbolos são utilizados para receber a carga simbólica que não o próprio bairro.

Enquanto no Engenho de Dentro as intervenções e representações na publicidade ficam restritas à Praça do Trem, e a Barra da Tijuca, alvo de inúmeras intervenções, tem sido representada como uma nova centralidade urbana, Madureira e Deodoro mantem-se como os lugares mais apresentados enquanto periféricos. Além disso estes dois bairros se assemelham por terem ambos recebido parques públicos de grande porte, ao ponto de terem sido comparados em alguns vídeos publicitários. Num deles apresenta-se uma disputa de Rap entre os dois bairros e seus parques, interpretados pelos *rappers* Ramonzin e Marcão:

"- Pega a visão, você tá de bobeira. Esse é o lugar, é o Parque Madureira. Quem manda! Aí, o Parque bomba, subúrbio do Rio, berço do samba. - Ramonzin
- Se liga Ramonzin muito respeito à Madureira, mas o Parque Radical vai te fazer comer poeira. Bota o capacete, vem se tiver coragem, não se esquece de remar no circuito de canoagem. - Mc Marcão
- Marcão, tira o boi da sombra, se liga na minha praia, vou tirar sua onda. Saca só a melhor pista da América Latina, cê não ganha essa batalha porque essa arena é minha. - Ramonzin
- Aqui em Deodoro a galera pediu bis, fica ligado na curva da pista de BMX. Não importa quem tá em primeiro ou segundo, pode ficar tranquilo, tem parque pra todo mundo. - Mc Marcão" (PCRJ, 2016).

Enquanto a batalha de rimas acontece, o vídeo apresenta tomadas de dançarinos fazendo passos e coreografias em diferentes espaços dos parques, por vezes as imagens contribuem para ilustrar os elementos que os cantores estão citando. Ambos os *rappers* trazem elementos dos parques para disputar a batalha. Marcão em ambas as falas os referencia, na primeira o circuito da canoagem e o de mountain bike (“comer poeira”), na segunda a pista de BMX. Já Ramonzin só cita os elementos do Parque na segunda fala: “praia” (escada hidráulica), “melhor pista” (circuito de skate) e “arena” (Arena Carioca Fernando Torres). No entanto o interessante de se notar é que, comparando as falas notamos a presença elementos simbólicos tradicionais de Madureira que são resgatados, enquanto há uma ausência de elementos sobre Deodoro de fora do Parque Radical. Durante a primeira fala de Ramonzinho vários são os elementos simbólicos referenciados. Primeiro temos o termo “lugar”, referência à música de Arlindo Cruz “O meu lugar”, que não se trata propriamente de um bem material, mas é uma produção artística associada frequentemente como um hino do bairro, que foi inclusive utilizada pela Prefeitura durante a cerimônia oficial de inauguração dos Aros Olímpicos no Parque Madureira (PCRJ, 2015a). Em seguida, temos a associação do bairro à categoria subúrbio, que possui fortes características identitárias na cidade, como tratado no capítulo anterior e, por fim há a referência ao samba.

São diferenças como essa na construção narrativa que contribuem para a preparar uma narrativa de paisagem de Madureira enquanto centralidade simbólica principal do subúrbio, ou seja, o que a narrativa apresentada pela Prefeitura indica é que quando o espaço suburbano é representado, são os elementos associados a Madureira que detém o valor simbólico. Portanto, se compararmos a representação de Madureira – seja enquanto espaço periférico ou suburbano – com as apresentadas nos vídeos de Deodoro, Engenho de Dentro ou Barra o que vemos é a monopolização dos valores simbólicos pelo bairro. Esta construção só encontra alguma semelhança se comparada à construção simbólica que se realizou nos vídeos em torno da imagem da Zona Portuária, apontando para uma complementaridade dentro da narrativa da Prefeitura.

Próximo da área central do Rio de Janeiro, a Zona Portuária²⁷ esteve durante décadas afastada de seu centro de tomada de decisões, ao que Corrêa (1989) define como zona periférica do centro. Assim mesmo que utilizada em associação com as atividades da área

²⁷ Administrativamente a área do porto e o centro pertencem à mesma Área de Planejamento (1), separam-se assim em Regiões Administrativas, a Portuária e a Central.

central, com prédios da administração públicas e escritórios comerciais, simbolicamente foi distanciada deste, hospedando referenciais ideológicos bem diferentes. Durante a gestão Eduardo Paes, no entanto, foi alvo da Operação Urbana Porto Maravilha que buscou requalificar funcionalmente à área. Nesse processo, também inserida dentro do Programa Cidade Olímpica, a área foi objeto de uma larga ressignificação promovida pela Prefeitura. Destarte, à semelhança de Madureira, as intervenções municipais foram tomadas como novos referenciais ideológicos que, juntamente com elementos referenciais tradicionais locais, são utilizados para reorganizar uma narrativa sobre a paisagem local. Mais especificamente, um conjunto arquitetônico preservado foi pratriimonializado, valorizado historicamente, e associado a uma narrativa de cultura negra local, com vistas a criar uma atratividade turística local e desenvolvimento comercial (RODRIGUES, 2014).

Conquanto possamos observar que ambas as áreas sejam parte de uma transformação simbólica semelhante e para as quais a Prefeitura investe bastante do aparelho de propaganda, é possível notar que não há uma competição entre as narrativas. Ainda que a história da cultura negra seja um elemento discursivo comum nas narrativas, estas aparecem de forma diferente e buscam atrair públicos e usos diferentes. Enquanto em Madureira esta é colocada a partir dos espaços institucionais das Escolas de Samba ou do Baile Charme, na Zona Portuária é presente através da narrativa da herança africana e de uma resistência pelas rodas de samba. Entretanto a principal distinção que vemos é o papel de complementaridade que ambas as narrativas fazem no conjunto da imagem que se faz do espaço da cidade. Isto é, Madureira é a representação do espaço suburbano, enquanto a Zona Portuária apresenta os espaços centrais. Esta situação fica clara tanto na associação do bairro à categoria de subúrbio quanto mesmo na utilização da toponímia não-oficial de Zona Norte.

Como discutimos no capítulo anterior, na cidade do Rio de Janeiro, a toponímia de subúrbio tem uma relação muito forte com o termo Zona Norte, sendo em grande parte das vezes utilizados como sinônimos. Apesar de transmitir para a população uma ideia de divisão administrativa “Zona Norte” nunca se configurou em um efetivo ordenamento territorial oficial feito pela Prefeitura, no entanto é um termo mais utilizado que subúrbio para localizar Madureira dentro das propagandas da Prefeitura.

Dentre os vídeos analisados nessa pesquisa encontramos 12 menções à palavra “subúrbio” e 13 menções a expressão “Zona Norte”, contabilizando tanto os títulos dos vídeos, descrições destes, narrativas e falas de dentro dos vídeos. Após comparar a utilização desses dois termos nos vídeos, a primeira conclusão que podemos ter é que, em todos os

critérios de análise utilizados, não houve distinção entre o uso de nenhum dos dois termos. Isto é, são utilizados na mesma proporção, se associam às mesmas expressões ou adjetivos e, em média, são referenciados aos mesmos lugares.

Uma situação que foi possível perceber é que nem todas as menções a “subúrbio” ou “Zona Norte” referem-se ou citam o bairro de Madureira especificamente. Isto ocorre exclusivamente nos vídeos que tratam do BRT Transcarioca, e explica-se pelo fato de que mesmo que não citem o nome, as imagens do bairro são amplamente utilizadas. Como comentamos antes, a reprodução dessas imagens de Madureira está associada ao fato de o bairro ter cinco estações do BRT, portanto uma grande concentração, mas também pela presença de duas obras de grande porte, que pelo alto custo e grande intervenção no trânsito, foram exaustivamente utilizadas como símbolo do projeto na propaganda.

Outra questão a se destacar são os termos qualitativos que aparecem associados à “subúrbio” e “Zona Norte”. Além dos tradicionais complementos de localização como “carioca” ou “do Rio”, é recorrente a utilização do termo “coração”, que busca operar também quanto um adjetivo de localização, mas exprime um claro esforço de avaliação do espaço. Dessa forma o “no coração do subúrbio” ou “no coração da Zona Norte” são expressões que aparecem em 25% do casos, associando Madureira à essa característica de centralidade.

Ao expandirmos as buscas desse qualificante aos demais vídeos do canal Riocidadeolimpica podemos observar que somente a quatro lugares na cidade são atribuídos esse valor. Além do já citado bairro de Madureira, temos a apresentação recorrente do bairro da Barra da Tijuca enquanto *coração dos jogos olímpicos* ou *das olimpíadas*. Um outro esforço de atribuição de valor econômico e construção de narrativa operacionalizado pelo Cidade Olímpica ao concentrar instalações olímpicas em diversos lugares da Barra e bairros vizinhos (CARNEIRO; SILVA FILHO, 2018). Associado a este temos também o Terminal Alvorada citado enquanto *coração da Zona Oeste*, um espaço totalmente reconstruído materialmente durante o governo Eduardo Paes, que recebeu dois ramais de BRT e conexão com o metrô da Barra, reforçando a sua centralidade em questão de circulação por transporte público. Por fim *o coração da cidade* é atribuído ao Porto onde, tal qual anteriormente comentado, uma grande operação urbana buscou reorganizar os símbolos locais e construir uma nova narrativa sobre a área central da cidade.

Podemos perceber assim que, a exceção da Zona Sul, cada área da cidade recebeu um “coração” pela narrativa oficial da Prefeitura. Não por coincidência, cada um desses espaços se configura como uma localidade de concentração de intervenções do projeto Cidade

Olímpica. Em outras palavras, a associação do termo “coração” pela publicidade municipal a um espaço da cidade se vincula a uma estratégia retórica de valorização simbólica desses espaços e, conseqüentemente, de visibilização das ações desta própria gestão municipal.

Em Madureira, mais especificamente, essa ação aprofunda-se mais ainda, uma vez que o termo “coração” aparece enquanto esse qualificativo somente em vídeos relativos ao Parque Madureira. Então, da mesma forma que Madureira está para o subúrbio ou a Zona Norte, o parque está para o bairro. É possível observar que, com certa força, apresenta-se o Parque de Madureira enquanto uma metonímia do bairro, onde um refere-se ao outro. Em um dos vídeos, sobre o “Viradão Carioca”, uma entrevista de um morador é utilizada para exaltar a imagem do bairro, mas intercala referências ao Parque e ao bairro:

"Essa região aqui [onde hoje é o Parque] era uma região quase que esquecida. Eu tenho pessoas que trabalham comigo que não conhecem Madureira e eu comento com eles, que eles deveriam perder um pouquinho de tempo e dar um pulinho em Madureira. Que o Parque é realmente uma sacada de gênio." (PCRJ, 2013).

Como é possível observar pelos gráficos de assuntos dos vídeos anteriormente analisados (Gráfico 2 e 3), o Parque de Madureira se torna assunto majoritário ou único de referência nos vídeos durante a terceira fase de propagandas, com as narrativas mais longas e simbólicas. Os temas associados a estes vídeos são variados e nem sempre associados à construção ou aparelhos do Parque em si, mas também de outros projetos e ações da Prefeitura que utilizam do seu espaço para o funcionamento. Assim que campanhas de vacinação, feiras comerciais, feirões de serviços e atividades culturais foram concentradas no Parque, demonstrando sua versatilidade enquanto espaço de realização de eventos. Entretanto estes usos diversos nos apontam também para uma forma específica de se utilizar da imagem do Parque para a promoção das ações da Prefeitura. Ao utilizar seu espaço para a concentração das ações do poder municipal, a gestão promove a contínua utilização e ocupação do Parque pela população, contribuindo para a sua aceitação entre o público, assim como também delimita sua presença no bairro. Essa presença do poder municipal é estruturante na construção da imagem de boa gestão municipal que a Prefeitura buscou estabelecer, mas construiu uma situação de certa forma contraditória no bairro.

O estabelecimento do Palácio Rio450 no bairro foi anunciado nos jornais enquanto uma ação municipal de aumentar a proximidade do governo com a população local. Apesar disso nos surpreende a constatação de que em nenhum dos vídeos publicitários o Palácio está presente, em nenhum dos dois canais administrados pela Prefeitura. Portanto este funciona dentro da publicidade enquanto uma grande ausência, tendo suas informações divulgadas

somente pela mídia escrita. Apesar de sua inauguração com festa pública, onde moradores relatavam esperança na aproximação com o governo municipal, o seu uso no cotidiano, como era previsto pela Prefeitura, foi fechado ao público e somente para compromissos oficiais do Prefeito. Portanto, ainda que fosse frequente a presença do ex-prefeito Eduardo Paes no edifício, isto não se configurou numa maior presença do poder municipal no local, pelo menos não via Palácio Rio450. Contraditoriamente, portanto, o espaço em que a Prefeitura mais fez-se presente no bairro de Madureira, por meio de ações junto à população, foi no parque e não no prédio de governo.

Esta estratégia de ocupação do Parque com recorrentes eventos temporários que buscam abalar o uso cotidiano e por meio do impressionante chamar uma maior presença da população parece configurar-se numa ação própria da gestão Paes. Em oportunidade anterior pudemos observar o quanto a escolha da linha paisagística no planejamento e construção do Parque influencia na construção de espaços adequados para essa forma de apropriação. O Parque Olímpico é outra intervenção do governo Paes incluída dentro do Cidade Olímpica que mantém-se enquanto espaço da Prefeitura para a promoção de eventos espetaculares. É um espaço que, apesar de se propor enquanto área para a realização de atividades de lazer, possui pouquíssimas áreas reservadas a essas atividade e se destaca pela quase ausência de áreas verdes (CARNEIRO; SILVA FILHO, 2018). Diferente deste, entretanto, o Parque Madureira apresenta mais da metade de sua área destinada a espaços gramados, ajardinados ou arborizados. Contudo, a despeito do discurso utilizado pela Prefeitura que sua construção em Madureira visava diminuir o revestimento de cimento e aumentar a área verde presente no bairro, isso não se sustenta na prática. Como avaliado em outros trabalhos, o efeito da transformação da faixa de servidão em um parque arborizado foi praticamente nulo se considerarmos a quantidade de área verde, o que vimos, portanto, foi a transformação de um espaço que era de uso restrito ou coletivo, na construção de uma grande área de lazer pública (CARNEIRO, 2018).

Por conseguinte, o Parque Madureira, dentro do coletivo de ações realizados no bairro, é o espaço que busca representar o contato do poder municipal com a população. Sintetiza bem os interesses do governo municipal pois, da mesma forma que o bairro, foi uma intervenção que para se inserir nesse lugar levantou diversos símbolos tradicionais do bairro (escolas de samba, imigração italiana, brincadeiras de calçada no subúrbio), buscando se justificar e se afirmar enquanto novo elemento local, resultado de uma boa administração. Assim, mais do que somente uma metonimização do bairro de Madureira enquanto subúrbio

carioca, acompanhamos também um processo de como o poder público tenta inserir o parque enquanto um geossímbolo do bairro e, para tanto, utiliza como instrumento elementos identitários tradicionalmente associados ao subúrbio.

Se olharmos esse conjunto de transformações materiais pelo qual o bairro de Madureira, e o esforço simbólico de justificação e a reorganização da narrativa sobre paisagem dentro da qual o bairro se insere, há certa incoerência na inclusão dessas ações dentro do projeto Cidade Olímpica. Apesar do projeto ter reunido todas as ações materiais de grande porte da Prefeitura o mote de sua justificativa circulou em torno da operacionalização dos Jogos Olímpicos Rio 2016. As obras que saíam desse roteiro de instalações olímpicas incluíam-se enquanto obras de suporte à realização dos jogos, tal como os projetos de despoluição das lagoas da Barra, a instalação dos corredores de BRT ou o fechamento do lixão da cidade e instalação do Centro de Tratamento de Resíduos em Seropédica, para adaptação dos critérios de sustentabilidade e manejo de resíduos. Madureira esteve desde o início do planejamento fora das áreas olímpicas, de forma que sequer foi mencionada nos dossiês de candidatura elaborados (TARGUETA, 2009). Sua única participação planejada foi a de ser cortada por um dos corredores de BRT para funcionar enquanto um *hub* de transporte. Ainda assim, como vimos, na prática foi um bairro de grande concentração de intervenções materiais e, mais do que isso, uma centralidade no processo de valorização e ressignificação simbólica na cidade; único espaço do subúrbio a ser destacado enquanto *lócus* de um valor simbólico.

Enquanto não fosse inserido dentro do mapa dos jogos o bairro continuaria como um lugar de passagem, integração entre BRT e Trem para o público que se dirigia para outros espaços olímpicos. No entanto, como vimos, foi grande o projeto de exploração do capital simbólico do bairro para a narrativa da Prefeitura, portanto, para evitar o desperdício desse esforço agiu-se na construção de uma ação para evitar esse isolamento e incluir a questão olímpica no bairro. Dessa forma, adaptam uma parcela do Parque Madureira para permitir a instalação de uma estrutura monumental com os aros olímpicos, assim desmontaram o antigo espaço do mirante feito para a observação do bairro e se utilizam do lugar de destaque para a instalação dos aros que, de provisória, se tornou estrutura permanente. Os Aros foram instalados em maio de 2015 e, já no mesmo mês, passaram a figurar em vários vídeos da Prefeitura. De 223 vídeos postados desde sua inauguração 51 representaram o bairro de Madureira, dentre os quais 20 se utilizaram da imagem dos Aros Olímpicos, em vários deles sendo esta a única menção. Além de símbolos olímpicos, os Aros de Madureira se tornaram

um símbolo largamente reproduzido das obras da Prefeitura. No já citado vídeo #NovoCartãoPostal, o presidente da EOM organiza esses símbolos locais dentro de uma narrativa da Prefeitura e argumenta que:

"O Parque Madureira é o exemplo clássico de como as Olimpíadas podem beneficiar e servir à cidade. A gente tem os primeiros Aros Olímpicos da cidade instalados aqui no Parque Madureira, uma área fora das zonas olímpicas." - Joaquim Monteiro de Carvalho. (PCRJ, 2015c).

Esta fala é elucidativa da estratégia da Prefeitura, porque a despeito de Madureira e o Parque Madureira não terem ligação nenhuma com o planejamento estabelecido para os Jogos, na fala Joaquim Monteiro procura apresentar a construção deste enquanto um legado olímpico que não existiria sem a realização dos jogos na cidade. Logo em seguida, apontando a contradição na sua fala, indica que o Parque Madureira está fora das zonas olímpicas, isto é, fora das áreas preparadas e programadas para receber as competições. Busca assim amenizar essa situação para potencializar esse valor simbólico que há em associar o recebimento dos Jogos Olímpicos com o valor simbólico da tradicionalidade do bairro, a fim de valorizar a intervenção da Prefeitura com a construção do Parque Madureira. Outro exemplo da utilização desse discurso, de forma mais explícita, se dá na seguinte descrição de um dos vídeos:

O bairro que representa o espírito do carioca, foi escolhido para receber os Aros Olímpicos. E não poderia ser diferente! Um dos lugares mais queridos da cidade, Madureira tem tudo, para todos os gostos: samba, baile charme, Mercado, gente bonita e acolhedora e também o terceiro maior Parque da cidade. Nesse vídeo, a região que respira a cariquice é homenageado pela Cidade Olímpica. E viva Madureira! (PCRJ, 2015b).

No mesmo vídeo podemos acompanhar as seguintes falas:

"Madureira pra mim é o coração da Zona Norte. Ser carioca e não passar em Madureira é não ser carioca. Primeiramente o que identificaria muito Madureira é o Mercado. Ali é onde tudo aconteceu, é onde Madureira ficou vista." - Anastácia Gabriel, modelo.

"Madureira não é só a terra do samba, a terra de Portela, da tia Maria do Jongo, do Mercado. Madureira é a vida, Madureira é isso aqui: o povão." - Analys Ramos, dona de barraca de acarajé.

"Principalmente esse aconchego, você lidar com o público. Vê o povo, o povo daqui é Maravilhoso" - Joelice Cavalcanti, vendedora de acarajé em frente ao Mercado.

"Teve um período da História que Madureira e Oswaldo Cruz ficaram um pouco abandonadas, mas isso parece que faz uns cinco anos acabou." - Leandro Sobral, proprietário de Sobral da Serra, restaurante.

"Hoje em dia a gente tem esse parque maravilhoso. A gente fala que isso aqui é a Zona Sul da Zona Norte. É a nossa orla, entendeu? É aqui." - Anastácia Gabriel.

"Os Aros Olímpicos são a coisa mais linda do mundo. A gente está aguardando os Jogos Olímpicos com muita ansiedade, porque isso aqui é um caminho pra Deodoro, e Deodoro é um polo olímpico muito importante também." - Leandro Sobral.

“E pra mim, o que mais identifica Madureira na minha vida é o viaduto de Madureira.” - Anastácia Gabriel.

“Eu frequento o baile do viaduto de Madureira há 23 anos. Madureira é o coração do charme. Pra mim é.” - Halley Meireles, aposentado, frequentador do baile charme.

“Meus sábados à noite é ali, é aonde eu encontro meus amigos, é aonde a gente conversa, é aonde surgem trabalhos, ideias.” - Anastácia Gabriel.

“Madureira representa isso do coração, da emoção, um Rio de Janeiro alegre, espontâneo.” – Leandro Sobral.

“Que esse povo continue com essa alegria, com esse sorriso, cativando mais e mais pessoas pra conhecer Madureira. Meu recado pra Madureira é esse: evolução.” - Anastácia Gabriel. (PCRJ, 2015b).

O vídeo é intitulado “O charme de Madureira”, fazendo um jogo de palavras tanto com a existência do baile charme mais conhecido da cidade, ao mesmo tempo que procura apresentar uma imagem positiva para o bairro e sua população. O roteiro e a narrativa construída seguem a tradicional estratégia retórica que evidencio desde o início deste trabalho, apresentando primeiro elementos colocados como tradicionais e simbólicos do bairro, para em seguida associá-los às ações da gestão Eduardo Paes, atribuindo-lhes valor positivo.

É como uma crônica heroica de altos e baixos. O vídeo começa com tomadas da quadra da Portela ao som de um samba, mudando para o Parque Madureira a primeira entrevistada fala sobre a centralidade e identidade do bairro, apresentando enquanto principal símbolo o Mercado, para onde logo somos transportados. Em frente ao Mercado duas vendedoras de acarajé são entrevistadas e valorizam, tanto nas suas falas quanto nas suas vestimentas (as duas vestidas de baianas), as raízes africanas que passam a ser atribuídas ao bairro, enquanto elogiam os moradores e sua população. Esta se configura na base cultural apresentada para o bairro, como se fosse a “apresentação do herói”. Em seguida passamos para outro entrevistado, o dono de um restaurante que coloca um contraponto a essa história positiva e introduz na narrativa o que seria a “queda do herói”, um momento onde o bairro estaria abandonado pelo poder público. Contudo, este mesmo entrevistado já apresenta a volta por cima e coloca que estaria voltando um momento de valorização a partir das intervenções da gestão municipal em questão²⁸. Voltamos então para a primeira entrevistada que faz coro a esse discurso de valorização dessa gestão, atribuindo ao Parque Madureira esse mérito e, novamente com o comerciante, os Aros Olímpicos são acrescentados enquanto símbolos dessa retomada de valor e depois ainda a realização dos Jogos Olímpicos. Portanto o vídeo se

²⁸ Apesar de o entrevistado afirmar que a situação de abandono do parque começou a mudar cinco anos antes, em 2010 ainda não havia sido inaugurada nenhuma intervenção por parte da atual gestão do governo municipal. Tendo as obras para algumas ações tendo sido iniciadas somente a partir desse ano, com as interdições no trânsito.

enquadra bem na tentativa retórica de inserir o bairro de Madureira nos esforços olímpicos, a fim de capitalizar o valor simbólico dos Jogos, mesmo que este não estivesse originalmente nesse contexto. O final do vídeo, passada a parte da superação dos problemas e da valorização das ações da gestão Paes, apresenta o baile charme enquanto tradicional do espaço de Madureira e enquanto local de diversão e trabalho que conecta o bairro a uma raiz popular e festiva.

Uma curiosidade que aparece também nesse vídeo, mas que se relaciona com todo o acervo dos vídeos de publicidade do Cidade Olímpica, é o fato de que a Portela é a única escola de samba a ser representada em todo o canal. Como vimos, o vídeo supracitado inicia-se numa contextualização do bairro a partir da raiz do samba e da quadra da portela, apresentando tanto o palco da quadra, a água azul e branca, sua bateria e um mapa que se encontra na quadra. O resgate do samba enquanto símbolo cultural do bairro é um elemento constante no discurso e, em especial, as escolas de samba da Portela e do Império Serrano foram mais de uma vez selecionadas e citadas no discursos de alguns vídeos ou reportagens de jornais. Nas justificativas e projetos apresentados para a construção do Parque Madureira, o arquiteto Ruy Rezende resgata em vários momentos essas escolas e justifica a criação da Praça do Samba à presença das duas escolas no bairro (REZENDE, 2013). Da mesma forma discutimos, no tópico anterior, como na escolha das toponímias para as estruturas do BRT Transcarioca trouxe personalidades das duas escolas, mas de forma mais frequente da azul e branca.

Para mais, há dentre o acervo do canal um vídeo que trata exclusivamente da Portela e o tema do samba enredo que desfilou no carnaval de 2014, “Um Rio de mar a mar: do Valongo à Glória de São Sebastião” (PCRJ, 2014). No samba a escola cita espaços do Porto da cidade e da Avenida Rio Branco e, mesmo que não cite na letra do enredo a ação da gestão Eduardo Paes, relaciona-se a ela uma vez que seleciona justamente os espaços que estavam sendo transformados e incluídos numa narrativa da Prefeitura para a área central da cidade. Portanto a conexão das ações e publicidades da Prefeitura com a figura da escola de samba foram constantes e, aparentemente, recíprocas. Pesemos para essa situação que, desde antes do início do mandato, Eduardo Paes já havia se declarado publicamente um portelense e, desde então participou de vários desfiles e ensaios da escola.

Ainda no vídeo “O charme de Madureira”, sua descrição é carregada de símbolos e elementos que atuam nessa construção da metonimização de Madureira enquanto espaço suburbano da cidade. Embora não sejam utilizados nem a palavra “subúrbio” nem a palavra

“Zona Norte” na descrição, observamos a sua apresentação enquanto representante de um “espírito do carioca” e de uma “carioquice”. De outra forma também é possível perceber que os próprios símbolos selecionados como representativos do bairro se buscam se distinguir daqueles presentes na narrativa dominante de paisagem associados ao Rio de Janeiro e aos seus espaços centrais. Isto é, voltamos a observar uma não concorrência entre os símbolos tradicionalmente associados ao Rio da área central e Zona Sul, mas uma complementaridade destes dentro da imagem centro-subúrbio. Por mais que o samba seja, já há muito tempo, explorado na narrativa da paisagem do Rio de Janeiro, o mercado popular, o baile, o viaduto e o trem são elementos que estiveram, assim como seus habitantes, à margem dessa narrativa.

Este vídeo é uma grande exceção na coleção de publicidade que apresenta o canal Rio Cidade Olímpica, isto porque, é o único que apresenta enquanto seu próprio objetivo apresentar um bairro e sua história simbólica. Quer dizer, embora apresente obras construídas pela Prefeitura, isto aparece de forma sutil e secundária na narrativa, dando protagonismo à personagens do bairro e suas relações com os elementos tradicionais deste e, sobretudo, coloca Madureira no centro da história. Nenhum outro vídeo foi realizado com o intuito única e exclusivamente de apresentar um bairro da cidade que não fosse através da apresentação de uma das obras. Como discutido também, Madureira, em conjunto com a zona portuária, foi o único bairro objeto de um discurso de valorização simbólica a partir de elementos locais tradicionalmente já reconhecidos enquanto parte de sua identidade. Esta é uma estratégia que não se limita aos vídeos do canal, mas que através de sua análise podemos identificar parte dos instrumentos discursivos utilizados, de forma que se futuramente equipados de novas informações podemos ajudar na definição dos seus limites e no alcance de seus ações.

Portanto, a imagem que temos do bairro ao final desse vídeo é exemplar da construção narrativa que se constrói em torno do papel que Madureira exerce na cidade. O bairro seria um espaço atabalhado e lócus de uma população despojada que circula pela profusão de trens, ônibus e calçadas lotadas que alimentam o requisitado comércio popular. Ao mesmo tempo essa é uma população que não se ensimesma, mas que é extrovertida e que cria e alimenta uma cultura popular baseada no samba e no charme, mas que segue aberta às novas expressões sejam os passinhos ou a galera do skate. Um bairro que acumula tradições e relembra suas personalidades históricas, mas que tem sido reinventado pela inserção de novos símbolos como o Parque Madureira, com seu projeto de educação ambiental e os Aros Olímpicos. Nessa narrativa o bairro é colocado como o representante do subúrbio, do popular, que se integra à paisagem dominante do Rio de Janeiro ao agregar novas tradições e belezas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a discussão que realizamos sobre ideologia observamos que esta é um conjunto de parâmetros pelos quais interpretamos o espaço e, a partir disso, nos relacionamos e agimos sobre ele. Afastamo-nos, portanto, do conceito que busca interpretá-la enquanto um instrumento objetivamente criado e dominado por um grupo que visa a diretamente influenciar as ações de pessoas ou grupos. Nesse sentido, reconhecemos à ideologia e seus referenciais uma autonomia no desenvolvimento dos seus significados e significantes, que são transformadas ao longo do tempo pelas interações dos seus indivíduos e grupos diversos, sem no entanto ser determinada por interesses objetivos. Isto é, por mais que um grupo busque influenciar a forma como as pessoas se relacionam com essa ideologia, não há garantias que esses interesses serão plenamente ou parcialmente absorvidos pelo conjunto de seus referenciais ideológicos.

A partir dessa interpretação podemos instrumentalizar e aperfeiçoar nossa observação sobre a relação que a paisagem estabelece com o espaço geográfico. Enquanto este pode ser entendido enquanto o conjunto das relações sociais e os suportes materiais e imateriais nas quais elas se estabelecem, a paisagem será se não uma parcialidade daquilo que interpretamos deste espaço. A transformação perceptiva que temos do espaço para paisagem se dá justamente através dos referenciais ideológicos que possuímos sobre esse espaço, que filtram e moldam nossa forma de pensar.

No início desse trabalho, foi considerado investigar de que forma as ações do governo municipal se utilizavam da ideologia de subúrbio carioca para a construção do bairro de Madureira enquanto sua metonímia. Em consonância com a discussão apresentada, o entendimento foi na direção de discutir como essa ideologia foi apropriada e integrou as estratégias realizadas, e não buscar desvelar uma falsa história que se propusesse maniqueísta. Se durante o processo de análise dos vídeos alguma contradição foi percebida e destacada entende-se que é constitutiva do processo de construção narrativa e parte de uma estratégia retórica que gera seus resultados no espaço. Foi nesse contexto que discutimos a contradição existente na inclusão do bairro de Madureira dentro da propaganda sobre os Jogos Olímpicos 2016, sendo que este não apareceu nos planejamentos feitos pelo município, nem receberia nenhuma competição. No entanto isso nos permitiu observar como a estratégia foi sendo readaptada e novas ações materiais e retóricas foram planejadas durante o governo Eduardo

Paes para evitar desperdiçar o empenho depositado na publicidade de Madureira, resultando na instalação dos Aros Olímpicos no Parque Madureira.

A partir dessa prematura inclusão das intervenções de Madureira no projeto Cidade Olímpica mesmo quando não incluído no itinerário olímpico, podemos presumir que este projeto constituiu-se muito mais na logomarca que falamos no início dessa pesquisa do que num real plano de obras a ser seguido. O termo “Cidade Olímpica” se configurou nesses dois governos de Eduardo Paes enquanto uma estratégia de *city branding* responsável por criar uma imagem intuitiva da cidade que associasse alguns dos tradicionais símbolos do Rio às novas intervenções municipais. O objetivo portanto era não somente vender a imagem da cidade para atração de capital através de turismo e investimentos, mas garantir que esta imagem fosse associada à figura da gestão Paes para poder reverter no capital político necessário à sua carreira e de sua equipe. Desta forma, adaptações de projetos e intervenções foram realizadas não somente para permitir a sua exequibilidade de realização, como seria esperado, mas também para garantir que as intervenções fossem alinhadas retoricamente à narrativa de paisagem que se buscou construir, garantindo o fim para o qual foram planejadas. Esta situação aponta para o surgimento e possível consolidação de mais um instrumento na gestão municipal que influenciará agendas e planejamentos na escala local, fortalecendo a influência da dimensão simbólica e do espaço virtual na política e economia da cidade.

Com isso a gestão do Rio de Janeiro se alinha a iniciativas semelhantes realizadas em outras cidades fora do Brasil. Para tanto considero aqui fundamental a instrumentalização do conceito de paisagem, dentro da perspectiva da construção de narrativa, para estudar essas novas estratégias e observar como que em sua construção concorrem atores e selecionam-se elementos. Mais especificamente a necessidade de se observar a exploração da paisagem incorporada conceituada por Patch (2004) e a necessidade prévia de um conjunto simbólico. Isto é, seriam bem sucedidas as intervenções da Prefeitura em Madureira se fossem realizadas sem a exploração de seu conjunto simbólico? Ou melhor, teriam elas o mesmo efeito político e econômico, a mesma aceitação pública? Portanto, mais do que intervir e reformar um bairro através de discursos de modernização e desqualificação, a exploração da paisagem incorporada parece apresentar um mecanismo mais efetivo para justificar intervenções

urbanas²⁹. Isso deve ocorrer justamente porque são respeitados símbolos e tradições que já são valorizados entre a população daquele espaço, contudo é preciso estarmos atentos para as estratégias de seleção empregadas e os efeitos da visibilização e invisibilização.

Foi preciso considerar também que estudar e se relacionar com o espaço urbano carioca na perspectiva da formação de ideologias espaciais exige compreensão da sua crescente e sucessiva fragmentação simbólica, seja em Zona Sul, Zona Norte, Zona Oeste ou Subúrbio. Cada uma dessas categorias espaciais não pode ser compreendida isoladamente e compõe o conjunto ideológico que instrumentaliza e influencia o carioca na forma como este percebe o seu espaço vivido e, portanto na tomada de decisão sobre como agir nesse espaço. Pela análise do material publicitário proposta aqui pudemos observar como essas ideologias se relacionaram e influenciaram tanto nas narrativas produzidas pela Prefeitura como nas efetivas ações materiais no espaço urbano.

O cerne da narrativa municipal se estruturou, a partir de 2014, justamente na discussão sobre a existência dessas barreiras simbólicas cariocas e numa retórica que visava apresentar a gestão Paes como responsável por superá-las e “mudar o eixo da cidade”. Todavia, por mais que os vídeos se utilizassem de imagens consagradas da paisagem carioca concentradas na Zona Sul, como o Cristo Redentor e o Pão de Açúcar, o esforço retórico dos vídeos se concentrava na valorização e inserção de outros símbolos à paisagem da cidade. É desta forma que Madureira se encaixou na narrativa apresentada pelo Cidade Olímpica: o símbolo de um subúrbio carioca que foi transformado pela gestão Paes e agora é integrado à cidade como um novo cartão postal. Outros espaços fizeram parte de estratégias semelhantes, como o Porto Maravilha representando a área central e a Barra da Tijuca propondo uma nova visão sobre a Zona Oeste, mas somente Madureira foi imbuído de representar o subúrbio.

No entanto, porque Madureira foi eleito como subúrbio carioca? Numa conclusão simples poderíamos argumentar que se deve à concentração no bairro de referenciais ideológicos tradicionalmente associados ao subúrbio carioca, como a presença do trem, a menor verticalização ou a população e comércio de menor poder aquisitivo, entre outros. No entanto, isso não deve nos parecer uma associação tão direta e algumas considerações podem ser feitas. A primeira delas é a ressalva trazida por Ribeiro (2016) que argumenta que o

²⁹ É preciso lembrar, no entanto, que estas estratégias também foram empregadas no bairro para a construção do Parque Madureira, onde o discurso da preservação ambiental e sustentabilidade são utilizados como justificativa para a remoção de usos e pessoas e requalificação do espaço.

subúrbio carioca não pode ser interpretado enquanto um espaço delimitado e pré-fixado, que é preciso que o entendamos enquanto o lócus de vivência do suburbano que faz do espaço em que se encontra subúrbio, através de suas práticas. Nessa perspectiva do autor, Madureira é subúrbio porque habitada e construída por suburbanos.

Outra ressalva que podemos apresentar é que ainda que Madureira concentre todos esses elementos materiais e simbólicos, este não é o único bairro carioca que os possui. Logo uma série de outros bairros poderiam ter sido selecionados enquanto alvo dessas ações. Ainda que consideremos aspectos únicos que o bairro possui como o Mercadão, o Baile Charme ou mesmo o Jongo da Serrinha, não podemos considerá-los enquanto comprovação direta para a monopolização do bairro como símbolo do subúrbio. Outros bairros possuem também símbolos próprios que podem ser associados por moradores e outros cariocas enquanto representantes do subúrbio.

Portanto, o que quero chamar atenção aqui é que o que diferencia Madureira desses outros bairros é o trabalho sucessivo e imemorável de construção dessa narrativa e de seleção desses elementos para projetá-los enquanto metonímia de subúrbio. Outros bairros poderiam ser alvos de ações semelhantes de valorização de seus símbolos, práticas e patrimônios próprios para representar o subúrbio, como muitos o são, mas ou tem tido menor alcance e difusão que Madureira ou menor extensão de tempo. Vejamos o caso comentado da construção da Praça do Trem no Engenho de Dentro, ainda que se trate da restauração de prédios antigos que remontam à história de ocupação urbana do bairro, a Prefeitura pouco explorou esse assunto, dando prioridade para outros espaços.

Assim, se podemos entender Madureira enquanto metonímia do subúrbio é preciso ter em mente que a construção desse objeto não é nem pode ser creditada somente à ação da gestão Eduardo Paes. O que percebemos pela análise do material produzido sobre o bairro é que mesmo que a narrativa procure introduzir novos elementos – sobretudo a figura do Parque Madureira – sua base de sustentação são símbolos já previamente reconhecidos e valorizados do bairro. Isto é, aquilo que já tinha valor positivo para o bairro foi resgatado para funcionar também enquanto âncora para agregar valor ao realizado posteriormente pela Prefeitura. Situação visível diretamente no caso do Palácio Rio450, que se associa ao aniversário da cidade e também ao imobiliário da *belle époque* presente no bairro, mas sobretudo no caso das estruturas do BRT que foram instaladas no bairro, recebendo o nome de famosos sambistas sediados nas agremiações de Madureira. Portanto, por mais que não se possa estabelecer com absoluta confiança os motivos da escolha pelo bairro somente através das

análises do conteúdo publicitário, podemos começar a entendê-los como a tentativa de capitalizar um esforço pretérito de valorização de Madureira que já estava em curso. O que apresentamos aqui é se não um pequeno recorte a partir de parte das ações empreendidas por esta gestão, resgatando pouco do que poderia ser entendido enquanto o quadro total das suas estratégias de valorização. Para tanto poderíamos nos questionar que outras estratégias, instrumentos ou atores participaram construção e inserção desses símbolos que a Prefeitura se utilizou no seu discurso.

O aproveitamento desses símbolos locais dentro da estratégia de ressignificação de elementos do bairro constituiu um componente importante da operacionalização dessa parte do projeto Cidade Olímpica. Ainda que não se possam definir muitos objetos de interesse específicos ao bairro, o que podemos perceber pelas candidaturas eleitorais ulteriores é que se tratou de uma busca pela conquista de uma forte base eleitoral. Falamos de uma base composta não somente por moradores e frequentadores do bairro, mas que, a partir do processo de metonimização com subúrbio, buscar representar e alcançar todo um conjunto de pessoas que se consideram suburbanas ou que compartilham total ou parcialmente desses símbolos. Assim que a concentração de ações no bairro tanto reforça a narrativa quanto fortalece a associação da imagem da Prefeitura a este.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Maurício de Almeida. **Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- ABREU, Maurício de Almeida. Sobre a memória das cidades. **Território**, [s. l.], v. 4, p. 5–26, 1998. Disponível em: <<http://mauricioabreu.com.br/uploads/artigos/Sobre%20a%20memoria%20das%20cidades.pdf>>. Acesso em: 9 ago. 2012.
- AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? **Outra Travessia**, [s. l.], v. 5, p. 9–16, 2005.
- AGUIAR, João Henrique Catraio Monteiro. Das ruas às redes: análise sobre o LAB.RIO da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. **Revista Eletrônica de Ciência Política**, [s. l.], v. 6, n. 2, 2015. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/politica/article/view/39744>>. Acesso em: 23 maio. 2018.
- BERDOULAY, Vincent. Les idéologies comme phénomènes géographiques. **Cahiers de Géographie du Québec**, [s. l.], v. 29, n. 77, p. 205–216, 1985.
- BERDOULAY, Vincent. Espaço e Cultura. In: GOMES, Paulo César da Costa; CASTRO, Iná Elias; CORRÊA, Roberto Lobato (Eds.). **Olhares Geográficos: modos de ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. p. 101–131.
- BERDOULAY, Vincent; PAES, Maria Tereza Duarte. Imagem e patrimonialização em planejamento urbano: Salvador (Bahia) e Bordeaux em perspectiva. **Cidades**, [s. l.], v. 5, n. 7, 2008. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/view/593>>. Acesso em: 18 abr. 2017.
- BERNARDES, Lysia M. C. Expansão do espaço urbano no Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Geografia**, [s. l.], v. 23, n. 3, p. 495–524, 1961.
- BERNARDES, Lysia M. C.; SOARES, Maria Therezinha de Segadas. **Rio de Janeiro: cidade e região**. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1987.
- BESSE, Jean-Marc. **O gosto do Mundo: exercícios de paisagem**. Tradução Annie Cambe. 1. ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2014.
- CARDOSO, Elizabeth Dezouart. A invenção da Zona Sul: origens e difusão do topônimo Zona Sul na geografia carioca. **GEOgraphia**, [s. l.], v. 11, n. 22, p. 37–58, 2009.
- CARNEIRO, Pablo de Oliveira. Poder público e ressignificação: Parque Madureira na transformação da paisagem carioca. **Revista de Geografia (Recife)**, [s. l.], v. 35, n. 1 (especial), p. 60–74, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia/article/view/234410/27763>>

- CARNEIRO, Pablo de Oliveira; SILVA FILHO, Gilberto Hermínio Da. Intervenções e Transformações na Paisagem Carioca: os casos do Parque do Flamengo e do Parque Olímpico. In: **Anais do 5º Colóquio Ibero-Americano de Paisagem Cultural, Patrimônio e Projetos**. Belo Horizonte: IEDS; MACPS; IPHAN, 2018.
- CARNEIRO, Sandra de Sá. **Balão no Céu Alegria na Terra: um estudo sobre as representações e a organização social dos baloeiros**. 1982. UFRJ, Rio de Janeiro, 1982.
- CARNEIRO, Sandra de Sá. Rio, Zona Norte e Zona Sul: fronteiras para além dos estigmas. In: CARNEIRO, Sandra de Sá; SANT'ANNA, Maria Josefina Gabriel (Eds.). **Cidade: olhares e trajetórias**. Garamond universitária Rio de Janeiro, Brazil: Garamond/Faperj, 2009. p. 193–218.
- CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. São Paulo: Martins, 2007.
- CIDADE OLÍMPICA. **Parque Madureira - Cidade Olímpica**. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.cidadeolimpica.com.br/galeria/parque-madureira-resgata-o-orgulho-da-zona-norte-carioca/>>. Acesso em: 16 jul. 2013.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 1989.
- CRUZ, Alan Guedes. Paisagem e Memória na construção do Circuito da Herança Africana. In: **Anais do 4º Colóquio Ibero-Americano de Paisagem cultural, Patrimônio e Projetos**. Belo Horizonte: IEDS; MACPS; IPHAN, 2016. p. 18.
- DEMATTEIS, Giuseppe. Suburbanización y periurbanización - Ciudades anglosajonas y ciudades latinas. In: MONCLÚS, F. J. (Ed.). **La ciudad dispersa. Suburbanización y nuevas periferias**. Barcelona: CCCB, 1998.
- DUARTE, Häidine S. B. A cidade do Rio de Janeiro: descentralização das atividades. Os centros funcionais. **Revista Brasileira de Geografia**, [s. l.], v. 36, n. 1, p. 53–99, 1974. Acesso em: 25 nov. 2015.
- DUARTE, Ronaldo Goulart. Madureira sob a ótica dos transportes públicos e da acessibilidade: uma contribuição para a geografia histórica do espaço suburbano carioca. In: ABREU, Maurício de A. (Ed.). **Rio de Janeiro: formas, movimentos, representações: estudos de geografia histórica carioca**. 1a. ed., 1a tiragem ed. Rio de Janeiro, Brasil: Da Fonseca Comunicação, 2005. p. 202–225.
- DUNCAN, James. A paisagem como sistema de criação de signos. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Eds.). **Paisagem, Textos e Identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 91–132.

- DUNCAN, James. Após a Guerra Civil: reconstruindo a geografia cultural como heterotopia. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Eds.). **Geografia Cultural - Uma Antologia**. 1. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. v. 1p. 153–164.
- DUNCAN, James; DUNCAN, Nancy. **Landscapes of privilege: aesthetics and affluence in an American suburb**. New York: Routledge, 2004.
- EL-KAREH, Almir Chaiban. Quando os subúrbios eram arrabaldes: um passeio pelo Rio de Janeiro e seus arredores no século XIX. In: OLIVEIRA, Márcio Piñon De; FERNANDES, Nelson da Nobrega (Eds.). **150 anos de subúrbio carioca**. Rio de Janeiro: FAPERJ; Editora da UFF; Lamparina, 2010. p. 19–56.
- FERNANDES, Nelson da Nóbrega. **O raptó ideológico da categoria de subúrbio: Rio de Janeiro 1858-1945**. 1. ed. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.
- FERNANDES, Nelson da Nobrega; OLIVEIRA, Alfredo César Tavares De. Marechal Hermes e as (des)conhecidas origens da habitação social no Brasil: o paradoxo da vitrine não vista. In: OLIVEIRA, Márcio Piñon De (Ed.). **150 anos de subúrbio carioca**. Rio de Janeiro: FAPERJ; Editora da UFF; Lamparina, 2010. p. 57–94.
- FERNANDES, Pedro Henrique dos Santos. Paisagens da Cidade Olímpica: a gestão da paisagem através dos megaprojetos urbanos e os mirantes no Rio de Janeiro. In: **Anais do 4º Colóquio Ibero-Americano de Paisagem cultural, Patrimônio e Projetos**. Belo Horizonte: IEDS; MACPS; IPHAN, 2016. p. 18.
- FERNANDEZ, Annelise Caetano Fraga. Orgulho suburbano: o projeto de dignificação dos subúrbios do Rio de Janeiro na imprensa de bairro, 1948-1957. **Cadernos CERU**, 2. [s. l.], v. 16, 2, p. 143–162, 2005. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/75348>>. Acesso em: 3 ago. 2018.
- FERREIRA, Alessandro. **Palácio Rio 450: presente bonito, mas ainda na embalagem - notícias em Aniversário do Rio 2016**. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/aniversario-do-rio/2016/noticia/2016/02/palacio-rio-450-presente-bonito-mas-ainda-na-embalagem.html>>. Acesso em: 13 maio. 2018.
- FOUCAULT, Michel. Soberania e Disciplina. In: **Microfísica do Poder**. 10. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- GEIGER, Pedro Pinchas. Ensaio para a estrutura urbana do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Geografia**, [s. l.], v. 22, n. 1, 1960.
- GEIGER, Pedro Pinchas. **Evolução da Rêde Urbana Brasileira**. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1963.
- GIRARDET, Raoul. **Mitos e Mitologias Políticas**. Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Ed. Cia das Letras, 1987.

- GOMES, Paulo César da Costa. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- GUIMARÃES, Roberta Sampaio; DAVIES, Frank Andrew. Delimitações físicas e simbólicas do termo “subúrbio carioca” nos estudos urbanos. **Anais do 40º Encontro Anual da ANPOCS**, [s. l.], p. 25, 2016. Disponível em: <<http://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/40-encontro-anual-da-anpocs/st-10/st23-5/10384-delimitacoes-fisicas-e-simbolicas-do-termo-suburbio-carioca-nos-estudos-urbanos/file>>. Acesso em: 10 jul. 2018.
- GUIMARÃES, Roberta Sampaio; DAVIES, Frank Andrew. Alegorias e deslocamentos do “Subúrbio Carioca” nos estudos das ciências sociais (1970-2010). **Sociologia & Antropologia**, [s. l.], v. 8, n. 2, p. 457 – 482, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-38752018000200457&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 13 jul. 2018.
- HALL, Peter Geoffrey. **Cidades do Amanhã: uma história intelectual do planejamento e do projeto urbanos no século XX**. Tradução Pérola De Carvalho. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- HIERNAUX, Daniel; LINDÓN, Alicia. La periferia: voz y sentido en los estudios urbanos. **Papeles de población**, [s. l.], v. 10, n. 42, p. 101–123, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1405-74252004000400005&lng=es&nrm=iso&tlng=es>. Acesso em: 14 jun. 2017.
- HOBSBAWM, E. J. Introdução: A Invenção das Tradições. In: RANGER, T. O. (Terence O.; HOBSBAWM, E. J. (Eds.). **A Invenção das tradições**. 3. ed. Rio de Janeiro (RJ): Paz e Terra, 2002. p. 9–23.
- HOERTEL, Roberta. **Parque de Madureira vai ter pista de esqui**. 2013. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/rio/parque-de-madureira-vai-ter-pista-de-esqui-8044253.html>>. Acesso em: 13 jun. 2018.
- INSTITUTO PROVOKERS. **Estúdio Video Viewers**. 2017. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B7Qk1E0wjv-ASUNsNWJnUEtWNFE/view>>. Acesso em: 22 maio. 2018.
- MACIEL, Caio Augusto Amorim. **Metonímias geográficas: imaginação e retórica da paisagem no semi-árido pernambucano**. 2004. UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.
- MACIEL, Caio Augusto Amorim. A retórica da paisagem: um instrumento de interpretação geográfica. **Espaço e Cultura**, [s. l.], v. 26, p. 33–50, 2009. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/ojs/index.php/espacoecultura/article/view/3553/2473>>. Acesso em: 15 maio. 2018.

- MACIEL, Caio Augusto Amorim. A geografia política da paisagem: imagens, narrativas e sensibilidades culturais em disputa no espaço público recifense. In: MACIEL, Caio Augusto Amorim; GONÇALVES, Claudio Ubiratan; PEREIRA, Monica Cox de Britto (Eds.). **Abordagens geográficas do urbano e do agrário**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2012.
- MARTINS, Ronaldo Luiz. **Mercadão de Madureira: Caminhos de Comércio**. 1. ed. Rio de Janeiro: Condomínio do Entrepasto Mercado do Rio de Janeiro, 2009.
- MORAES, Antonio Carlos Robert. **Ideologias geográficas: espaço, cultura e política no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Annablume, 2005.
- MUIR, Richard. **Approaches to landscape**. Lanham: Rowman & Littlefield, 2002.
- MUMFORD, Lewis. **A cidade na história suas origens, transformações e perspectivas**. Tradução Neil R. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1965. v. 2
- OLIVEIRA, Márcio Piñon De. A trajetória de um subúrbio industrial chamado Bangu. In: FERNANDES, Nelson da Nobrega (Ed.). **150 anos de subúrbio carioca**. Rio de Janeiro: FAPERJ; Editora da UFF; Lamparina, 2010. p. 95–137.
- OLIVEIRA, Márcio Piñon De; FERNANDES, Nelson da Nobrega (EDS.). **150 anos de subúrbio carioca**. Rio de Janeiro: FAPERJ; Editora da UFF; Lamparina, 2010.
- PAES, Tereza. As cidades coloniais brasileiras – Ideologias espaciais, valores histórico, urbanístico e cultural. **GEOgraphia**, [s. l.], v. 17, n. 33, p. 41–68, 2015. Disponível em: <<http://www.geographia.uff.br/index.php/geographia/article/view/786>>. Acesso em: 14 maio. 2017.
- PANZINI, Franco. **Projetar a Natureza. Arquitetura da Paisagem e dos Jardins Desde as Origens Até a Época Contemporânea**. São Paulo: Senac, 2013.
- PATCH, Jason. The embedded landscape of gentrification. **Visual Studies**, [s. l.], v. 19, n. 2, p. 169–187, 2004. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/1472586042000301674>>. Acesso em: 3 set. 2016.
- PCRJ. **O viradão de Madureira**. 2013. Disponível em: <<https://youtu.be/SYmccwb4oFE>>. Acesso em: 1 maio. 2018.
- PCRJ. **Portela homenageia o Porto e a Rio Branco**. 2014. Disponível em: <https://youtu.be/_Do9PgU41lg>. Acesso em: 1 maio. 2018.
- PCRJ. **Navegue pelo novo point do Parque Madureira**. 2015a. Disponível em: <<https://youtu.be/ogEzyljCEBE>>. Acesso em: 1 maio. 2018.
- PCRJ. **O charme de Madureira**. 2015b. Disponível em: <<https://youtu.be/sm4GNG7LrqA>>. Acesso em: 1 maio. 2018.

- PCRJ. **#NovoCartãoPostal**. 2015c. Disponível em: <<https://youtu.be/QoJQlif3T90>>. Acesso em: 1 maio. 2018.
- PCRJ. **Uma cidade que avança**. 2015d. Disponível em: <https://youtu.be/Wy_ELL1uSDo>. Acesso em: 2 maio. 2018.
- PCRJ. **Um vôo radical no Parque Madureira**. 2015e. Disponível em: <<https://youtu.be/hVNjhHIED1k>>. Acesso em: 2 maio. 2018.
- PCRJ. **A Batalha dos Parques**. 2016. Disponível em: <<https://youtu.be/cEaanb6kZMQ>>. Acesso em: 1 maio. 2018.
- PEREIRA, Margareth Silva. Subúrbio. In: TOPALOV, Christian et al. (Eds.). **A aventura das palavras da cidade: através dos tempos, das línguas e das sociedades**. [s.l.]: Romano Guerra, 2014. p. 622–630.
- PINHEIRO, Magda. Subúrbio. In: TOPALOV, Christian et al. (Eds.). **A aventura das palavras da cidade: através dos tempos, das línguas e das sociedades**. [s.l.]: Romano Guerra, 2014. p. 615–622.
- PROJETO RIO CHARME. **Baile Charme do Viaduto de Madureira**. Viaduto de Madureira, [s.d.]. Disponível em: <<http://viadutodemadureira.com.br/2016/>>. Acesso em: 18 jul. 2018.
- REZENDE, Ruy. **Parque Madureira**. Instituto de Arquitetos do Brasil, 2013. Disponível em: <<http://www.iab.org.br/projetos/parque-madureira>> .
- RIBEIRO, Rafael Winter. Possibilidades e limites da categoria de paisagem cultural para a formação de políticas de patrimônio. In: CUREAU, Sandra; AKEMI, Sandra; SOARES, Inês Virginia Prado (Eds.). **Olhar multidisciplinar sobre a efetividade da proteção do patrimônio cultural**. Belo Horizonte: Fórum, 2011. p. 254–267.
- RIBEIRO, Rafael Winter. Paisagem, Patrimônio e Democracia: novos desafios para as políticas públicas. In: RODRIGUES, Juliana Nunes; CASTRO, Iná Elias De; RIBEIRO, Rafael Winter (Eds.). **Espaços da Democracia: para a agenda de Geografia Política Contemporânea**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- RIBEIRO, Rafael Winter. A política da paisagem em cidades brasileiras: instituições, mobilizações e representações a partir do Rio de Janeiro e Recife. In: **Anais do 1.º Congresso Ibero Americano em Estudos de Paisagem**. Sintra, Portugal. 2018a.
- RIBEIRO, Rafael Winter. Paisagem. In: **Dicionário Iphan de Patrimônio Cultural**. Brasília: IPHAN, 2018b.
- RIBEIRO, Rodrigo Cunha Bertamé. **Rizomas suburbanos: possíveis do topônimo subúrbio carioca através dos afetos**. 2016. UFRJ, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<http://objdig.ufrj.br/21/teses/863074.pdf>>. Acesso em: 15 maio. 2018.

- RODRIGUES, Guilherme do Nascimento. Revitalização de centros históricos e o discurso oficial: o caso do Projeto Porto Maravilha. In: **Anais do 3º Congresso Ibero-Americano de Paisagem cultural, Patrimônio e Projetos**. Belo Horizonte: IEDS; MACPS; IPHAN, 2014. p. 15.
- ROSSI, George Bedinelli; SERRALVO, Francisco Antonio; JOÃO, Belmiro Nascimento. Análise de Conteúdo. **Revista Brasileira de Marketing**, [s. l.], v. 13, n. 4, 2014.
- ROSSI, Ugo; VANOLO, Alberto. **Urban political geographies: a global perspective**. 1st. ed. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, 2011.
- SANT'ANNA, Márcia Genésia De. **A cidade-atração: a norma de preservação de centros urbanos no Brasil dos anos 90**. 2004. Doutorado em Arquitetura e Urbanismo - UFBA, Salvador, 2004.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. 2. ed. [s.l.]: Hucitec, 1991.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo - razão e emoção**. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SAUER, Carl Ortwin. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Eds.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 12–74.
- SAUER, Carl Ortwin. Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Eds.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 19–25.
- SILVA, Adriana Carvalho. Vamos à história dos subúrbios: uma leitura espacial do romance Dom Casmurro, de Machado de Assis. **Geografia, Literatura e Arte**, [s. l.], v. 1, n. 1, p. p.36-53, 2018a. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/geoliterart/article/view/140268/137472>> .
- SILVA, Maria Lais Pereira Da. A favela e o subúrbio: associações e dissociações na expansão suburbana da favela. In: OLIVEIRA, Márcio Piñon De; FERNANDES, Nelson da Nobrega (Eds.). **150 anos de subúrbio carioca**. Rio de Janeiro: FAPERJ; Editora da UFF; Lamparina, 2010. p. 161–186.
- SILVA, Diego Vicente Sperle. **Mapeamento de Tipologias de Caatinga na Bacia Hidrográfica do Rio Taperoá, PB, Através de Imagens Orbitais e GEOBIA**. 2018b. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- SOARES, Maria Therezinha de Segadas. Divisões principais e limites externos do Grande Rio de Janeiro. In: **Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros**. São Paulo: AGB, 1960. v. XII (1958-1959) p. 187–205.

- SOARES, Maria Therezinha de Segadas. Fisionomia e Estrutura do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Geografia**, [s. l.], v. 27, n. 3, p. 329–387, 1965.
- SOARES, Maria Therezinha de Segadas. Bairros, bairros suburbanos e subcentros. In: **Curso de geografia da Guanabara**. Rio de Janeiro: SERGRAF do IBGE, 1968. p. 74–89.
- SOTRATTI, Marcelo Antonio. **Imagem e Patrimônio Cultural: as Ideologias Espaciais da Promoção Turística Internacional do Brasil – EMBRATUR 2003-2010**. 2010. Unicamp, Campinas, 2010.
- SOUZA, Tiago Costa De. **Pelos arrabaldes da urbe carioca: a dinâmica urbana da região do Valongo (1799-1821)**. 2008. UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.
- SOUZA, Marcelo J. L. **Os Conceitos Fundamentais da Pesquisa Sócio-Espacial**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- TARGUETA, Daniel. **Eduardo Paes cai no samba em ensaio técnico da Portela**. 2009. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Carnaval2009/0,,MUL1002661-16634,00-EDUARDO+PAES+CAI+NO+SAMBA+EM+ENSAIO+TECNICO+DA+PORTELA.html>>. Acesso em: 20 set. 2018.
- VELHO, Gilberto. **A utopia urbana**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.
- VERDUM, Roberto et al. (EDS.). **Paisagem: leituras, significados transformações**. 1a edição ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.
- VIEIRA, Maria Elena Merege. **O Jardim e a paisagem: espaço, arte, lugar**. São Paulo: Annablume, 2007.
- VILLAÇA, Flávio. **O Espaço Intra-Urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 1998.
- VINCENT, Andrew. **Ideologias políticas modernas**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1995.
- WAGNER, Philip L.; MIKESELL, Marvin W. Temas da Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Eds.). **Introdução à geografia cultural**. Tradução Olívia de Barros Lima da Silva. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 27–61.
- WYLIE, John. **Landscape**. London; New York: Routledge, 2007.

APÊNDICE

Tabela de vídeos do Cidade Olímpica que citam ou apresentam aspectos de Madureira

Nº	Título	Duração	Data	Observações	Descrição	URL
1	Madureira, "A vedete do subúrbio"	1:51	28/04/2011	Relato de lojistas e moradores sobre as melhorias que o brt pode trazer para o bairro de Madureira	Um dos bairros mais tradicionais da Zona Norte, Madureira espera valorização com construção da Transcarioca	https://youtu.be/9KxG5wJeu6c
2	Time Lapse Transcarioca - Acompanhe as obras do Mergulhão de Campinho	0:50	08/06/2011	Construção do Mergulhão Clara Nunes.	A via expressa vai ligar a Barra da Tijuca ao Aeroporto Internacional Tom Jobim, no Galeão, facilitando o trânsito de atletas dos Jogos 2016 e dos visitantes de um ponto a outro do Rio. Passando por bairros populosos como Madureira e Penha, a Transcarioca será um dos principais legados da cidade olímpica.	https://youtu.be/MTVLLaZpDpE
3	Taxista filma e transmite em tempo real percurso pelas obras da Transcarioca	1:20	08/06/2011	Taxista trafega pelas obras em Madureira e filma percurso.	O taxista William Cadete instalou uma câmera em seu carro para registrar seu percurso diário. Ele conta que espera com otimismo pelas obras da Transcarioca, que vai desafogar o trânsito entre o Aeroporto do Galeão e a Barra, via Zona Norte	https://youtu.be/8etqAe5Y_Ks
4	Entenda o sistema de ônibus BRT	4:04	29/06/2011	Construção do Mergulhão Clara Nunes, Viaduto Negrão de Lima.	Linhas especiais, com pistas dedicadas exclusivamente ao tráfego de ônibus com capacidade	https://youtu.be/fI2Z2KzXq_k
5	Entenda as principais intervenções da Transcarioca nos bairros do Rio	4:57	25/08/2011	Construção do Mergulhão Clara Nunes, Viaduto Negrão de Lima.	Corredor expresso que vai ligar a Barra da Tijuca ao Aeroporto Internacional Tom Jobim, no Galeão, já modifica paisagem da cidade. As intervenções mais importantes, já com obras a todo vapor, são a construção do Mergulhão de Campinho e duplicação do Viaduto Negrão de Lima (para integração ônibus BRT-trem em Madureira).	https://youtu.be/HQXQUZU49IQ
6	Time lapse - A construção do Mergulhão de Campinho	1:14	31/08/2011	Construção do Mergulhão Clara Nunes.	A Transcarioca vai ligar a Barra da Tijuca ao Aeroporto Internacional Tom Jobim, no Galeão, facilitando o trânsito de atletas dos Jogos de 2016 e dos visitantes de um ponto a outro do Rio. Passando por bairros populosos como Madureira e Penha, a Transcarioca será um dos principais legados da Cidade Olímpica.	https://youtu.be/T531TcbgU08
7	Dois anos de obras	0:46	15/09/2011	Vistas da construção do Mergulhão	Transoeste, Transcarioca, Parque dos Atletas, Bairro	https://youtu.be/

	começam a dar forma à Cidade Olímpica			Clara Nunes.	Carioca: alguns dos principais projetos olímpicos que já estão em fase avançada de construção. Aos poucos, moradores das zonas Norte e Oeste começam a sentir a transformação da cidade.	auMex9teoPk
8	Time lapse - Duplicação do Viaduto Negrão de Lima (Madureira)	1:22	07/11/2011	Construção do novo Viaduto Negrão de Lima	Acompanhe a construção das primeiras vigas que vão sustentar a nova pista por onde vai passar o corredor BRT da Transcarioca (Barra da Tijuca - Aeroporto Tom Jobim/Galeão)	https://youtu.be/Tx_uyZvkJhA
9	Time lapse - Por dentro da obra da Transcarioca (Campinho)	1:11	08/11/2011	Construção do Mergulhão Clara Nunes.	Mergulhão que vai desafogar o trânsito nas principais vias (Cândido Benício, Domingos Lopes e Intendente Magalhães) da região do subúrbio carioca está sendo construído a todo vapor.	https://youtu.be/7NfRFfM7PHk
10	Time lapse - Mergulhão toma forma no Campinho (Transcarioca)	1:05	30/12/2011	Construção do Mergulhão Clara Nunes.	Acompanhe de perto o trabalho da Prefeitura do Rio no Mergulhão Clara Nunes, na Zona Norte. Obra faz parte do corredor Transcarioca, que vai ligar a Barra da Tijuca ao Aeroporto Internacional Tom Jobim, no Galeão	https://youtu.be/5DaVHPwsC5k
11	The fulfillment of the dream and Olympic preparation	1:53	09/01/2012	Construção do Mergulhão Clara Nunes.		https://youtu.be/O0rEZjxbBNw
12	Sobrevoo - acompanhe um ano de obras da Transcarioca	2:53	18/01/2012	Construção do Mergulhão Clara Nunes, Viaduto Negrão de Lima.	Veja o andamento do trabalho da Prefeitura do Rio no corredor que vai ligar a Barra da Tijuca ao Aeroporto Internacional Tom Jobim, no Galeão. Acompanhe pontos importantes da obra, como os mergulhões Alvorada e do Campinho, e a ponte estaiada da Avenida Ayrton Senna.	https://youtu.be/kPwJYNJT6AM
13	Parque Madureira, um paraíso natural no coração do subúrbio do Rio	2:11	30/01/2012	"O Parque Madureira nasce junto com uma das grandes obras da cidade do Rio de Janeiro. A transcarioca traz toda uma nova vida ao bairro. E Madureira a cada dia que passa se torna um ponto fundamental, um ponto muito importante, e precisa da condição de lazer, condição de vida agradável, melhora a qualidade de vida urbana das pessoas. (...) É fundamental que o cidadão venha aqui, vivencie uma experiência ambiental aqui dentro e leve esses conceitos para a sua casa." -	Além do reordenamento na infraestrutura de transportes no subúrbio do Rio, a Transcarioca trará um benefício adicional para a região: a proximidade com o terceiro maior parque urbano da cidade. Depois de concluído, o Parque Madureira só estará atrás do Aterro do Flamengo e da Quinta da Boa Vista.	https://youtu.be/vXTzyBcw_zc

				Mauro Bonelli "É um grande desenvolvimento pra cá, né? As casas vão valorizar." Morador 1 "Essa é a área verde, a área de lazer que Madureira não tem." - Morador 2		
14	Um ano de grandes transformações na Cidade Olímpica	5:04	28/03/2012	Construção do Mergulhão Clara Nunes, Viaduto Negrão de Lima e Parque Madureira.	Acompanhe a evolução das obras de preparação do Rio de Janeiro para as Olimpíadas de 2016. É possível comparar vários momentos de obras como Parque Madureira, Transoeste, Transcarioca, Morar Carioca na Colônia Juliano Moreira e no Morro da Providência e do Bairro Carioca, em Triagem.	https://youtu.be/_Rs6FPINX14
15	TIME LAPSE - Acompanhe a evolução das obras no Mergulhão Clara Nunes	1:44	30/03/2012	Construção do Mergulhão Clara Nunes.	Confira o andamento das obras do Mergulhão Clara Nunes, uma das primeiras intervenções da Transcarioca, que ligará o Terminal Alvorada, na Barra da Tijuca, ao aeroporto Internacional do Galeão	https://youtu.be/_WTQDGk8pnQ
16	Time Lapse - Duplicação do viaduto Negrão de Lima, em Madureira	1:27	07/05/2012	Construção do novo Viaduto Negrão de Lima	Câmeras fotográficas registram as obras de duplicação do viaduto Negrão de Lima, em Madureira, por onde passará o corredor BRT (Bus Rapid Transit) Transcarioca, em 2014	https://youtu.be/e8986dFY3Do
17	Madureira via Guiné-Bissau	0:33	18/05/2012	Entrevista com um guineense que trabalha no canteiro de obras do Parque Madureira, falando sobre a sua vida no Rio.	Africano da Guiné-Bissau, apelidado de Angolano, trabalha pela manhã na obra do Parque Madureira e de noite estuda engenharia civil e sonha em abrir sua própria empresa no mesmo ramo.	https://youtu.be/60M1i2tM_oY
18	Obra do Parque Madureira é orgulho para africano	1:31	18/05/2012	Entrevista com um guineense que trabalha no canteiro de obras do Parque Madureira, falando sobre sua vida no Rio.	Africano da Guiné Bissau, apelidado como Angolano, trabalha na obra de construção do Parque Madureira e estuda engenharia civil e relata seu orgulho de trabalhar num projeto que será um marco para a região.	https://youtu.be/nyghKo-9avY
19	TIME LAPSE - Mergulhão Clara Nunes é aberto ao trânsito	2:05	25/05/2012	Construção do Mergulhão Clara Nunes.	O Mergulhão de Campinho foi inaugurado sexta-feira, 25 de maio, pelo Prefeito Eduardo Paes. Ele é um trecho do corredor expresso Transcarioca, que ligará a Barra da Tijuca ao Aeroporto Internacional Tom Jobim, na Ilha do Governador.	https://youtu.be/tClOAKfgMq8
20	Mergulhão Clara Nunes, em Campinho pronto para o trânsito	1:28	26/05/2012	Apresentação do Mergulhão Clara Nunes, ainda durante a finalização da obra.	O Mergulhão Clara Nunes, em Campinho, foi inaugurado neste sexta-feira, 25 de maio de 2012, pelo Prefeito Eduardo Paes. A via será um trecho do corredor expresso Transcarioca, que ligará a Barra da Tijuca ao Aeroporto Internacional Tom Jobim, na Ilha do Governador.	https://youtu.be/GFiZVz7IRU8

21	Mergulhão Clara Nunes, em Campinho aberto ao trânsito	3:37	26/05/2012	Apresentação do Mergulhão Clara Nunes e outras obras de Madureira, ainda durante a finalização da obra.	O Prefeito Eduardo Paes inaugurou nesta sexta-feira, 25 de maio de 2012, o Mergulhão Clara Nunes, em Campinho. A via será um trecho do corredor expresso BRT Transcarioca, que ligará a Barra da Tijuca ao Aeroporto Internacional Tom Jobim, na Ilha do Governador.	https://youtu.be/Odgg9DKS36Q
22	Parque transforma Madureira	2:37	06/06/2012	"O Parque Madureira é o terceiro maior parque da cidade. Ele está cercado por toda uma área que durante anos perdeu toda a sua área verde. Você tem aqui no entorno 98% de taxa de ocupação de solo. O Parque Madureira foi construído dentro de um conceito de obra pública sustentável. (...) Essa aqui é a praça do samba, nessa área daqui você vai ter um palco com um tamanho que você possa colocar uma bateria completa, e aqui em baixo cinco mil pessoas desfilando e se divertindo. Vai se tornar uma referência turística da cidade com certeza." - Mauro Bonelli. Apresentação do Parque durante a construção ainda.	Novo Parque Madureira é o terceiro maior parque da cidade e foi projetado dentro do conceito de obra pública sustentável. Terá equipamentos de lazer, além de receber 1.500 árvores	https://youtu.be/IDZB7usPim4
23	Conheça o Parque Madureira apresentado por Olímpio	1:23	20/06/2012	Apresentação do Parque Madureira pelo Olímpio	Olímpio, personagem símbolo do site Cidade Olímpica, apresenta as atrações do Parque Madureira, equipamento público construído com materiais e alternativas sustentáveis.	https://youtu.be/q3tCnBv1IAM
24	O parque é nosso	4:32	16/10/2012	Apresentação do Parque Madureira pelo Ruy Resende	Parque Madureira é abraçado pela comunidade e vira ponto de encontro entre moradores de todas as regiões da cidade e até de turistas	https://youtu.be/agdu5sYS2e4
25	Um passeio aéreo pela Transcarioca	5:13	17/10/2012	Apresentação de algumas obras do BRT transcarioca de Madureira.	Veja a evolução das obras da Transcarioca desde julho de 2011 até hoje	https://youtu.be/vs1oCKeVBjc
26	Parque Madureira	4:28	04/01/2013	Apresentação do Parque e explicações técnicas.	O terceiro maior parque urbano do Rio de Janeiro nasce no coração do subúrbio como exemplo de sustentabilidade. Com 93 mil metros de área verde, o Parque Madureira transformou a vida de Madureira e dos bairros vizinhos e a auto estima dos moradores.	https://youtu.be/9iHtX8Xgv-c
27	Projeto levará o Parque Madureira até Guadalupe	2:46	07/01/2013	Apresentação do projeto de extensão do Parque Madureira e novos	Entre as novidades estão a construção de uma pista para a prática de ciclismo e um centro de treinamento de	https://youtu.be/CugxH0WCbD4

				aparelhos, com entrevista de frequentadores.	tênis	
28	O viradão de Madureira	1:28	15/04/2013	"Essa região aqui era uma região quase que esquecida. Eu tenho pessoas que trabalham comigo que não conhecem Madureira e eu comento com eles, que eles deveriam perder um pouquinho de tempo e dar um pulinho em Madureira. Que o Parque é realmente uma sacada de gênio."	Parque Madureira entra no roteiro cultural da cidade e estreia no Viradão Carioca 2013 com show de Daniela Mercury, Blitz e as baterias da Portela e Império Serrano. O primeiro Viradão a terceira maior área verde do Rio de Janeiro consolidou a nova perspectiva da região, atraindo pessoas de várias regiões da cidade ao evento.	https://youtu.be/SYmccwb4oFE
29	Obras da TransCarioca em ritmo acelerado	3:27	17/04/2013	Apresentação de algumas obras do BRT transcarioca de Madureira.	Confira o comparativo aéreo das obras da TransCarioca, corredor para BRT, que ligará o Terminal Alvorada, na Barra da Tijuca, ao Aeroporto Internacional Tom Jobim, na Ilha do Governador.	https://youtu.be/tBR6WZHmJPI
30	Interdições da TransCarioca	0:57	20/05/2013	Explicação das interdições para a construção do transcarioca.	Entenda as interdições de vias e desvio de tráfego no subúrbio, a principal delas na Avenida Ministro Edgard Romero, ocorrida no domingo, 19 de maio de 2013.	https://youtu.be/JpkEuzrQ-BI
31	Rio sustentável	4:25	06/06/2013	Vista aérea do Parque Madureira	O Rio se prepara para receber os Jogos Olímpicos de 2016 investindo em obras e serviços com a preocupação da sustentabilidade, como sistema de ônibus BRT.	https://youtu.be/OpxY3k7CWlc
32	Conheça o site do Parque Madureira	1:50	26/06/2013	"Há um ano a Zona Norte ganhou um grande presente, o Parque Madureira. E agora o presente é de toda a cidade, o site do Parque." Apresentação do site do Parque e de outros aparelhos e atividades do Parque.		https://youtu.be/k61YsGjEQXU
33	Comparativo Aéreo Transcarioca	4:51	09/09/2013	Apresentação de algumas obras do BRT transcarioca de Madureira.		https://youtu.be/hYbupVhrrUk
34	Expansão do Parque Madureira	3:16	03/12/2013	Apresentação do projeto de extensão do Parque Madureira e novos aparelhos, com entrevista de frequentadores.	Maior área de lazer da Zona Norte, o Parque Madureira será expandido e chegará até Guadalupe	https://youtu.be/tFIONINJoCc
35	Comparativo aéreo Transcarioca	4:03	15/01/2014	Apresentação de algumas obras do BRT transcarioca de Madureira.	Acompanhe a evolução das obras do corredor Transcarioca, que vai ligar a Barra da Tijuca até a Ilha do Governador	https://youtu.be/x6igQ-Kri5o
36	Portela homenageia o Porto e a Rio Branco	3:00	14/02/2014	Apresenta o enredo da Portela sobre a Rio Branco e o Porto do Rio.	Com o enredo "Um Rio de mar a mar: do Valongo à glória de São Sebastião", a azul e branca de Madureira traz o coração do Rio para a Sapucaí.	https://youtu.be/_Do9PgU41lg

37	O Parque é nosso	2:52	21/02/2014	"Faz parte da minha vida e de Madureira também" Apresentação das atividades do parque com entrevista à população.	População aproveita a terceira maior área de lazer da cidade e ajuda a cuidar do patrimônio que é de todos	https://youtu.be/192W5m9R1r0
38	Comparativo aéreo Transcarioca	1:52	03/04/2014	Apresentação de algumas obras do BRT transcarioca de Madureira.	A Transcarioca está chegando! A via expressa, de 39km de extensão, liga a Barra da Tijuca à Ilha do Governador e beneficiará 450 mil pessoas por dia.	https://youtu.be/EOkLUsQYR1M
39	Conheça os marcos da Transcarioca	2:41	10/04/2014	Apresentação de algumas obras do BRT transcarioca de Madureira.	Da Barra à Ilha do Governador ao longo de 39km de extensão, acompanhe as principais intervenções do corredor para BRTs	https://youtu.be/8Oh1oZ50QrY
40	Avanço das obras da Transcarioca	1:55	13/04/2014	Apresentação de algumas obras do BRT transcarioca de Madureira.	Corredor vai diminuir em 66% o tempo de deslocamento entre a Barra e a Ilha do Governador, cortando importantes bairros do subúrbio carioca	https://youtu.be/5dOUTgnoE3k
41	Operários celebram a Transcarioca	1:57	30/04/2014	Apresentação de algumas obras do BRT transcarioca de Madureira.	Operários que trabalharam na construção do corredor que vai ligar a Barra da Tijuca até a Ilha do Governador falam sobre suas experiências e expectativas para a Transcarioca	https://youtu.be/Ch5Ht2C1uHk
42	Transcarioca de ponta a ponta	8:35	13/05/2014	Sobrevôo sobre o BRT transcarioca e estações em Madureira.	Passeie pela Transcarioca, que está chegando para mudar a vida de milhares de cariocas!	https://youtu.be/zyotKCW8iH8
43	A Transcarioca vem aí!	0:37	29/05/2014	Sobrevôo nas grandes obras do BRT Transcarioca em Madureira.	O corredor expresso BRT Transcarioca, que vai ligar a Barra da Tijuca à Ilha do Governador, será inaugurado no domingo, dia 1º de junho. Será o primeiro corredor de alta capacidade no sentido transversal da cidade e reduzirá em 60% o tempo de viagem por ônibus no trecho. Serão 320 mil passageiros por dia.	https://youtu.be/W7Im9NCmQO4
44	Acompanhe o trajeto da Transcarioca	9:51	30/05/2014	Sobrevôo sobre o BRT transcarioca e estações em Madureira.	Unindo bairros do subúrbio e da Zona Oeste ao longo de 39km, a Transcarioca é a maior obra de mobilidade urbana da cidade, atendendo cerca de 320 mil pessoas diariamente	https://youtu.be/7ABmJtZHF5w
45	A evolução da Transcarioca	11:11	06/06/2014	Sobrevôo sobre o BRT transcarioca e estações em Madureira.	Acompanhe as transformações da obra que mudou a realidade do subúrbio carioca	https://youtu.be/Hy-QdgrInY
46	Um passeio pelos 39 quilômetros da Transcarioca	10:36	27/06/2014	Sobrevôo sobre o BRT transcarioca e estações em Madureira.	Inaugurada no dia 1º de junho, a Transcarioca liga a Barra da Tijuca à Ilha do Governador (Aeroporto do Galeão), passando por 27 bairros, ao longo de 39 quilômetros. O novo corredor exclusivo para ônibus do BRT vai beneficiar 320 mil pessoas por dia.	https://youtu.be/dHvtqRyVIjo
47	O que já era bom vai ficar ainda melhor	2:40	03/07/2014	Vistas sobre o Parque Madureira e o projeto de expansão, explicação por	Inaugurado em 2012, o Parque Madureira será ampliado e ganhará novas atrações. As obras já começaram. A	https://youtu.be/ib9gHpm3dcA

				Mauro Bonelli.	expansão será do Viaduto dos Italianos, em Madureira, até Guadalupe, às margens da Avenida Brasil. A área vai cortar oito bairros: Turiaçu, Oswaldo Cruz, Rocha Miranda, Bento Ribeiro, Honório Gurgel, Marechal Hermes, Coelho Neto e Guadalupe.	
48	Faltam dois anos para os Jogos Olímpicos	1:24	05/08/2014	Vistas do Mergulhão Clara Nunes e pessoas no Parque Madureira		https://youtu.be/jsh5iZyknMY
49	Parabéns, Cidade Olímpica!	1:58	03/10/2014	Vistas do Parque Madureira e aparelhos.	Rio comemora cinco anos como cidade-sede dos Jogos Olímpicos em plena transformação. Mobilidade urbana, recuperação da Região Portuária, áreas de lazer, cultura e novos negócios são apenas alguns exemplos das conquistas da cidade	https://youtu.be/v5KQp6ikqpc
50	BRT Transcarioca movimentou comércio em Madureira	2:27	24/10/2014	Vistas do corredor brt em Madureira e interna do Mercado. Entrevistas com lojistas que comentam o aumento da circulação de consumidores.	Com a chegada do corredor expresso, comerciantes de Madureira garantem que houve aumento na movimentação e no faturamento da região.	https://youtu.be/HaD2mRPwMsE
51	Retrospectiva 2014	2:18	29/12/2014	Fotos da construção da expansão do Parque Madureira		https://youtu.be/Qwe3-eQX1kI
52	#QueVenha2015	2:12	30/12/2014	Vista sobre a construção da expansão do Parque Madureira		https://youtu.be/1QbCQhugSog
53	Um espetáculo de transformações	1:53	12/02/2015	Vistas do Parque Madureira, aparelhos e pessoas. Vídeo ao som da bateria da Portela com flash do ensaio na quadra.	Plumas e paetês. Ferro e concreto. Surdo e repique. Martelo e britadeira. Força e perseverança. Assim como uma escola de samba se prepara para apresentar o maior espetáculo da terra, a cidade também se transforma dia após dia. O nosso espetáculo, no entanto, vai durar muito mais do que apenas quatro dias: será para sempre. Os projetos já estão saindo do papel e a população pode se preparar para desfrutar de uma cidade que será, além de olímpica, ainda mais maravilhosa.	https://youtu.be/dcz4Rhsjukk
54	500 dias para os Jogos Olímpicos	3:30	23/03/2015	Vistas aéreas do Parque Madureira e seus aparelhos, pessoas nas atividades.	Um novo Rio que surge para os cariocas. Faltam 500 dias para os Jogos Olímpicos e a cidade já respira novos ares. Muito já foi feito e ainda tem muito mais por aí. Confira o renascimento da Cidade Olímpica.	https://youtu.be/MZMF195yNtM
55	Timelapse: ousadia para transformar o Rio - Março 2015	2:18	23/03/2015	Construção do Mergulhão Clara Nunes e Parque Madureira.	Transformar uma cidade requer ousadia. Da derrubada da Perimetral à construção do Parque Olímpico; da implantação dos corredores para BRT ao surgimento de uma nova via subterrânea no Porto (a futura Via Expressa); do investimento em Clínicas da Família à criação do terceiro maior parque da cidade (Parque	https://youtu.be/NiLPP4RWbzS

					Madureira). Muitas destas mudanças já estão em funcionamento e podem ser vistas e desfrutadas por cariocas dos quatro cantos da cidade. Por tudo isso, os 500 dias que faltam para a chegada do maior evento esportivo do planeta marcam também o surgimento de um Rio renovado. E que ainda tem muito mais para mostrar.	
56	Um novo Parque Madureira está surgindo	2:05	27/03/2015	Explicação do projeto de expansão do Parque Madureira, com vistas da obra.		https://youtu.be/BoHveRVAHhc
57	Mais transporte: cidade integrada	3:03	24/04/2015	Brt transcarioca e Mergulhão Clara Nunes.	Mobilidade urbana e qualidade de vida andando juntos. O novo conceito de transporte integrado da cidade, que já beneficia milhares de passageiros diariamente com a Transoeste e a Transcarioca, vai ficar ainda melhor com a chegada da Transolímpica, Transbrasil e do Veículo Leve Sobre Trilhos. Juntos, eles formam o anel viário da cidade e fazem integração com trens, metrô, barcas e aeroporto. Menos tempo no trânsito, mais tempo para lazer, estudo e atividades culturais. São as transformações da Cidade Olímpica beneficiando a vida do carioca diariamente.	https://youtu.be/8Y64mzvFkQ
58	E o Rio após as Olimpíadas?	2:38	30/04/2015	Vista aéres do Parque Madureira.	O melhor das Olimpíadas são os benefícios que ficarão para a nossa cidade. E os Jogos do Rio darão um show nesse quesito! Duas das maiores estrelas de 2016 vão continuar brilhando para os cariocas. O Parque Olímpico abrigará instalações temporárias como, por exemplo, a Arena do Futuro, que será desmontada e transformada em quatro escolas municipais. Do Complexo Esportivo de Deodoro sairá a segunda maior área de lazer da cidade, chamada de Parque Radical. No local, haverá um lago artificial com tobogãs e uma pista de ciclismo BMX.	https://youtu.be/W_CbCY60sjg
59	Uma cidade única, uma única cidade	1:00	12/05/2015	Vistas do Parque Madureira e expansão. Finalização com os Aros Olímpicos do Parque Madureira.	Faltando 450 dias para as Olimpíadas, a cidade está em processo de transformação. Uma cidade que sempre foi única está se tornando, cada vez mais, uma única cidade. Mais justa, inclusiva e integrada. Uma Cidade Olímpica!	https://youtu.be/Pt3KJG6LcGo
60	Você já conhece o novo Rio? - Maio 2015	2:49	20/05/2015	Vistas do Parque Madureira e expansão. Finalização com os Aros Olímpicos do Parque Madureira.	Os Jogos Olímpicos e Paralímpicos estão transformando o nosso Rio. Desde que foi escolhido como cidade-sede, em outubro de 2009, as mudanças nas áreas de	https://youtu.be/-Ak6MdGfL8Q

					<p>mobilidade urbana, cultura, entretenimento e infraestrutura estão a pleno vapor. Novos museus, centros culturais, áreas de lazer, corredores de ônibus articulados reforçam as maravilhas do nosso belo e olímpico Rio.</p>	
61	Timelapse: com vocês, os Aros Olímpicos	1:07	21/05/2015	Vista da construção dos Aros Olímpicos. Finalização com os Aros	Os Aros Olímpicos, que representam a união dos cinco continentes que disputam os Jogos Olímpicos e Paralímpicos, foram instalados no Parque Madureira, no coração da Zona Norte do Rio. Figurado como a terceira maior área de lazer da cidade, o Parque está passando por obras de expansão e vai triplicar de tamanho.	https://youtu.be/wZ2BYMnLYEU
62	Os Aros Olímpicos no coração do Rio	1:29	22/05/2015	Montagem e Construção dos Aros no Parque Madureira, vistas dos aparelhos e pessoas. Finalização com os Aros Olímpicos do Parque Madureira.	Os Aros Olímpicos chegaram ao Rio! Instalados no Parque Madureira, coração do subúrbio carioca, eles representam a união dos cinco continentes que irão disputar os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016. Sejam bem-vindos à nossa Cidade Maravilhosa! #IssoÉCidadeOlímpica	https://youtu.be/AMr6ptndBbk
63	Navegue pelo novo point do Parque Madureira	1:03	25/05/2015	360° do dia de inauguração dos Aros Olímpicos no Parque Madureira, com show, "Meu lugar", banda e fogos de artifício.	Instalados no coração do Rio, os Aros Olímpicos são a mais nova sensação do Parque Madureira. Eles representam a união dos cinco continentes que vão disputar os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016. Confira, em um giro 360, o momento exato em que os Aros foram inaugurados. #IssoÉCidadeOlímpica #ParqueMadureira	https://youtu.be/ogEzyljCEBE
64	O charme de Madureira	2:58	29/05/2015	<p>Madureira pra mim é o coração da Zona Norte. Ser carioca e não passar em Madureira é não ser carioca.</p> <p>Primeiramente o que identificaria muito Madureira é o Mercadão. Ali é onde tudo aconteceu, é onde Madureira ficou vista. Hoje em dia a gente tem esse parque maravilhoso. A gente fala que isso aqui é a Zona Sul da Zona Norte. É a nossa orla, entendeu? É aqui. E pra mim, o que mais identifica Madureira na minha vida é o viaduto de Madureira. - Anastácia Gabriel.</p> <p>"Madureira não é só a terra do samba, a terra de Portela, da tia Maria do Jongo,</p>	<p>O bairro que representa o espírito do carioca, foi escolhido para receber os Aros Olímpicos. E não poderia ser diferente! Um dos lugares mais queridos da cidade, Madureira tem tudo, para todos os gostos: samba, baile charme, Mercadão, gente bonita e acolhedora e também o terceiro maior Parque da cidade.</p> <p>Nesse vídeo, a região que respira a carioquice é homenageado pela Cidade Olímpica. E viva Madureira!</p>	https://youtu.be/sm4GNG7LrqA

				do Mercado. Madureira é a vida, Madureira é isso aqui: o povão. " Analys Ramos, vendedora de acarajé. "Principalmente esse aconchego, você lidar com o público. Vê o povo, o povo daqui é Maravilhoso" Joelice Cavalcanti, vendedora de acarajé. "Eu frequento o baile do viaduto de Madureira há 23 anos. Madureira é o coração do charme, pra mim é." Halley Meireles. Vistas do parque, do brt, do Mercado, do comércio, do baile charme.		
65	Rio 360°	1:00	03/06/2015	Vistas do Parque Madureira, aparelhos, pessoas fazendo atividade, baile charme do viaduto, Aros Olímpicos. Discurso da inclusão, "mudança de eixo", ocupação da cidade e novos cartões postais.	O Rio está se transformando. Não apenas para impressionar atletas, encantar turistas e sair bem na foto em jornais e revistas mundo afora. Mas para se tornar um lugar melhor para 6,5 milhões de cariocas que vão continuar aqui depois que as Olimpíadas passarem.	https://youtu.be/xvVJyby6lkM
66	#NovoCartãoPostal	2:00	29/06/2015	"O Parque Madureira é o exemplo clássico de como as Olimpíadas podem beneficiar e servir à cidade. A gente tem os primeiros Aros Olímpicos da cidade instalados aqui no Parque Madureira, uma área fora das zonas olímpicas." - Joaquim Monteiro. "É um símbolo de união dos povos, que eu acho que esse talvez seja uma das maiores mensagens dos Jogos Olímpicos. A gente pode conviver sim em harmonia, e pode sim, através do esporte, transformar a vida das pessoas. – Giovane Gávio "Acho que a escolha do local foi muito apropriada. Estou muito orgulhoso de ver os aros olímpicos na minha cidade, na minha terra, e hoje estar aqui em Madureira estar vendo isso aqui concretizado é muito bacana." – Flávio	Os Aros Olímpicos, instalados no Parque Madureira, receberam o monumento da hashtag Cidade Olímpica. E, quem por lá passou nos dias 13, 14, 20 e 21 de junho, levou de presente um cartão-postal impresso com a própria selfie feita com os Aros ao fundo. O evento também contou com os atletas olímpicos: Giovane Gávio, bicampeão olímpico de vôlei, em Barcelona (1992) e Atenas (2004); Fabi, bicampeã olímpica de vôlei, em Pequim (2008) e Londres (2012); Flávio Canto, medalha de bronze no judô, em Atenas (2004); e Jacqueline Silva, primeira mulher brasileira a conquistar uma medalha de ouro. Foi campeã olímpica de vôlei de praia, em Atlanta (1996). #CidadeOlímpica	https://youtu.be/QoJQIif3T90

				<p>Canto</p> <p>"Eu vejo assim, a intenção de realmente fazer com que a cidade em um todo viva esse sonho olímpico. Não tem que ser Zona Sul x Zona Norte, eu acho que é de todo mundo." Jacqueline Silva.</p> <p>"Chegamos, caminhamos um pouquinho, paramos aqui, tiramos uma foto, postamos um #cidadeolimpica aí, muito legal." - Thiago Ribeiro, visitante morador de campo grande</p> <p>"Vale a pena as pessoas virem de outros bairro, conhecerem aqui o Parque de Madureira que é muito bonito e tá de parabéns." – Carolina Cardoso.</p> <p>"Eu vim aqui com a minha família correr, fazer uma atividade física, estou saindo com um cartão postal com a foto da minha família, muito legal. Os aros olímpicos, que estavam em Londres, tá na nossa cidade, tá no Rio de Janeiro, tá no quintal da nossa casa, é tudo de bom." – Viviane Dantas, visitante moradora de cascadura.</p>		
67	Você já conhece o novo Rio? - Junho 2015	2:49	10/07/2015	Vistas aéreas da construção do Parque Madureira e expansão. Finalizando com os Aros Olímpicos do Parque	Os Jogos Olímpicos e Paralímpicos estão transformando o nosso Rio. Desde que foi escolhido como cidade-sede, em outubro de 2009, as mudanças nas áreas de mobilidade urbana, cultura, entretenimento e infraestrutura estão a pleno vapor. Novos museus, centros culturais, áreas de lazer, corredores de ônibus articulados reforçam as maravilhas do nosso belo e olímpico Rio.	https://youtu.be/rhZp2YrB2bA
68	Vá de BRT - Mercado de Madureira	2:44	13/07/2015	Visita ao Mercado de Madureira, lojas e lojistas. Destaque para o BRT como acessibilidade e Parque como atrativo.		https://youtu.be/mCEpKAYIc-M
69	Timelapse: ousadia para transformar uma Cidade	2:53	21/07/2015	Construção do Mergulhão Clara Nunes, Parque Madureira, expansão.	Fique ligado! A série "Vá de BRT" vai mostrar ao longo do trajeto, uma programação irada, com cultura,	https://youtu.be/OuiRZpFiiDM

	Olímpica - Julho 2015				gastronomia, lazer, esporte e muito mais para a sua diversão. Nesse primeiro capítulo, a dica é de uns dos points mais conhecidos da Zona Norte, o Mercadão de Madureira - o lugar que tem de tudo! Para chegar lá, basta descer na Estação Mercadão, da Transcarioca. Anote essa dica e se prepare para a próxima parada. Ela pode ser escolhida por você. Envie sua sugestão para o e-mail vadebrt@cidadeolimpica.com e diga qual a nossa próxima atração.	
70	Pra mim, pra você, pra quem vive aqui	1:55	04/08/2015	Vistas do Parque Madureira. Finaliza com os Aros Olímpicos do Parque.	Ganhar um presente é muito bom, dois então... É melhor ainda! Pra mim, pra você, pra quem vive aqui. E é exatamente isso que irá acontecer após o término dos Jogos Rio 2016: a Cidade Maravilhosa será contemplada com os benefícios que os parques Olímpico, em Jacarepaguá, e Radical, em Deodoro, ambos na Zona Oeste, deixarão. Vem por aí mais educação, esporte, saúde e outros projetos sociais!	https://youtu.be/8MJtczatPcM
71	Uma cidade que avança	2:50	05/08/2015	Vistas aéreas da construção do Parque Madureira e expansão, aros e fogos. Finalizando com os Aros Olímpicos do Parque	A um ano dos Jogos, a Cidade Olímpica evolui e segue em frente cada vez mais preparada. O destino é o Rio de Janeiro que a gente quer viver. Porque assim como não existe meia volta olímpica, não existe Cidade Olímpica que não seja para todos. #CidadeOlímpica	https://youtu.be/Wy_ELL1uSDo
72	#SomosCidadãosOlímpicos	2:02	14/08/2015	Desfile Olímpico feito pelas escolas da 5ª Cre da Zona Norte. Finalizando com os Aros Olímpicos.	Para comemorar o marco de um ano para os Jogos Rio 2016, o Parque Madureira, na Zona Norte da cidade, recebeu o Desfile Olímpico. Cerca de 800 alunos e 260 professores de 130 escolas da rede municipal foram apresentados à cultura dos países Europeus. O evento, realizado na sexta-feira, dia 7 de agosto, teve também como objetivo promover os valores olímpicos como respeito, diversidade e amizade. São as Olimpíadas transformando a educação! #CidadeOlímpica	https://youtu.be/TMLFjfwPWe4
73	Um vôo radical no Parque Madureira	1:31	28/08/2015	"Dá só um bizu nesse lugar. Que irado, né? É meu amigo, bem-vindo à Madureira. Símbolo da cidade que mudou de eixo e se reinventou pra todos os cariocas. A terra do samba, do Mercadão e do charme agora também é a terra do terceiro maior parque da cidade, e da melhor pista de skate do	Fique por dentro do que rola no Skate Park do Parque Madureira! O lugar preferido dos cariocas, também é palco de muita adrenalina e manobras de tirar o fôlego. Embarque no estilo e no charme desses skatistas, que fizeram desse esporte uma paixão. Se liga no shape e venha deslizar com a gente nesse vídeo radical. A Cidade Olímpica também tem skate na veia!	https://youtu.be/hVNjhHIED1k

				país. É brother, Madureira virou cartão postal, pico de vários rolés de todas as tribos e de muitas, muitas histórias pra contar." - Narrador		
74	Vá de BRT - Vila Kosmos	2:44	02/09/2015	Integração de brt em Madureira	A série "Vá de BRT" traz uma nova dica de lazer e gastronomia, pertinho da estação Vila Kosmos, da Transcarioca. Vamos conhecer a Adega Duas Nações, um tradicional bar da Zona Norte, que serve um dos melhores bolinhos de bacalhau da região. Você não vai ficar fora dessa, vai? E a próxima parada pode ser escolhida por você! Envie sua sugestão para o e-mail: vadebrt@cidadeolimpica.com e nos ajude a escolher a nossa próxima parada. Embarque nesse BRT e boa viagem!	https://youtu.be/YeP4Py85jvA
75	Uma cidade que avança - Atualização	3:00	01/10/2015	Vista aérea do Parque Madureira, vista aérea da expansão, inauguração dos Aros Olímpicos. Queima de fogos no Parque Madureira. Finalização com os Aros Olímpicos do Parque.	Há seis anos a história do Rio começou a mudar. A menos de um ano dos Jogos, a Cidade Olímpica evolui e segue em frente cada vez mais preparada. O destino é o Rio de Janeiro que a gente quer viver. Porque assim como não existe meia volta olímpica, não existe Cidade Olímpica que não seja para todos. #CidadeOlímpica	https://youtu.be/6o82O4WfvoQ
76	Está nascendo um novo Rio	2:33	08/10/2015	Parque Madureira - Uma cidade para todos. / Museu do Amanhã - Inovadora / COR - Inteligente / Brt - Integrada / Teleférico Providência - Inclusiva	Uma nova cidade está surgindo! O Porto renasce, a mobilidade urbana vai aos poucos se tornando realidade e os Jogos Olímpicos deixam também um dos maiores legados da nossa história. A nossa Cidade Olímpica é tudo isso e muito mais! E aqui você acompanha de perto cada etapa dessa transformação. É inovação, é inclusão, é ousadia, #ÉTudoNosso	https://youtu.be/G2JV9TthnzM
77	Uh, expandiu, melhor Parque do Brasil!	1:20	15/10/2015	Apresentação da expansão do Parque Madureira, com entrevistas do público e vistas dos elementos	O terceiro maior parque da cidade, o Parque Madureira, ganhou mais um quilômetro no Dia das Crianças, 12 de outubro. O espaço, que oferece atividades voltadas para esporte, lazer e cultura, agora tem Praia Artificial, quadras de Futebol e Basquete de Rua, Academia Carioca e mais espaço de brincadeiras para as crianças. As novas atrações fizeram a alegria de todas as famílias cariocas. E prepare-se: porque vem muito mais por aí! Até 2016, o coração do subúrbio do Rio ganhará uma pista de esqui artificial, ciclovias, muros de escalada, pista half pipe para skatistas e muito mais.	https://youtu.be/R6RgNyIXuI0

78	Retrospectiva 2015	2:52	29/12/2015	Inauguração dos Aros Olímpicos do Parque Madureira e da expansão do Parque.	Foi uma a jornada e tanto. Em 2015, a Cidade Olímpica não parou de se transformar. Aperte o play e veja como o nosso Rio mudou e está mudando. Como não comemorar a revitalizada Praça Mauá sendo devolvida à população e o renascimento de novas áreas de convivência, como a da Praça da Bandeira e a da Praça Niterói, na Tijuca, depois de passarem pelas obras de controle de enchente? Como não vibrar e curtir com um Parque Madureira cheio de novidades e bem maior? Durante o ano, a mobilidade urbana também foi aprimorada, com a inauguração do Túnel Rio450, além das obras que estão a todo vapor, como VLT, Via Expressa, expansão Transoeste, Transolímpica e ampliação do Elevado do Joá. A infraestrutura ganhou ainda mais fôlego: as instalações olímpicas estão quase perto da conclusão. Que venha 2016 para o mundo conhecer, ao vivo, a nossa Cidade Olímpica!	https://youtu.be/5yZg9hb4hOs
79	Retrospectiva 2015	2:52	30/12/2015	Inauguração dos Aros Olímpicos do Parque Madureira e da expansão do Parque.	Foi uma a jornada e tanto. Em 2015, a Cidade Olímpica não parou de se transformar. Aperte o play e veja como o nosso Rio mudou e está mudando. Como não comemorar a revitalizada Praça Mauá sendo devolvida à população e o renascimento de novas áreas de convivência, como a da Praça da Bandeira e a da Praça Niterói, na Tijuca, depois de passarem pelas obras de controle de enchente? Como não vibrar e curtir com um Parque Madureira cheio de novidades e bem maior? Durante o ano, a mobilidade urbana também foi aprimorada, com a inauguração do Túnel Rio450, além das obras que estão a todo vapor, como VLT, Via Expressa, expansão Transoeste, Transolímpica e ampliação do Elevado do Joá. A infraestrutura ganhou ainda mais fôlego: as instalações olímpicas estão quase perto da conclusão. Que venha 2016 para o mundo conhecer, ao vivo, a nossa Cidade Olímpica!	https://youtu.be/b3THISMj7yI
80	Campeonato Mundial de Skate no Parque Madureira!	2:00	04/02/2016	Apresentação do campeonato de Skate no Parque Madureira e entrevista com público e atletas	De 29 a 31 de janeiro, o Parque Madureira recebeu o Bowl Jam, Campeonato Mundial de Skate. Grandes nomes passaram pelo Parque e fizeram a alegria da galera.	https://youtu.be/il6Z48-7nIY

81	Antes e depois: um Rio diferente	1:55	12/02/2016	Vista aérea do Parque Madureira	A cada dia um novo Rio. Mais integrado, inteligente e inclusivo. Nós somos a Cidade Olímpica! Uma cidade, que se transforma dia após dia, tem muito o que mostrar.	https://youtu.be/GCe8vdAzGPE
82	A Batalha dos Parques	1:28	26/02/2016	"Pega a visão, você tá de bobeira. Esse é o lugar, é o Parque Madureira. Quem manda! Aí, o Parque bomba, subúrbio do Rio, berço do samba." "Se liga Ramonzin muito respeito à Madureira, mas o Parque Radical vai te fazer comer poeira. Bota o capacete, vem se tiver coragem, não se esquece de remar no circuito de canoagem." "Marcão, tira o boi da sombra, se liga na minha praia, vou tirar sua onda. Saca só a melhor pista da América Latina, cê não ganha essa batalha porque essa arena é minha." "Aqui em Deodoro a galera pediu bis, fica ligado na curva da pista de BMX. Não importa quem tá em primeiro ou segundo, pode ficar tranquilo, tem parque pra todo mundo." Mc Marcão e Ramonzin. Vistas dos elementos do Parque e pessoas em momento de recreação.	Se liga nesse som, escuta essa batida, na batalha desses parques a festa é garantida. De um lado o Parque Madureira e de outro o Radical, dá logo o play no vídeo, vai ver que é genial!	https://youtu.be/cEaanb6kZMQ
83	Conheça o Novo Rio	3:02	12/04/2016	Vistas do Parque Madureira. Finaliza com os Aros Olímpicos do Parque.	A Cidade Olímpica já é realidade. Museus, corredores exclusivos para BRT, uma nova orla na Região Portuária, novas vias e parques são apenas algumas das transformações da cidade.	https://youtu.be/4-vpJB8fkh4
84	100 dias para os Jogos	1:41	27/04/2016	Aros Olímpicos do Parque Madureira, duas vezes, e vista aérea e da cascata hidráulica.	Faltando 100 dias para os Jogos, a cidade já é Olímpica. A mudança já se reflete no dia a dia do carioca, da Zona Norte à Zona Oeste Uma cidade, que se transforma dia após dia, tem muito o que mostrar.	https://youtu.be/hdO9EzpAVHk
85	50 dias para os Jogos	2:10	16/06/2016	Citação e tomada de crianças brincando no Parque Madureira	Uma cidade, que se transforma dia após dia, tem muito o que mostrar.	https://youtu.be/RKP_owXNq_I
86	A Cidade Olímpica já é uma realidade	3:01	17/06/2016	Apresentação das grandes obras da Prefeitura, incluso o Parque Madureira. Despedida com os Aros Olímpicos do Parque.	Museus, corredores exclusivos para BRT, uma nova orla na Região Portuária, novas vias e parques são apenas algumas das transformações da cidade. Um Rio que se transforma dia após dia, tem muito o que mostrar.	https://youtu.be/d9Ik_lCq3Po

87	Rio, uma cidade mais integrada	2:22	29/06/2016	Visão final com os Aros Olímpicos de Madureira	Uma cidade, que se transforma dia após dia, tem muito o que mostrar.	https://youtu.be/qZ_5nGMKB8Y
88	Conheça o Parque Madureira	1:28	11/07/2016	Apresentação do Parque Madureira focada no turismo das olimpíadas	Uma cidade, que se transforma dia após dia, tem muito o que mostrar.	https://youtu.be/dokMjhsvT2w
89	Boulevares Olímpicos	1:57	30/07/2016	Informações sobre o Boulevard Olímpico do Parque Madureira, com tomadas do parque.	Uma cidade, que se transforma dia após dia, tem muito o que mostrar.	https://youtu.be/4xGGlrVnxCE
90	Os Jogos Rio 2016 chegaram!	3:38	05/08/2016	Tomadas de dançarinos fazendo passinho no Parque Madureira. Único ponto do subúrbio apresentado na música.	Depois de sete anos de espera, o grande dia finalmente chegou! As Olimpíadas são uma realidade e o Cidade Olímpica comemora com você!	https://youtu.be/5QB8moK3J7s
91	Por dentro dos Jogos: região Deodoro	1:54	11/08/2016	Baldeação de transporte em Madureira	Uma cidade, que se transforma dia após dia, tem muito o que mostrar.	https://youtu.be/enJXDmPfwAI
92	A festa dos boulevares olímpicos	2:11	12/08/2016	Informações sobre os eventos de promoção da olimpíada no Parque Madureira	Uma cidade, que se transforma dia após dia, tem muito o que mostrar.	https://youtu.be/s-u-G5aNNP0
93	Torcedores fazem a festa nos Jogos	2:05	16/08/2016	Vistas aéreas do Parque Madureira	Uma cidade, que se transforma dia após dia, tem muito o que mostrar.	https://youtu.be/S55AuD9AcrY
94	Expansão do Parque Madureira	2:18	07/09/2016	Apresentação da expansão do Parque Madureira em Rocha Miranda e Honório Gurgel, começando com uma introdução sobre o bairro de Madureira somente.	Uma cidade, que se transforma dia após dia, tem muito o que mostrar.	https://youtu.be/cLfrSbse6A0
95	Arenas Cariocas	2:10	25/10/2016	Informações sobre a Arena Carioca Fernando Torres	Uma cidade, que se transforma dia após dia, tem muito o que mostrar.	https://youtu.be/5G8K8hs6okc
96	Naves do Conhecimento: tecnologia ao seu dispor	1:21	31/10/2016	Vistas da Nave do conhecimento de Madureira	Uma cidade, que se transforma dia após dia, tem muito o que mostrar.	https://youtu.be/mOXdWe9KcrQ
97	A história de um novo Rio	2:01	11/11/2016	Discurso de ampliação da cidade e INTEGRAÇÃO de novas áreas ao conjunto de bairros servidos por serviços públicos. Vista aérea do Parque Madureira.	Uma cidade, que se transforma dia após dia, tem muito o que mostrar.	https://youtu.be/9R3DW5s3CQ0
98	A história de um novo Rio - Mobilidade	4:32	18/11/2016	Tomadas aéreas do Brt transcarioca e estações de Madureira	Uma cidade, que se transforma dia após dia, tem muito o que mostrar.	https://youtu.be/ShAXgdZA45s
99	A história de um novo Rio - Renovação Urbana	5:54	20/11/2016	"Em um dos bairros mais tradicionais da cidade, no coração da Zona Norte o Parque Madureira caiu no gosto do carioca e virou unanimidade." -	Uma cidade, que se transforma dia após dia, tem muito o que mostrar.	https://youtu.be/xNjIBVp8XXk

				<p>Narrador</p> <p>"A importância que ele tem como uma oferta de área pública de qualidade para uma região historicamente carente de serviços e de áreas de lazer. A importância também dele ser um atrativo até pra pessoas da Zona Sul e aqui da Barra e etc, de ir até Madureira e com isso estar conhecendo um pouco mais da nossa cidade." - João Pedro Kackheuser.</p> <p>"É um ponto de encontro de todas as tribos e atrações para todos os gostos. E se tornou símbolo de uma cidade que vai bem além da Zona Sul" – Narrador.</p>		
100	A história de um novo Rio - Sustentabilidade	4:52	21/11/2016	Tomadas de vistas do Parque Madureira	Uma cidade, que se transforma dia após dia, tem muito o que mostrar.	https://youtu.be/1TusdMi6BBk
101	#CIDADEOLIMPICA A - Acme	0:47	21/11/2016	Grafitagem da letra "A" no Parque Madureira com os Aros Olímpicos de fundo	Uma cidade, que se transforma dia após dia, tem muito o que mostrar.	https://youtu.be/CljEMzjewbE
102	Mudanças 1	1:00	21/11/2016	"A terra do samba (Madureira) agora tira onda com o skate no pé, ganhou até cartão postal."	A Olimpíada está trazendo mais do que apenas a Olimpíada. O Parque Madureira, os EDIs, os novos BRTs são apenas algumas das transformações que o Rio vem passando nos últimos anos. E isso é só o começo.	https://youtu.be/Zaa8VObkmo
103	Mudanças 2	1:00	21/11/2016	"Com as Naves do conhecimento o subúrbio carioca ficou tão conectado que tem gringo chamando a gente de Smart city." -Apresentando as Naves do conhecimento em Madureira.	A Olimpíada está trazendo mais do que apenas a Olimpíada. Novas Clínicas da Família, construção do Porto Maravilha e as inúmeras Naves do Conhecimento são apenas algumas das transformações que o Rio vem passando nos últimos 6 anos. E isso é só o começo.	https://youtu.be/IXuCYmuVcWU
104	A história de um novo Rio - Turismo	4:44	22/11/2016	"O Parque Madureira transformou Madureira numa centralidade nova. Deixa de ser um lugar só de negócios ou berço do samba e vira também um lugar, um espaço de lazer. Você cria uma outra relação com a cidade ali." - Marcus Faustini	Uma cidade, que se transforma dia após dia, tem muito o que mostrar.	https://youtu.be/8OAdma6_0Do
105	A história de um novo Rio - Cultura	4:49	22/11/2016	Tomadas de passinho no Parque Madureira e Baile Charme no Viaduto.	Uma cidade, que se transforma dia após dia, tem muito o que mostrar.	https://youtu.be/luZQI9zHMQY

106	A história de um novo Rio - Tecnologia	5:15	28/11/2016	Citação e tomada de crianças brincando no Parque Madureira	Uma cidade, que se transforma dia após dia, tem muito o que mostrar.	https://youtu.be/ gwJad6GOF8M
107	A história de um novo Rio - Ações Sociais e Direitos Humanos	3:35	28/11/2016	Vista aérea do Parque Madureira	Uma cidade, que se transforma dia após dia, tem muito o que mostrar.	https://youtu.be/ O9m0BT-ANS0
108	A história de um novo Rio - Gestão e Finanças	4:45	28/11/2016	Vistas aéreas e dos elementos do Parque Madureira (5 vezes)	Uma cidade, que se transforma dia após dia, tem muito o que mostrar.	https://youtu.be/ m1T8QrT5dUE
109	A história de um novo Rio - Legado e Esporte	5:12	28/11/2016	"A gente tem algumas intervenções simbólicas, né? Eu acho que o Parque - que são as de maior porte, né? - Eu acho que o Madureira, a intervenção no centro e os Jogos Olímpicos. Eu acho que o somatório dessas três intervenções certamente trouxe um resultado bom, e certamente fez com que as pessoas entendessem que é possível um novo modelo de cidade aí pra frente." - João Pedro Backheuser, arquiteto da orla conde. Vistas aéreas e dos elementos do Parque Madureira	Uma cidade, que se transforma dia após dia, tem muito o que mostrar.	https://youtu.be/ s7Anonz8Q